

Traficantes de heroína capturados em Lisboa

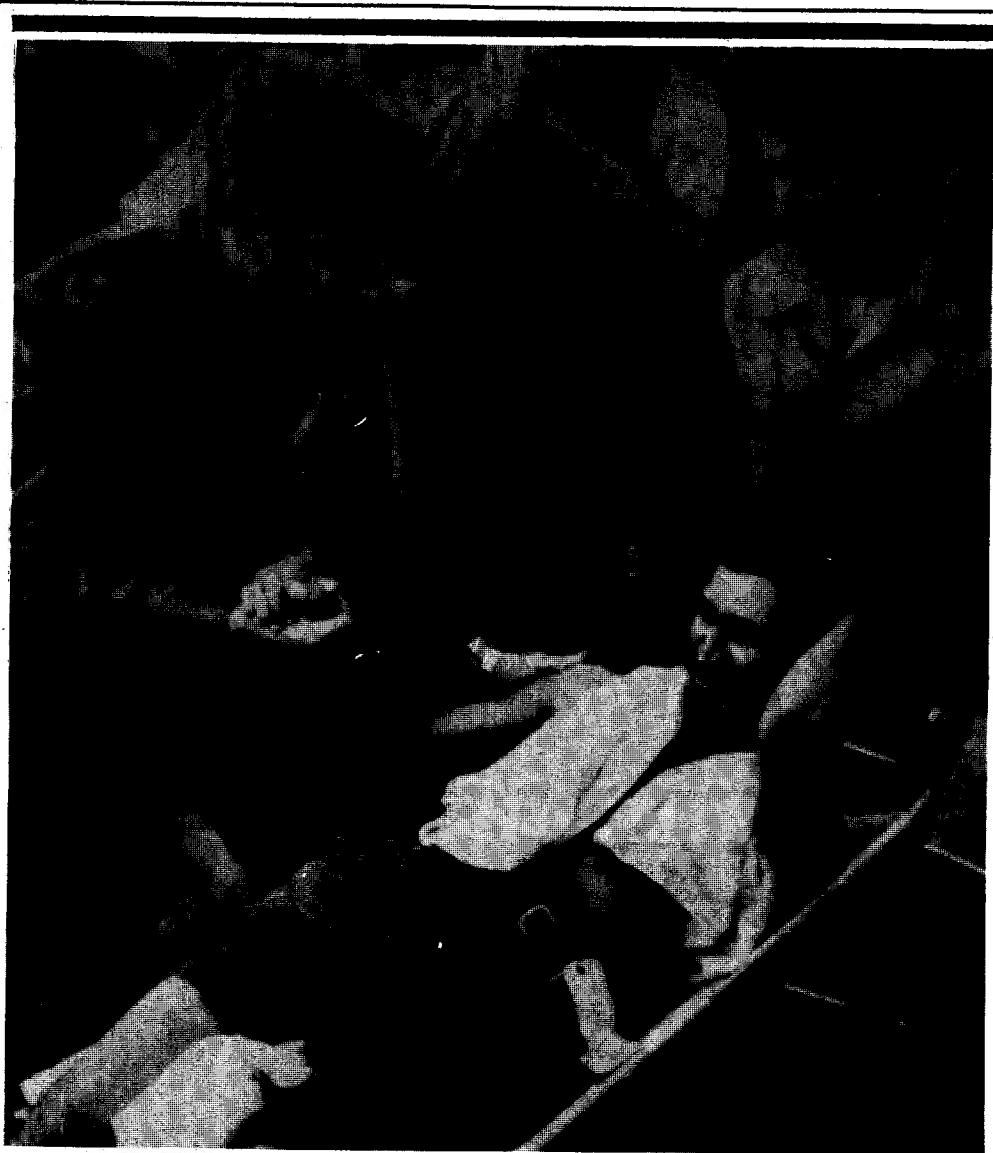
Uma quadrilha de traficantes de heroína, com base na Holanda, foi capturada na madrugada de hoje em Lisboa por agentes da brigada especial da primeira divisão da PSP — apurou a Anop junto de fonte ligada à investigação. Na altura foram presos três cabo-verdianos, um dos quais naturalizado holandês, e apreendidas três embalagens de heroína, um automóvel de luxo e grande quantidade de dinheiro nacional e estrangeiro.

Cimeira Ibérica Gonzalez solicitou encontro com Eanes

págs. 10 e 11

Mértola deseja o progresso mas sem energia nuclear

Pág. 8



Feridos de Granada chegam a Havana

Fidel Castro recebeu pessoalmente no aeroporto José Martí, em Havana, os primeiros 57 feridos cubanos de Granada, chegados a bordo de um aparelho fretado pela Cruz Vermelha Internacional. Na ilha invadida, as forças americanas continuam a cercar a Embaixada cubana (foto NP).

Págs. centrais

Crédito à habitação e banca privada à mesa do Governo

Pág. 5

À RFA também não agrada a hipótese de norte-americanos na Base de Beja

Pág. 6



Maya Plisetskaya hoje no Coliseu

Pág. 19

Hoje

Diário de Lisboa

ESGREVER

Frédéric Tristan
Mistificador e místico

O que fazem os poetas com as palavras

Roman Jakobson

Antes de começar a ler este livro, o leitor deve saber que se trata de uma obra de grande importância. O autor, Roman Jakobson, é um dos maiores especialistas em linguística e poesia. Neste livro, ele analisa a função da palavra na poesia, mostrando como os poetas usam as palavras para criar uma linguagem única e misteriosa. O livro é dividido em duas partes: a primeira trata da função da palavra na poesia e a segunda trata da função da palavra na linguagem cotidiana. O livro é uma obra de grande importância para quem quer entender a linguagem da poesia.



Benfica e Porto de pé na Europa

No abraço de Chalana a Filipovic, como na alegria de João Pinto e Zé Beto fica o espelho dos dois clubes que avançaram na Europa futebolística: Benfica na Taça dos Campeões e FC Porto na Taça dos Vencedores das Taças. Menos feliz, o Sporting sofreu desaire copioso: e retirou de Glasgow fora da taça uefeira. De qualquer modo, o futebol português continua pela estrada europeia.

Págs. 15 a 17

O "DL" acompanha o Rallye SAGRES EUROPA com o patrocínio.



O lado oculto do Oriente

Dois mundos que coexistem na mesma realidade: o incenso e a electrónica. Dois pólos que a argúcia dos operadores turísticos mitificou.

Oriente. A expressão só por si traz associada uma auréola de penumbra poética mais ou menos indefinida, e uma exalação de misterioso e exótico irresistível, que se vem acumulando no espírito dos aventureiros, pelo menos já desde o tempo das caravelas.

Hoje em dia, no Ocidente, o outro lado do mundo é-nos trazido pelos livros, jornais, filmes, televisão e todos os veículos de cultura em geral.

Assim, conhecemos a China de Pearl S. Buck e dos concertos de Jean-Michel Jarre; o Japão do cinema daí oriundo, por vezes bastante incompreensível fora das elites dos festivais internacionais, e ainda da imortalização no cinema de obras como a baseada na ópera «Madame Butterfly»; a Índia de «Gandhi»; a Malásia de Sandokan; o Vietname e o Pacífico de quase todos os filmes de guerra americanos; e em geral até dos tele-discos dos grupos musicais da nossa década e do incenso que se vende no chão do metro. Isto, só para citar alguns exemplos.

Poderíamos ainda pensar em milhares outras coisas que emanam da representação que fazemos do Oriente: toda a espécie de raridades e tesouros incalculáveis, o esplendor das sedas, e a preciosidade dos jades, corais e pérolas, as mobílias de bambu e palhinha, as porcelanas e as lacas, a vegetação luxuriante, a «Viagem ao Mundo da Droga», as filosofias exóticas, o Yoga, o Harakiri e o Karma Sutra, todas as artes marciais, os tratamentos de saúde naturalista, a alimentação vegetariana, a acupunctura, os biombos com flores de lótus, as lanternas vermelhas, os restaurantes chineses da moda, em que se come com pausinhos alguma coisa que não se sabe bem o que é, etc...

Mas, para além desta imagem poética e um tanto ou quanto fluida, há uma outra face a descobrir, mais concreta e menos divulgada nos alardes das excelências turísticas, exceptuando talvez o caso da «avançada técnica japonesa», «slogan» com que é apresentada toda a modernidade nipónica da electrónica e dos computadores.

É esse outro Oriente, oculto nas discretas etiquetas de identificação da origem dos utensílios e produtos que usamos quotidianamente, sem no entanto sentirmos por isso nenhuma comoção especial.

Se estivermos atentos, reparamos que não é absolutamente nada difícil encontrar um «made in Japan, Hong Kong, Korea, Taiwan, Singapore, China e até Macau».

De facto, quando você sentado em frente ao seu televisor é apanhado pela publicidade e até se deleita (confesse!) a ver os reclames chiquérrimos das canetas lacadas e o «design» elegantíssimo dos isqueiros, que ainda por cima têm a inovação de um relógio electrónico muito provavelmente até está em frente de um produto, senão completamente fabricado, pelo menos, montado em Macau.

E quando você pára extasiado em frente da mostra de uma relojoaria espectacular, embasbacado pelo preço de um artigo que inclui pelo menos três zeros?

E quando você quer comprar qualquer coisa realmente boa e decide procurar uma marca famosa que lhe dê toda a confiança?

E quando em tantos outros casos, satisfeitiíssimo com a compra do seu rádio ou gravador de cassetes, você o mira e remira, e gaba o som e a saída das colunas aos seus amigos, e um deles todo entusiasmado aponta umas letras miudinhas e discretas, para não dizer ocultas: «Olha que engraçado, é feito em Macau», deixando-o a si boquiaberto e até desconsolado.

Mas, quanto a isso não se preocupe. Na realidade, grande parte dos artigos electrónicos produzidos no território poucas vezes chegam ao seu destino com qualquer tipo de identificação comprometedor.

Tendo visitado duas fábricas escolhidas ao acaso das cerca de trinta deste ramo existentes em Macau, verificámos que isso se passava muito correntemente.

A produção de ambas as empresas destina-se à exportação para vários países da Europa, principalmente Inglaterra, França e Alemanha Federal, Médio Oriente, Estados Unidos da América, Canadá e República Popular da China.

Na maioria destes países, os produtos são vendidos com o nome na etiqueta de marcas registadas famosas e, em poucos casos, se encontram sequer com qualquer indicação de que foram montados ou feitos em Macau. Aliás, o próprio nome da marca registada é muitas vezes impresso aqui, acrescentado de um «made in Germany, Italy, France, etc.»

É fácil entendermos isto se soubermos que tudo se passa de uma forma bastante simples. As empresas estrangeiras fazem encomendas às fábricas do território, que produzem artigos rigorosamente, segundo os trâmites exigidos pela empresa. Os moldes de produção são, passo a passo, segundo as mesmas fases, idênticos aos existentes na empresa que faz a encomenda.

Assim, a fábrica em Macau não faz mais do que cumprir as condições estipuladas a nível de material a adquirir e onde o fazer, de controlo de qualidade, prazos de entrega, etc.

A primeira fábrica que visitámos, cuja produção se centra em relógios digitais e analógicos, canetas e isqueiros com relógio electrónico, é uma sucursal de uma firma de Hong Kong, em relação à qual a produção de Macau constitui cerca de 30% do total.

Embora dependente de Hong Kong a nível de controlo das encomendas para exportação, a produção de Macau, que emprega cem trabalhadores, é neste momento de seis a oito mil unidades diárias, dependendo, no entanto, o ritmo de produção do tipo de trabalho a fazer.

Todo o material utilizado na linha de fabrico é importado em bruto separadamente, de diversos países: Japão (nomeadamente o «design» dos isqueiros), Taiwan, Hong Kong, etc. Em Macau é montado, testado e geralmente totalmente acabado. Por vezes, os últimos retoques ficam a cargo de Hong Kong.

É de salientar que, neste caso específico, as despesas de



Por 480 escudos diários este operário monta aparelhos que serão exportados para a América, Europa e para a China ali ao lado



Como em todo o mundo, para a indústria de electrónica a mão-de-obra feminina é preferencial

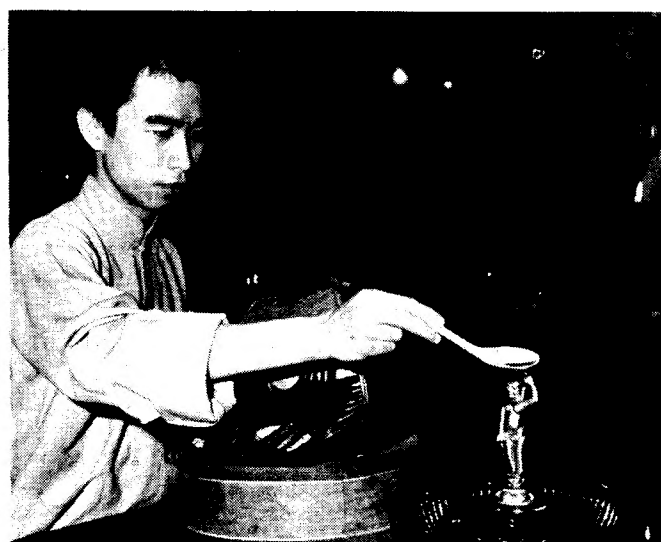
transporte e taxas de importação sobre o material em bruto, e todos os encargos daí resultantes, conseguem ser compensados mantendo o preço do produto final equivalente ou inferior ao de Hong Kong.

Acontece que se, por um lado as taxas de importação que se pagam se referem apenas ao acréscimo no valor da mercadoria transformada no Território, por outro lado, os salários pagos aos trabalhadores de Macau também são mais baixos devido à grande oferta de mão-de-obra barata, o que reduz consideravelmente os custos.

O pessoal está especializado no trabalho que efectua e, embora no geral a tarefa seja sempre idêntica, há pequenas variações relativas aos diferentes tipos de artigos encomendados.

Acrescentamos que nas duas empresas o salário médio é de cerca de trinta patacas referente a oito horas de trabalho diárias durante seis dias por semana, sendo as horas extraordinárias pagas no valor de uma hora e meia de trabalho normal. Só são necessárias, no entanto, quando a produção se encontra atrasada ou em épocas de muito trabalho, o que ultimamente tem sido raro.

A segunda fábrica que contactámos, inaugurada no fim dos anos sessenta, tem um capital pertencente inteiramente a in-



O fabrico de figuras míticas e meramente decorativas e das mais antigas e rentáveis indústrias locais.

vestidores de Macau e emprega 270 trabalhadores.

Toda a sua produção, constituída actualmente por rádios, gravadores de cassetes, leitores de cassetes portáteis estereofónicos, mecanismo de «decks» para futuras montagens, rádio-relógios, etc., se destina à exportação, orçando um «out put» de cerca de quinhentos leitores de cassetes e oitocentos rádio-relógios.

Aqui todos os passos são dados até ao fim da produção, desde o recorte da chapa à montagem dos circuitos integrados (selecção e junção de diodos, transistores, acumuladores, condensadores e resistências que na sua maioria são provenientes de Taiwan e Hong Kong), o controlo da voltagem e da receptividade de frequências que é feita automaticamente e testado num monitor, embora também se

utilize a sensibilidade humana. Abre-se aqui uma excepção para o mecanismo de «deck», que se destina a futuras utilizações e montagens.

O pessoal não está restrito a uma só tarefa e roda na linha de produção. Este facto deve-se ao montante reduzido das encomendas em relação à capacidade das máquinas existentes. Assim, depois de acabada uma primeira fase, e visto que dentro de pouco tempo não será necessário trabalhar nessa zona, todo o pessoal se desloca para outra linha, continuando aí o ciclo de montagem.

Tendo interrogado os nossos interlocutores sobre este assunto, opinaram que, de facto, a situação actual se encontra um pouco debilitada devido às diferenças pouco vantajosas do câmbio e à falta de confiança.

No entanto, as encomendas mantêm-se e, até porque o Natal se aproxima, a procura supera a produção, não deixando prever qualquer redução significativa na aceitação do mercado.

De resto, analisando, as estatísticas dos últimos dois anos e a evolução dos primeiros seis meses do ano corrente verificamos que o valor da exportação definitiva tem vindo a aumentar bem como a percentagem de artigos electrónicos em relação ao total.

Podemos até salientar que só nos primeiros seis meses deste ano a informação dos Serviços de Estatística indica que o parágrafo englobando máquinas e aparelhos eléctricos e objectos para uso electrotécnico excedeu já o valor do ano passado para o total desta secção.

Este facto poderá de algum modo explicar a crescente importação temporária de bens, já que a reexportação também aumentou.

Querendo saber o preço de custo de um artigo acabado em Macau e posto à venda na Europa, responderam-nos proverbialmente que «o segredo é a alma do negócio». Do mesmo modo que se mostraram relutantes quando inquiridos porque é que o número de série não era gravado no artigo mas colado com autocolante.

No entanto, acrescentaram-nos depois que o preço para um europeu de um produto de Macau seria provavelmente acrescido de mais de 60% do seu valor à chegada ao Velho Continente e que a indústria electrónica constitui na realidade um óptimo investimento em Macau.

Outro aspecto pitoresco desta indústria é a embalagem em caixas de cartão pertencentes a todo o tipo de produtos menos a artigos electrónicos. Porquê?

A razão é simples, apenas uma questão de preço. As caixas de cartão lisas, além de pior qualidade são bastante mais caras que as outras, que foram encomendadas especialmente por outras empresas, e que estão em armazém há vários anos, tendo portanto o preço antigo. Isto, para não falar das que depois de usadas são reaproveitadas e vendidas quase de graça. Assim subtraem-se sem dúvida encargos importantes.

De modo que, se algum dia você vir uma camioneta qualquer cheia das mais diversas caixas, laranjas, bananas, várias marcas de tabaco ou refrigerantes, bolachas, chocolates, não se deixe enganar. Não é de modo nenhum um fornecedor de mercadorias. É muito simplesmente um carregamento de artigos electrónicos para exportação. «Made in Macau»...

Manifesto aos Oficiais do Exército

- Aos que estão na reserva, em particular
- A todos, em geral

Manuel Pinto dos Santos

Para os devidos efeitos faz-se constar o seguinte:

O Departamento de Pessoal do Exército, tem em fase de adiantada preparação um projecto de dec.-lei, com o qual pretende resolver alguns dos casos que se integram na chamada problemática do QP/QC. Entre eles são visados com especial acuidade os maiores e tenente-coronéis que, tendo atingido o limite de idade no posto, depois de 1 de Janeiro de 1982, passaram à situação de reserva;

Alerta-se deste modo todos quantos, naquela situação, afastados do serviço e longe dos locais habitualmente bem informados, trabalhando em casa ou por conta de outrem, amanhando terras ou administrando empresas, tenham vindo a manifestar interesse em usufruir da eventual promoção ao posto imediato, e que possam deixar passar, por incuria involuntária ou por desconhecimento resultante da má informação que sempre envolve a publicação de um diploma deste tipo, que lhes irá ser concedido um prazo de 30 dias, após a publicação em «DR» da referida legislação, para declararem por escrito e em instância própria, o seu desejo de voltarem ao serviço activo, ao abrigo das novas disposições legais.

Diz o projecto: «Só poderão usufruir do disposto neste artigo os oficiais que 30 dias após a publicação deste diploma se encontrem na efectividade de serviço e o declarem.»

Ficam deste modo avisados todos quantos, pelos seus novos afazeres, públicos, privados ou domésticos, possam deixar passar em claro tão especioso preciosismo da lei, quase sempre de reduzidíssima circulação e apenas do conhecimento de meia dúzia de carolas que outra coisa não fazem que rondar com zelo e algum saudosismo os gabinetes da «inteligentzia» militar, à cata de novidades e à espreita de oportunidades.

Trinta dias voam e, uma vez esgotados, lá se vai o ensejo histórico de verem aplicados os efeitos de uma lei a interesses pessoais e profissionais até agora prejudicados.

Esta situação, cuja implementação se prevê para breve, faz-me lembrar a polémica da Lei do Serviço Militar n.º 2135 de 11 de Julho de 1968.

Esta lei, ainda em vigor porque nunca revogada sequer em parte, preconiza no seu parágrafo 37, exactamente isto, que entre comas transcrevo na parte que interessa: «Finda a preparação para ingresso no QP será, para todos os efeitos, contado como presta-

do neste QP, o serviço efectivo dos oficiais do QC, prestado no comando de tropas em campanha.»

Em nenhum ponto, parágrafo, artigo ou alínea do referido DL se fixam prazos para que os oficiais requeiram a sua aplicação ou outras referências que restrinjam no tempo o usufruto dos seus efeitos aos oficiais a quem a lei se destina.

Repare-se neste sintoma claríssimo da não caducidade daqueles efeitos: tratando-se de uma lei de Julho de 68 e tendo a guerra em África (onde se adquiriu o qualificativo de «comando de tropas em campanha») visto o seu termo no decorrer do ano 1974, todos os oficiais que em 73/74 comandaram tropas com a idade, que se considera mínima, de 22 anos, só poderiam frequentar a AM até 78/79 (atendendo ao limite dos 27 anos imposto aos oficiais milicianos como idade máxima para concorrerem àquela Escola). Entrando na Academia Militar em 78/79, saíram dela (incluindo o Tiocínio) em 82/83.

Consequentemente, até 82/83 houve oficiais com capacidades normais para usufruírem da aplicação do parágrafo 37 da Lei 2135, atrás transcrito.

Daqui resulta que até Setembro deste ano o tempo de comando de tropas em campanha, deveria ter sido automaticamente contado como prestado no Quadro Permanente, logo após a promoção a Alferes e o ingresso naquele mesmo quadro.

Mas o que diz a lei nem sempre tem correspondência na vontade ou na honestidade de quem assume os lugares de chefia, portanto, o superior encargo de fazer aplicar a lei com isenção e sem ambiguidades.

No meio militar, as chefias assumem (de novo, diria eu) o lado mau da autoridade, isto é, a sistemática arbitrariedade com que julgam a seu bel-prazer, se uma lei é boa ou má, se é oportuna ou inoportuna, se estabiliza ou desestabiliza e, também, o poder discricionário com que a interpretam, quase sempre na óptica da ambiguidade, da susceptibilidade de grupos de pressão e numa indistincta posição de quem não olha ao carácter constitucional das leis da República que lhes compete salvaguardar, mas sim à defesa habilidosa dos cargos importantes que ocupam.

Diga-se para que todos saibam: Depois da publicação da Lei 2135, atrás referida, apenas a dois, eu repito, apenas a dois oficiais ela foi aplicada — ao capitão de Infantaria, Américo Taliscas e ao capitão de Cavalaria, José Maria Gonçalves, ambos do Corpo de Tropas Pára-quedistas, os

quais, por força dessa justa aplicação, viriam a ser promovidos a maiores.

Alguém fará ideia de quantos outros, como aqueles capitães, comandaram tropas em campanha e se tornaram depois oficiais do QP, após a frequência da AM? Não especulemos com números, mas partamos da ideia certa de que foram bastas dezenas os que passaram por essa dupla experiência. Inexplicavelmente, a nenhum outro foi dado o direito ao usufruto dos efeitos daquela lei, do mesmo usufruto dado aos capitães Taliscas e Gonçalves. Alguns requeireram para o general CEME e viram os seus requerimentos indeferidos. Recorreram para o STM e receberam acórdãos desfavoráveis com a estulta argumentação da «extemporaneidade».

Ao general CEME, ao general-ajudante-general, a todos os generais e brigadeiros que gravitam na esfera da Chefia do Exército, não lhes tremará a mão ao exercerem a competência de indeferir, com a veledade com que o fazem, a aplicação de uma lei que a todos obriga, a começar por eles?

Srs. generais: É ou não é verdade que a Lei 2135 de 11 de Julho de 1968, é um diploma legítimo da República e que nenhum cidadão pode ignorar as garantias que ela confere a quem se inscreva na órbita legal dos seus efeitos? É ou não é verdade que ao parágrafo 37 da mesma lei, nenhuma outra interpretação, objectiva ou subjectiva, poderá ser dada, que não seja a da imediata aplicação aos oficiais saídos da AM da antiguidade correspondente ao tempo de comando de tropas em campanha, adquirido ainda na qualidade de oficiais milicianos? É ou não é verdade que apenas a dois oficiais a lei foi até agora aplicada e a todos os outros foi ela sistematicamente negada?

Porquê, srs. generais?

Será de mais a exigência de uma explicação pública, num Estado de Direito e no quadro de uma Constituição Democrática, quando cidadãos existem que se sentem lesados por aquilo que entendem ser o espezinhamento de uma Lei da República?

Respondam, srs. generais, para que não paire a dúvida de que o Exército, à semelhança do que tem feito a Chefia da Força Aérea em relação à Lei da Amnistia, ignora e faz tábua rasa das leis que, aparentemente, não interessam a alguns dos seus chefes ou a alguns dos chamados grupos de pressão.

Dizem-nos e a gente espanta-se e não acredita que a lei não foi aplicada aos demais, por legada extemporaneidade, isto é, por ter sido requerida a sua aplicação fora de tempo! (1)

Será verdade, srs. generais?

Será verdade que na lei vem expresso o prazo para que o interessado requeira a sua aplicação? Onde? em que parágrafo?

Se a lei diz expressamente que «será, para todos os efeitos, contado como prestado no QP o serviço efectivo dos oficiais do QC, prestado no comando de tropas em campanha», por que razão os serviços de matrícula das próprias unidades e serviços não promovem automaticamente as medidas administrativas necessárias para que aquele tempo de comando de tropas — que se encontra registado nas folhas curriculares de cada um dos interessados — seja imediatamente acrescido à antiguidade dos mesmos oficiais após o ingresso no QP? Se o não fizerem mais cedo, porque o não fazem agora, com a lei ainda em vigência e inexplicavelmente por cumprir?

É este um dos graves problemas nucleares da vasta problemática do QP/QC, que o projecto de D.-Lei em preparação, não contempla.

Foi-nos dito e é já do domínio público, que um número significativo de capitães afectados por tamanha iniquidade se dirigiram ao digníssimo Provedor de Justiça onde apresentaram queixa contra quem se nega a cumprir sem hesitações os ditames de uma lei e que, simultaneamente, teriam apelado a uma intervenção do sr. ministro da Defesa. E tudo isto, srs. generais, porque ao nível dos capitães se entende que nenhuma autoridade da que vos foi conferida, poderá ser usada contra a autoridade de uma lei. A desta é universal e a todos obriga a um respeito absoluto — custe o que custar e doa a quem doer. Por isso é Lei.

Que alguém neste país ponha cobro a situações deste tipo que em nada prestigiam o Estado soberano que somos, a Constituição que temos e a Democracia que desejamos cada vez mais democrática.

Ou será que a própria hierarquia, pela inércia, pela teimosia e pela resistência aos postulados legais, pretende conduzir os militares a actos indesejáveis de indisciplina?

(1) Aqui entronca este caso com a razão do Manifesto com que abro o artigo.

(*) Muitos dos detractores do actual general CEME — e não serão muitos, convenhamos — embaixarão em arco com as críticas que lhe apontamos neste doloroso desabafo. São os pobres de espírito que, como galinhas, esgaravavam o chão à procura de migalhas que lhe alimentem o ódio. Podem estar certos de que em relação ao general CEME nem lhe fazemos freios, nem o eximimos às nossas críticas quando necessário. É que no melhor pano pode cair a nódoa...

O Primeiro-Ministro recebeu ontem o provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e aceitou o convite para presidir no dia 18 ao jantar comemorativo do bicentenário da instituição.



Um comunicado da Santa Casa refere também que Mário Soares aceitou o convite para visitar a sede da instituição durante o mês de Novembro.

No âmbito das comemorações do bicentenário, estão previstas para o dia 18 a celebração de uma missa na igreja de São Roque e a deposição de uma coroa de flores, pelo provedor, no túmulo da rainha D. Maria I, na Basílica da Estrela.

MEIOS aéreos e centros coordenadores de Espanha e Portugal efectuarão este mês, em águas do arquipélago das Canárias, os Exercícios de Procura e Salvamento (Samar) Morsa-83 — informou o ministério da Defesa.

Os exercícios consistirão na procura e salvamento de náufragos depois de um hipotético acidente de aviação civil e permitirão o treino conjunto das Forças Aéreas dos dois países e a verificação de funcionamento da rede de comunicações.

No Morsa-83, que será dirigido pelo Centro de Coordenação de Salvamento de Canárias, participará pela parte espanhola dois F-27, um caça C-212 Aviocar, e um helicóptero Aeropatlale HD-21 Superpuma.

Da Força Aérea Portuguesa participará um avião C-130 Hércules e um caça C-212 Aviocar.



REALIZOU-SE, ontem, na Igreja da Força Aérea, uma missa de sufrágio pelos mortos da Força Aérea a cuja celebração presidiu o capelão-chefe da FAP coadjuvado por actuais e antigos capelães deste ramo.

Em representação do general CEMFA, esteve presente a esta celebração o vice-chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Brochado de Miranda, além de representantes dos generais CEMGFA, CEME e CEMA, outras altas entidades militares e adidos aeronáuticos acreditados no nosso país.



UMA «delegação de signatários da declaração de protesto pela invasão de Granada» foi recebida pelo cônsul norte-americano no Porto, a quem entregou um abaixo-assinado de cerca de 400 intelectuais desta cidade.

«Reforçando verbalmente o repúdio pela inqualificável atitude de ingerência por parte do governo norte-americano na vida e no destino do povo granadino», o documento entregue na Embaixada exige a «imediata retirada das tropas norte-americanas de Granada».

Álvaro Salazar, Armando de Castro, Luís Oliveira Dias, António Augusto Tavares, Ilda Figueiredo, Oscar Lopes e Raul de Castro são alguns dos signatários do documento.

MÁRIO Soares enviou um telegrama de felicitações a Raul Alfonsín pela vitória nas recentes eleições presidenciais na Argentina — informou o gabinete do Primeiro-Ministro.

«Felicito-o calorosamente pela histórica vitória eleitoral e formulo sinceros votos para que, em democracia, a Argentina encontre o caminho da concórdia nacional e da recuperação económica» — diz o comunicado de Mário Soares.



AS missões diplomáticas africanas acreditadas em Portugal manifestaram, em comunicado, «profunda indignação e repulsa» pelo ataque da África do Sul a instalações do ANC em Maputo, no dia 17 de Outubro.

Tais investidas contra objectivos civis — acrescenta o comunicado — são bem o testemunho de como os acontecimentos na África do Sul sofreram uma viragem caracterizada por uma combinação de brutais acções militares com esforços diplomáticos, aparentemente conciliatórios, visando a resolução do grave conflito que opõe o país do «apartheid» à África independente.

PRESIDIDA pelo general Melo Egídio, chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, efectua-se amanhã a abertura solene do ano lectivo de 1983-84 da Academia Militar. No decorrer da sessão solene, com início às 10 horas, será proferida a oração de sapiência pelo professor catedrático da Academia, eng. Silva Lima, finda a qual serão distribuídos os prémios escolares relativos ao ano lectivo transacto.



O presidente do Governo Regional da Madeira, **Alberto João Jardim**, entregou a Esterlícia Dourada, principal galardão da Direcção Regional de Turismo da Madeira, ao escritor e produtor de rádio e televisão sueco Nils Dahlbeck.

A cerimónia decorreu na Rotunda da Ópera em Estocolmo, no âmbito da Semana da Madeira na Escandinávia.

Segundo o Centro de Turismo de Portugal em Estocolmo, Dahlbeck, vice-presidente do Fundo Mundial de Protecção à Natureza, tem contribuído «para o desenvolvimento da popularidade altamente desfrutada pela Madeira nos países nórdicos».

FERNANDO Gomes poderá vir a acumular a Secretaria de Estado da Habitação com a do Fomento Cooperativo, esta última deixada em aberto com a demissão de Mesquita Machado — disse à Anop uma fonte socialista.

Esse assunto e o pacote legislativo sobre habitação, terão sido os temas de conversa durante o almoço, que reuniu Mário Soares, Rosa-do Correia e Fernando Gomes — admitiu a mesma fonte.

O comandante interino da Região Militar Norte, brigadeiro Adérito Figueira, presidiu, no Porto, às cerimónias de homenagem aos militares falecidos.

Após a missa de sufrágio na Igreja da Lapa, as entidades civis e militares que integravam a comitiva deslocaram-se ao cemitério da Lapa, onde foi descerrada uma lápide e onde depuseram flores.

Idênticas cerimónias realizaram-se nas áreas das guarnições militares de Espinho, Póvoa de Varzim, Braga, Lamego, Chaves e Vila Real.

O Ministério da Agricultura e a Casa do Douro andam para trás

Luís de Carvalho e Oliveira

NÃO é de admirar que a Casa do Douro ande para trás pois que, para trás, anda de uma maneira geral todo o Ministério da Agricultura. A Casa do Douro, nele integrada, não podia andar para diante. Foco desde já, a Casa do Douro, Pessoa Colectiva de Direito Público — aliás de criação inconstitucional — pelo Decreto-Lei 486/82, de 28 de Dezembro.

Diz-se no preâmbulo deste diploma que se impõe encarar esta realidade (a Casa do Douro) sem quaisquer preconceitos políticos nem ideológicos, e dar-lhe forma jurídica e estrutura orgânica ade-

quadas à realização das tarefas de interesse regional e nacional que não devem deixar de lhe ser atribuídas. Não há dúvida de que o diploma é completamente ausente de sugestão, sequer, sobre cooperativismo, solução económica e social premente. Ninguém será capaz de negar, a não ser sob subordinação a interesses obscuros ou, quando não obscuros, claramente individualistas e anti-sociais que o cooperativismo é a palavra do presente e do futuro em todos os ramos de actividade e de momento na agricultura. De todos são conhecidos a ideologia e os preconceitos políticos de governos anteriores no sentido de

destruir tudo o que fosse colectivo, ainda que não subordinado à ideia colectivista. Efectivamente o cooperativismo não teve ultimamente o menor incentivo embora, de longe em longe, em alguns diplomas legais fosse referido. Na via prática, pouco ou nada se verificou, pelo menos com significado real.

O diploma que veio criar a Pessoa Colectiva de Direito Público «Casa do Douro» e extinguir a Federação dos Vinicultores da Região do Douro é tão escasso nas atribuições e competências deste organismo, que fica muito aquém do que fora estabelecido em 1932 pelo Decreto n.º 21 883.

É demais sabido que as cooperativas na região do Douro têm

sido êxitos flagrantes e de importância social e económica indiscutível. Também é sabido que aos exportadores que mais do que nunca pretendem ser grandes produtores, as cooperativas não são gratas. Elas interpedem-se na sua acção, não deixando agir tão especulativamente e criando uma barreira de unidade difícil de vencer. Por isso nós temos ainda há pouco, na imprensa, o beliscar por parte dos exportadores das cooperativas, dando a impressão nítida de que lhes são indesejáveis.

O Ministério da Agricultura, em consonância com essas entidades de alto poder económico, ou

Em vésperas de Conselho Nacional

Direcção do PSD responsabilizada por "imagem triste e desoladora"

O próximo Conselho Nacional do PSD promete ser o palco escolhido por vozes colectivas ou individuais para a denúncia da «imagem triste e desoladora que o PSD tem propiciado à opinião pública». Uma dessas vozes, ouvida pelo «DL» com uma antecedência de cerca de duas semanas em relação ao Conselho Nacional de Leiria, responsabiliza a actual direcção do PSD pela criação dessa imagem. E essa voz — respeitável, porque pertencente a um «histórico» do partido —, vai mais longe ao afirmar: «não há moinho nem vento que possam mover essa direcção da cepa-torta!».

Hoje muito do triunfalismo de Montechoro está murcho e anémico.

Guilherme d' Oliveira Dias in «DN»

O PSD ainda não recuperou do estado de orfandade em que mergulhou com o desaparecimento, em circunstâncias trágicas e politicamente imprevisíveis, do seu chefe Francisco Sá Carneiro.

In Política de A a Z. «DL»

«COMO dirigente é péssimo, como figura é ridículo!». O retrato assim traçado é o do líder do PSD, Mota Pinto, e tem como autor dirigente histórico do PSD, «desencantado com os caminhos que o PSD vem trilhando».

Dirigente que à laia de grito, simultaneamente de «enfado» e «vergonha», acrescenta: «mas não se julgue que os restantes membros da direcção são melhores. Mediocres e oportunistas sem ética nenhuma, são eles juntamente com Mota Pinto os responsáveis pela caminhada do partido para o pantano».

Segundo ele, «a junção entre um homem que faz camisas no Norte (Eurico de Melo), outro que anda pela Guiné (Nascimento Rodrigues) e outro que não é capaz de liderar seja o que for (Mota Pinto), só poderia obter os resultados que estão à vista».

A personalidade em questão põe assim em causa a «troika» saída do Congresso

de Montechoro. E se poupa Nuno Rodrigues dos Santos, oficialmente o dirigente máximo dos sociais-democratas — «ele é uma figura que merece o respeito de todos...» —, o mesmo já não acontece com outros dirigentes, que define como não tendo «nem estatura ideológica, nem política».

«Mereciam o chicote...»

Vitor Crespo, ainda líder da bancada social-democrata e da Comissão Permanente do PSD, é encarado «apenas» como «um bom director-geral para repartição não muito importante». António Capucho, secretário-geral do partido, é por seu turno contemplado com um sonoro: «a única coisa que fez na vida foi a de ultrapassar os limites do Princípio de Peter...»

Para este «histórico» do PSD, actualmente na oposição, as responsabilidades «de

toda esta tragédia de desvario e incompetência» têm a sua origem em tempos não muito recuados.

Francisco Pinto Balsemão, ex-líder do partido, é apontado como um elo da cadeia que possibilitou a «tragédia».

«Não os tratou a chicote como mereciam. Utilizou com eles a lealdade e viram-se os resultados: logo que puderam, sanearam-no da Comissão Política», declara.

Embora adepto da actual fórmula governativa, a nossa fonte não aceita as pessoas que a servem do lado social-democrata. E diz porquê: «nada fazem perante um PS que se social-democratiza».

Na sua perspectiva, avaliada por várias sensibilidades do PSD, «a continuar assim o partido vai acabar, comido pelo PS e por Mário Soares, que invadem a área de apoio dos sociais-democratas».

Bloco central de 30 anos...

«No dia seguinte às eleições legislativas deste ano, o poder negocial do PSD era grande. O PS já anunciara a sua intenção de não se apoiar em caso algum no PC. Perante esse poder negocial, a direcção do partido podia fazer exigências...», lembra no decorrer da conversa.

No rol dessas exigências, o nosso interlocutor destaca uma: «podia, inclusive, obrigar o PS a abrir-lhe as portas da Internacional Socialista...»

A não-utilização do «grande poder negocial do PSD» quando das conversações com o PS resultam, de acordo com a nossa fonte, «na aposta feita por Mário Soares e António Capucho e que aponta para um Bloco Central que se eternize 30 anos no Poder...»

Perante este quadro, o ex-dirigente do PSD olha com uma certa «angústia» para o futuro do partido. As Presidenciais/85 poderiam dar aso, na sua perspectiva, a um «alimentar de ilusões». Só que, para a nossa fonte, «vai ser difícil furar o acordo delineado por Soares e Capucho: Mário Soares em Belém, um primeiro-ministro do PSD em S. Bento e só durante o tempo que Soares quiser».

Não aos «Judas» de Montechoro...

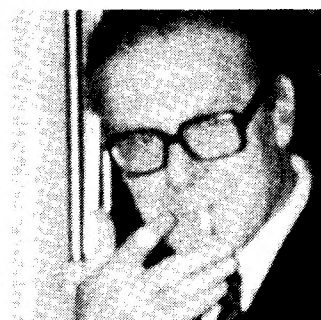
Inevitável esta solução?, pergunta-se-lhe. Para o nosso interlocutor a inevitabilidade só poderia ser superada «com uma grande reviravolta no seio do partido» ou então com a apresentação de um candidato «forte» nas próximas Presidenciais.

A hipótese Mota Amaral, do seu agrado, é considerada como «difícil» já que o líder açoriano «não dispõe do apoio da actual direcção». E se não dispõe é porque «com Mota Amaral na Presidência, da República lá se ia o Bloco Central por 30 anos...»

A ultimar o seu depoimento, a nossa fonte considera que Mota Pinto em breve vai «desertar» já que «não é homem para aguentar uma liderança, não tem nervos de aço para tarefas destas...»

E quando se lhe pergunta quem deverá chefiar em seguida o PSD, declara com desassombro: «só poderá pegar no partido quem tiver as mãos limpas, quem não tenha estado envolvido na perfídia de Montechoro...»

Manuel Anta



Mota Pinto, Vitor Crespo, António Capucho, Pinto Balsemão — quatro dirigentes criticados

A pedido de Soares CDS vai apoiar Governo junto da CEE

O líder do CDS, Lucas Pires, anunciou ontem ter aceite «em princípio» a proposta de Mário Soares, para que o seu partido colabore internacionalmente para acelerar o processo de adesão de Portugal à CEE.

No final do encontro com o Primeiro-Ministro, Lucas Pires esclareceu que o próprio CDS, através de Luís Beiroco, já se dispunha a essa cooperação, que, de qualquer modo, terá de ser formalmente ratificada pelos órgãos competentes do partido.

O dirigente do CDS acrescentou que o partido irá tentar ganhar o apoio da União das Democracias Cristãs Europeias para a entrada a curto prazo de Portugal no Mercado Comum.

Na reunião da comissão política daquela organização, que vai decorrer em Roma nos próximos dias 10 e 11, Lucas Pires propõe-se chamar a atenção para este assunto.

Para o dirigente do CDS esta colaboração do seu partido com o Governo restringe-se apenas a este assunto, que é «uma questão de carácter nacional, que requer o empenhamento não só das forças políticas como das forças sociais».

Lucas Pires disse ainda que se trata de «um bom exemplo de cooperação institucional», que não implica, no entanto, concordância com outros aspectos da política do Governo.

Quanto à hipótese de extensão desta cooperação a outros domínios, Lucas Pires disse: «Há outros aspectos em que julgo que devia ser o Governo a falar connosco», como a revisão económica da Constituição.

O gabinete do Primeiro-Ministro distribuiu, entretanto, um comunicado em que dá conta da proposta feita (e aceite) a Lucas Pires.

Esclarece que ficou assente a realização de novos encontros com vista à preparação de um conjunto de acções internacionais.



Casino Estoril

SALÃO RESTAURANTE
M/13 anos
Todas as Noites
Jantares Dançantes, a partir das 20,30 horas
Dois Shows Internacionais
às 23,30 horas e à 1 hora
com
O super show
"LAS VEGAS FIRST"
com
BHURNI COWANS
JIM AND JODI KING
(Produção e realização de BILL LLOYD)
ZÉLIA LOPES
Vedeta da canção

Consumo Obrigatório: 600\$00. Sextas, Sábados e Vésperas de Feriados — 700\$00

MATINÉES DANÇANTES COM SHOW
Domingos e Feriados • Salão Restaurante
17 horas. M/13
Chá completo 400\$00/pessoa

SALAS DE JOGOS
Diariamente
Das 15 às 3 horas

•

SALA DE BINGO
M/18 anos
Diariamente
Das 15 às 3 horas

•

CINEMA
Sessões diárias

MARCAÇÕES PELO TELEF. 268 45 21 • ESTORIL



EMBAIXADA DA REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE

LISBOA
GABINETE DO EMBAIXADOR

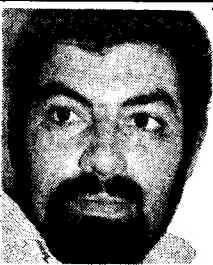
COMUNICADO

Na impossibilidade de responder às imensas cartas recebidas nesta missão, a Embaixada da República Popular de Moçambique em Lisboa agradece penhoradamente a todas as pessoas individuais e colectivas as manifestações de amizade e solidariedade expressas durante a visita oficial a Portugal de sua excelência o presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel.

Embaixada da R.P.M em Lisboa



PEDRO CID



Soares não conseguirá "monopolizar" Gonzalez

Cimeira Ibérica

O primeiro-ministro espanhol Felipe Gonzalez solicitou, através das vias diplomáticas, um encontro com o Presidente da República portuguesa, aquando da sua próxima deslocação a Lisboa para a cimeira de alto nível entre os governos peninsulares. Gonzalez explica mesmo que não pretende ter com o general Ramalho Eanes uma mera audiência protocolar, mas proceder com ele a uma larga troca de impressões, quer sobre as relações bilaterais, quer sobre outros assuntos de natureza internacional que interessem aos dois países.

O pedido do primeiro-ministro espanhol foi satisfeito, de modo que Ramalho Eanes e Felipe Gonzalez tomarão juntos uma refeição no Palácio de Belém. Sendo o Governo de Lisboa a elaborar o programa da cimeira, não conseguimos obter com absoluta garantia o momento desse encontro. Todavia, círculos diplomáticos espanhóis, disseram-nos ser provável que Eanes e Gonzalez almochem no sábado, dia 12 de Novembro.

Será o segundo encontro entre os dois estadistas, já que há cerca de um ano, quando se deslocou a Portugal para participar no Congresso da Internacional Socialista, Felipe Gonzalez passou expressamente por Lisboa para se avistar com Eanes, num encontro que ambos classificaram "muito cordial e extremamente positivo". Como se sabe a delegação governamental espanhola chega na sexta-feira, dia 11 de Novembro. Nesse mesmo dia, Mário Soares e Felipe Gonzalez almoçam a sós no Palácio de S. Bento e os ministros de ambas as delegações almoçam no Palácio das Necessidades. Na noite de sexta-feira, Mário Soares oferece um jantar em Sintra à delegação espanhola e no sábado à noite decorre o jantar de retribuição, na Embaixada de Espanha em Lisboa, oferecido por Felipe Gonzalez.

O fantasma da dependência

As autoridades portuguesas e espanholas não escondem o seu receio pela possibilidade de um fracasso objectivo da cimeira, sobretudo nas matérias mais controversas que separam os dois países, designadamente as pescas e as trocas comerciais. No entanto, como ontem dizia Felipe Gonzalez a um grupo de jornalistas portugueses "mesmo que a cimeira não consiga marcar uma etapa nas relações entre os dois países, pelo menos constituirá o início de uma nova época de relações". Isto porque na opinião do chefe do executivo espanhol "Portugal e a Espanha são nações condenadas a entenderem-se".

O realismo e pragmatismo do chefe do governo espanhol contraria de alguma forma uma certa operação de "marketing" político que até agora parecia subjacente entre algumas autoridades governamentais portuguesas.

No já aludido encontro com os jornalistas, Felipe Gonzalez terá enviado um recado claro ao Governo português, mas especialmente a Jaime Gama: "Nenhum dos países — disse o dirigente espanhol — pode apresentar-se na reunião com cartas ou trunfos porque a cimeira não é um jogo".

Particularmente contundente foi Felipe Gonzalez na análise que fez perante os jornalistas portugueses acerca das trocas comerciais luso-espanholas cujo congelamento, em sua opinião, se "não deve à parte espanhola", mas "a problemas estruturais do funcionamento da economia portuguesa".

A questão do nuclear

Aliás, as autoridades espanholas sentem que há uma preocupação quase obsessiva de Portugal para evitar criar situações que possam ser entendidas como factores de dependência do nosso país. O exemplo mais flagrante que nos foi salientado diz respeito à energia nuclear. O Governo português, pelo menos ao nível do Ministério da In-

dústria, deseja construir uma central nuclear no nosso país. Com tecnologia francesa, a preços fabulosos (mais de duzentos milhões de contos). Aliás, em círculos restritos temos ouvido dizer que a construção de uma central nuclear de tecnologia francesa poderia ser uma boa via para que a França pudesse apoiar sem reticências a nossa entrada no Mercado Comum. Ora, em certo momento, as autoridades espanholas mostraram-se dispostas a associar Portugal ao seu projecto nuclear, ideia que terá sido rejeitada quase liminarmente pelos governantes que então estavam no poder em Lisboa. O assunto pode ser retomado nesta cimeira.

No domínio dos transportes, o Governo português procurará tentar convencer as autoridades do país vizinho a dar continuidade em território espanhol à via rápida Aveiro Vilar Formosa, a fim de nos dar um acesso rápido à Europa. No entanto, um plano de construções rodoviárias em Espanha para os próximos anos não contempla essa possibilidade.

Assuntos de defesa fora da cimeira

Os governos de Espanha e de Portugal não falarão, pelo menos ao nível da actual cimeira, nos assuntos de defesa, designadamente de uma questão que é também controversa entre os dois países como é a entrada da Espanha na Aliança Atlântica. Por isso os ministros da Defesa não fazem parte das delegações. Ou seja, por essa via, e também porque não virá a Lisboa o vice-primeiro-ministro espanhol, Mota Pinto estará arredado das conversações luso-espanholas, participando apenas nos jantares de Sintra e Palhava.

A questão da adesão dos dois países à Europa é um dos temas políticos a abordar. O governo de Madrid entende que Portugal não deve ser penalizado por causa do processo espanhol, mas não deixa de defender a ideia de que seria politicamente conveniente a entrada simultânea dos dois paí-

ses peninsulares. Ponto de vista que, embora não sendo muito divulgado entre nós, é também o das Comunidades por razões eminentemente técnicas e burocráticas. No plano cultural, a cimeira deve anunciar a abertura de centros culturais dos dois países nas respectivas capitais.

Outra cimeira luso-espanhola

Em Badajoz e em Elvas vai decorrer neste fim-de-semana um encontro entre delegações do Partido Democrata Espanhol e o CDS, chefiadas pelos líderes máximos, respectivamente Oscar Alzaga e Lucas Pires. O encontro analisará as relações entre Portugal e a Espanha, na óptica dos respectivos partidos, passará em revista as relações internacionais com especial incidência nas questões da CEE e da NATO que interessam aos dois países e finalmente abordarão o papel da Democracia Cristã na península Ibérica. Por parte do CDS farão comunicações os drs. Paulo Marques, Gomes de Pinho e Nogueira de Brito.

O encontro tem uma finalidade suplementar: o CDS propõe-se apadrinhar a entrada do PDP na União Europeia das Democracias Cristãs.

Como curiosidade refira-se que a delegação do PDP inclui Xavier Ruperez que há cerca de quatro anos foi raptado pela ETA e que foi o primeiro político espanhol que lançou a ideia de um Comando Peninsular Unificado no âmbito da NATO, ideia que foi rejeitada veementemente pelas autoridades portuguesas.

Após um mês de indefinição e de espera, sem que nada até agora fosse decidido em concreto, estando proibido de fazer informação política diária na RDP, retomo o meu "exílio" no "DL".

Aqui estarei duas vezes por semana (segunda e quinta). Para escoar algum material informativo que vou amealhando no trabalho quotidiano.

PR e PM reúnem hoje, CDS amanhã

Carta a Garcia ainda não é desta

O Presidente da República, que ontem regressou ao fim da tarde de Castelo Branco, onde se encontrava a descansar desde sábado em casa de sua mãe, recebe hoje, às 17 horas, o Primeiro-Ministro, Mário Soares.

O encontro será de rotina e não se realiza, como é costume, à sexta-feira, apenas porque amanhã há uma reunião do Conselho Superior de Defesa, presidida pelo general Eanes, na sua qualidade de comandante supremo das Forças Armadas e no qual participam igualmente o Primeiro-Ministro e o ministro da Defesa.

Curiosamente, e como vem sendo habitual nas vésperas das reuniões do CSD, são postos a circular os mais desvairados boatos ou, de acordo com alguns círculos, "a contra-informação actua sempre nestas ocasiões".

Agora foi a vez de um jornal açoriano, abundantemente citado na rádio, difundir a notícia de que amanhã o CSD vai substituir o

CEMGFA, general Melo Egídio, o CEME, general Garcia dos Santos, e o CEMA, almirante Sousa Leitão. Apesar da "fonte" ser açoriana, há quem veja nesta notícia a "mãozinha" de Calvão da Silva, adjunto do vice-primeiro-ministro, Mota Pinto (que é também ministro da Defesa), e especialista na técnica de contra-informar.

"Isso não tem qualquer fundamento" — disseram ao "DL" círculos militares. Ao que apurámos a questão Garcia dos Santos — afinal a pedra de toque de toda esta contra-informação — não está agendada nem para o encontro desta tarde entre Eanes e Soares, nem para a reunião de amanhã do CSD. Essa é uma questão política de que Ramalho Eanes não larga mão e um caso bastante delicado em que o Governo se meteu e não sabe como sair.

O Exército continua a funcionar

sem qualquer perturbação; como ontem o "DL" noticiou Garcia dos Santos nomeou um novo comandante da Região Militar Norte (que será confirmado amanhã na reunião do CSD); o prestígio do actual CEME no interior das Forças Armadas continua intocado; a nível externo, e para grande irritação do Governo, o número um do Exército português foi convidado

a visitar oficialmente os EUA e a RFA, visitas que acabou de efectuar há dias... A tentativa de substituição de Garcia dos Santos assume assim, cada vez com mais nitidez, a forma de uma birra por parte de certos elementos do Executivo que têm da vida política e militar do País uma noção assaz estranha. Entretanto, ontem, o Conselho Superior Militar

analisou a legislação decorrente da Lei de Defesa Nacional e outros assuntos relacionados com as Forças Armadas.

A reunião deste órgão, que é consultivo do ministro da Defesa, foi presidida pelo titular desta pasta e teve a presença de todos os chefes militares e ainda do secretário de Estado da Defesa Nacional.

Discussão arastar-se-á por mais uma ou duas sessões

Nova lei dos sectores subiu ao Conselho de Ministros

O Conselho de Ministros que se iniciou ao princípio da manhã poderá ter começado a discussão de vários diplomas relativos à alteração da lei de delimitação dos sectores produtivos. O gabinete do Primeiro-Ministro informou que a agenda da reunião inclui esse assunto, mas que o plenário se debruçará primeiro sobre questões ligadas à habitação, indústria, finanças locais e delimitação de competências entre as administrações locais regionais e central. O anteprojeto da nova lei de Imprensa será igualmente analisado, sabendo-se também que, no que respeita à habitação, serão debatidos pro-

blemas relacionados com o crédito à aquisição de casa própria e à construção civil.

A nova lei dos sectores, mesmo que suba ainda hoje à mesa do plenário, deverá continuar a ser debatida nas próximas sessões do Conselho de Ministros.

Para modificar a actual legislação nessa matéria, o Governo dispõe de uma autorização legislativa que caduca no próximo dia 16 e que lhe permite abrir os sectores bancário, segurador, cimenteiro e adubeiro à iniciativa privada nacional e estrangeira.

Paralelamente à nova lei de delimitação dos sectores, o Conselho de Minis-

tros deverá começar a analisar os diplomas que regulamentam especificamente a liberalização do sector bancário. Tudo indica porém que a liberalização das restantes actividades que a nova lei tornará acessível ao sector privado só posteriormente é que será completamente regulamentada.

No que respeita à actividade bancária prevê-se que o Conselho de Ministros delibere nomeadamente sobre os montantes mínimos de capital social a exigir às futuras instituições de crédito privadas, bem como sobre as suas margens de solvabilidade e outras condições que terão que respeitar.



Homenagem a Vasco da Gama Fernandes

Amanhã, sexta-feira, dia 4 de Novembro, amigos, companheiros e admiradores do antigo presidente da Assembleia da República, dr. Vasco da Gama Fernandes, promovem um jantar de convívio e de homenagem por motivo do seu 75.º aniversário. O jantar-convívio terá lugar no restaurante "O Ninho das Águas" (Estádio do Sport Lisboa e Benfica) pelas 20h para ele se inscreverem homens políticos, antigos e actuais deputados, dirigentes partidários, intelectuais, jornalistas. O número dos inscritos, mais de trezentas pessoas, aumentou nos últimos dias com inscrições de fora de Lisboa e dos meios intelectuais e políticos: António Paulouro, António Rodrigues Canelas, Joaquim dos Reis Marques, Elio Sucena, José Sucena, Paulo Sucena, comandante Garrido Borges, comandante Sousa Serrano, Manuel Alpedrinha, Manuela Montenegro, Maria Luíza Ataíde Moreira, Maria Margarida Ataíde Moreira, Manuela Santos, José Canelas, dr. Ludgero Pinto Bastos, dra. Maria Leticia Clemente da Silva, escritor Mário Dionísio, dr. Orlando Silva Santos, Maria Helena Seabra, Eunice Lyon de Castro, Francisco Lyon de Castro, Ana Catarina Rabaça Guerra, Maria Alice Bastos Rabaça, Maria Manuela Rabaça, Belarmino Costa Pinto, Maria Ângela Moraes Cabral, Edmundo Manuel da Silva, António Ramos, Francisco Dérias de Barros, Maria Augusta Férias de Barros, professor Pedro Amaro, Artur Ramos, tenente-coronel Vítor Alves.

Comité de Apoio à Frente Polisário contra Rabat

O Comité Português de Apoio à Frente Polisário acusou ontem o regime marroquino de lançar "um sério e perigoso desafio ao continente africano e à comunidade internacional".

O regime de Hassan II pretende esvaziar de conteúdo as resoluções da Organização da Unidade Africana e da Organização das Nações Unidas, sobre o Sara Ocidental e apresentar uma justificação para a continuação

da "guerra de agressão contra o povo saaraui e contra a Frente Polisário" — afirmou aquele comité, num comunicado à imprensa.

Numa análise à nota distribuída dia 31 de Outubro pela Embaixada de Marrocos em Lisboa (a rejeitar negociações directas com a Polisário), o Comité recordou que já em Abril houve contacto do governo marroquino com dirigentes saaraui

Mais facilidades militares para os EUA? (2)

Dizem alemães, em Beja: “Se os americanos vêm para cá, você estão lixados”

Caças, «marines», armamento nuclear e outras espécies militares «made in USA» vão ter facilidades de passagem ou de estacionamento em Beja? A questão é já rotineira na Imprensa norte-americana e portuguesa. O Governo PS-PSD não o desmentiu. Jaime Gama e Mota Amaral não negaram, na recente viagem aos EUA e o silêncio de Eanes pode, muito bem, ser o de que «quem cala consente». Curiosamente, a Força Aérea, contac-

tada há dias, respondeu-nos através do seu Serviço de Relações Públicas) que, em relação, à missão da base de Beja, «não está prevista qualquer alteração no âmbito das Força Aérea Portuguesa, nem no âmbito da facilidades concedidas à Força Aérea Alemã, o mesmo acontecendo relativamente ao seu eventual alargamento a outras forças estrangeiras, assunto que não é, aliás, do âmbito da Força Aérea».

ministros de Defesa da NATO, se tenha falado simplesmente da instalação de mísseis na Europa Ocidental. Nem apenas da invasão de Granada, decidida por Reagan sem dar cavaco aos seus principais aliados. Os 240 fuzileiros abatidos no Líbano pesaram na discussão canadiana e Weiberger terá, naturalmente evocado a importância de «facilidades» para as rápidas «deslocações de efectivos...» (expressão do MNE português acerca da ocupação granadina).

«Há fome já...»

Das janelas traseiras do velho edifício municipal de Beja vê-se, ao longe, as extensas pistas da BA-11. Pelos gabinetes, de largas e sólidas paredes, ecoam, frequentemente, os sons impressionantes dos caças, evoluindo sobre a planície alentejana. É rotina, desde há 15 anos, dos bejenses.

Carreira Marques, eleito em Dezembro passado para a presidência da câmara, desconhece o que se trama relativamente à base. O facto de o comando português da BA-11 o ter contactado este ano para uma eventual troca de terrenos, visando a ampliação da parte residencial da FAP pode ser — julga — um sintoma. Em Alfragide, o mesmo Serviço de Relações Públicas da FAP limitou-se a referir que «neste momento não há obras em curso». Todavia uma fonte militar de Beja indicou-me ter notado alguma apreensão por parte do pessoal alemão-federal da Base, quanto há hipótese de presença, a breve prazo, de efectivos dos EUA, ainda que em trânsito. A própria zona residencial alemã (357 fogos e um edifício-hotel) poderia facilmente ter uma utilização de emergência...

Para Carreira Marques, deputado comunista desde a Consti-

«Qualquer tipo de avião especial...»

«A Base Aérea n.º 11, está localizada nas imediações da cidade de Beja, a cerca de seis quilómetros, numa planície relativamente desabitada, quase totalmente cultivada de cereais (...) Tem acessos por estrada, por caminho-de-ferro e por ar. Dispõe de duas pistas paralelas de 3.450 e 2.950 metros de comprimento, respectivamente, permitindo a operação com qualquer tipo de avião militar ou civil da actualidade» — lê-se na edição de Março-Abril, deste ano da revista «Mais Alto», da Força Aérea.

Criada por portaria do Governo em 1964, a base ficou conhecida na dimensão actual em 1968. Entre 1970 e 1973 funcionou sobretudo para treino de pilotos dos F-104. Nos sete anos seguintes, e devido a mudanças na política militar da RFA (Willy Brandt abandonou a chefia do Governo) serviu como aeródromo de apoio a caças portugueses e alemães e para vôos de treinos de aviões comerciais dos dois países. Actualmente há uma esquadra de poderosos «alpha-jets» em missões de treino operacional que incluem o uso da carreira de tiro de Alcochete.

O comando alemão da Base é dirigido pelo coronel Eberhard Schmidt, com grande experiência de comando de esquadras de bombardeiros e com dois anos de actividade num quartel-geral da NATO.

Com mais umas obras — dizem especialistas — vinha mesmo a calhar para a Força de Intervenção Rápida...

«Deslocações de efectivos»

Mas se o último ponto do documento, assinado em 16 de Agosto de 1979, determina que a vigência dos acordos termina apenas em 31 de Julho de 1988, tal não significa que os propósitos do Pentágono relativamente às «facilidades» para as Forças de Intervenção Rápida (FIR) estejam para já excluídos.

É que, no penúltimo parágrafo do acordo luso-alemão, ficou estabelecido que, «em caso de sério agravamento da situação internacional, ou de perigo iminente de guerra, os departamen-

tos da Defesa dos dois países acordarão entre si as medidas extraordinárias que possam tornar-se necessárias».

Sabendo-se, por experiência, do que a «casa-NATO» gasta e sabendo-se que para os actuais responsáveis portugueses os dólares contam em extremo, não serão, pois, previsíveis «demostradas» ou «duras negociações» para se fazer o jeito, por exemplo, a uma deslocação «rápida e em força» de fuzileiros norte-americanos para a «vital e estratégica» zona do petróleo.

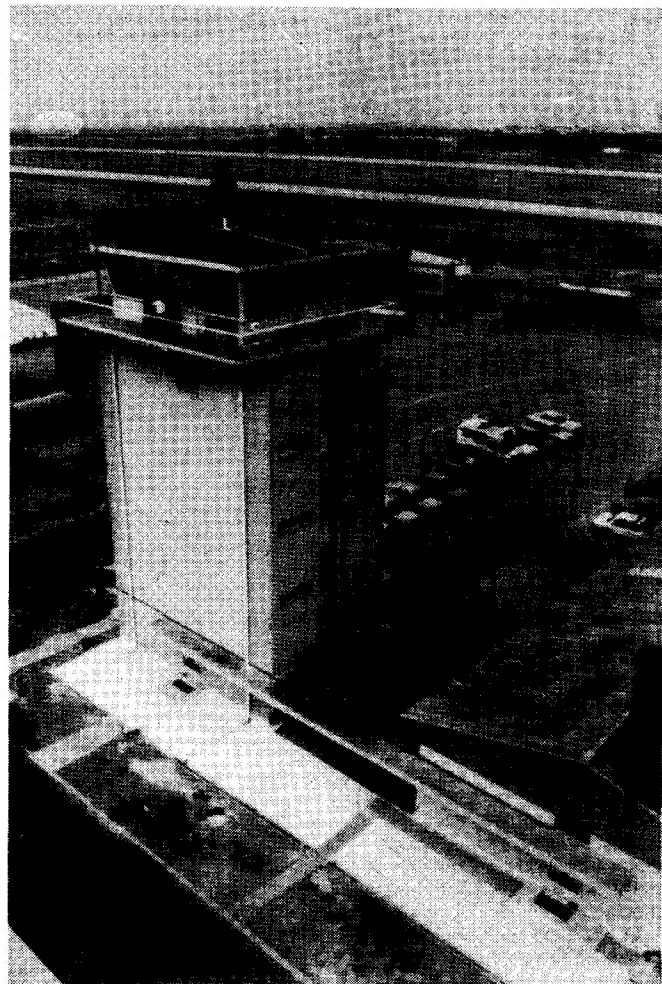
Não é de crer, aliás, que, na recente viagem de Mota Pinto ao Canadá, para um encontro de



Carreira Marques, presidente da Câmara de Beja

A fórmula encontrada na resposta da FAP é hábil. Mas o facto de «não estar prevista qualquer alteração», não impede que as tais negociações futuras, admitidas pelo Governo e pelo Presidente da República, alterem, rapidamente, o cenário.

O acordo com a RFA diz que à FAP compete, para além da possibilidade de utilização das pistas pelos seus caças, as «funções de vigilância da Base e suas instalações, incluindo: protecção contra espionagem, sabotagem e subversão; controlo de entradas e saídas de pessoas, veículos e materiais; controlo de vigilância interna».



BA-11 a torre de controlo e vista parcial das duas grandes pistas

tuinte até à última Legislatura, a preocupação imediata, quando há dias conversamos, era a seca que se alongava, mais o desemprego crescente, as falências de empresas, o desânimo dos comerciantes e o desespero dos trabalhadores das Cooperativas e das UCP's.

Espoliados da terra ou sob as ameaças de novas reservas e do tempo incerto, os trabalhadores agrícolas quase já não descem à cidade. Impressionava por isso, ver os donos das pequenas lojas de Beja, desalentados à porta dos seus estabelecimentos, vazios, sem clientes, com «stocks» acumulados.

Conhecedor directo da realidade sombria da cidade e do distrito, o jovem autarca contou que para um concurso para dois escriturários-dactilógrafos — aberto pela câmara — apareceram 349 candidatos. «Muitos deles — sublinhou — tinham frequência universitária ou o curso secundário completo».

«Para uma venda recente de 126 fogos, de habitação social, foram mil e duzentas as famílias concorrentes. E, no entanto, há numerosas casas, construídas por empreiteiros particulares, que não se vendem por falta de crédito. Há até casas fechadas, pois os senhorios recusam-se a alugá-las. E, quando alugam, atingem-se os 35 contos por três assoalhadas, ou sete contos por um simples quartos...» — contou ainda.

Entretanto, o bispo de Beja afirmou, há meses, a uma delegação de reformados do distrito que dera instruções à Caritas para iniciar uma campanha de apoio a famílias mais necessitadas. Há fome em Beja — admitiu, então, o prelado.

«Estão lixados...»

Aos que insinuam que a vinda dos americanos implicará muitos dólares, Carreira Marques lembrou-me que «há vinte anos, quando os alemães estavam para vir, houve a mesma ilusão de que encheriam Beja de marcos». A realidade foi outra. Se é verdade que as autoridades da base souberam evitar conflitos sociais, despachando logo para a RFA qualquer prevaricador, o certo é que o abastecimento do seu pessoal fez-se basicamente numa cantina própria, os vencimentos são pagos em escudos, e o tal desenvolvimento económico previsto falhou.

Facto curioso: os próprios alemães, que trajam sempre à civil na cidade, já vão dizendo a um ou outro bejense: «se os americanos vêm para cá vocês estão lixa-

dos...» Experiência própria, de quem tem, no seu país (RFA) quase trezentos mil soldados dos EUA? Ou porque, em caso de conflito, a RFA pensa na BA-11 para proteger os seus caças, o que não seria possível com a presença dos americanos?

O proprietário da papelaria «Tó-Pequi», Manuel José Barrocas é um dos raros pequenos comerciantes que teve algum proveito da presença alemã. É na sua loja que eles compram livros, jornais e revistas vindas directamente da RFA. Também ele não acredita na chuva de dólares. E sobre os alemães contou que a princípio conviviam mais e que, agora, preferem correr o nosso país para ver artesanato, paisagens e usufruir das praias. Confirmou ainda que, no fundamental, o pessoal alemão abastece-se na própria cantina da base. «Com os americanos não seria, com certeza, melhor» — admitiu.

Carreira Marques acentuou, nos, ainda, a experiência já conhecida dos americanos nas Lajes. «Eles têm tudo na sua base» — frisou, ao duvidar de qualquer florescimento comercial ou industrial e ao alertar para o perigo do armamento nuclear, de ingerências na nossa vida interna e do fenómeno de aculturação que a presença «ianque» implicaria.

«Alvo»

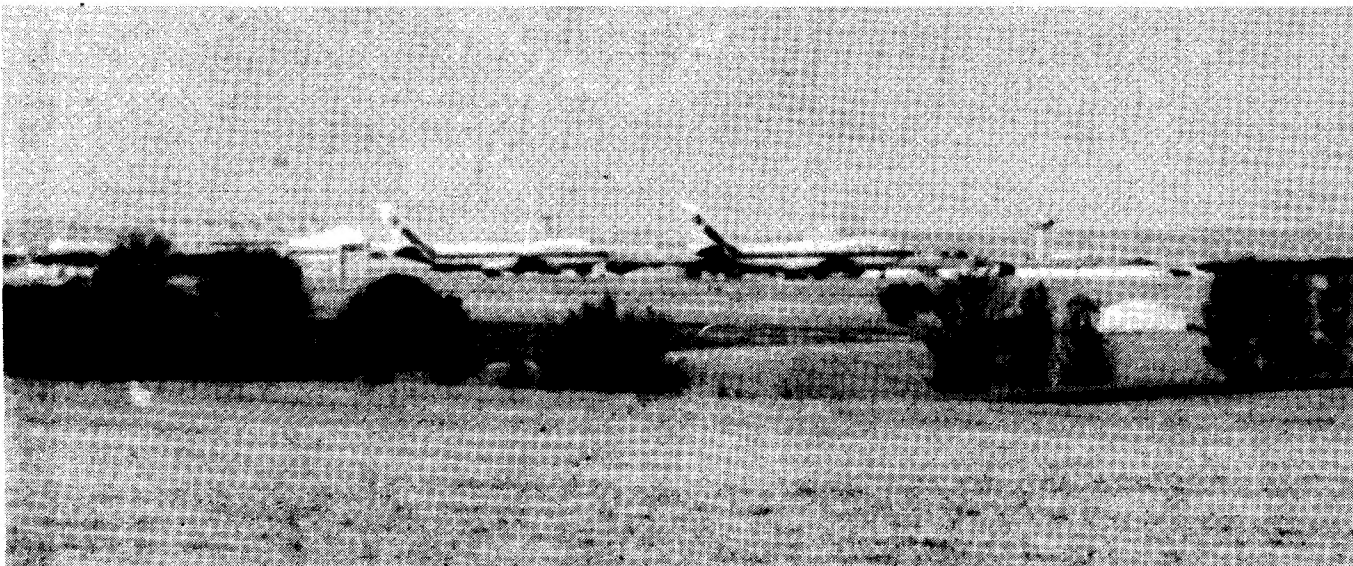
O apelo para a Grande Marcha da Paz, de sábado passado, naquela cidade, subscrito por personalidades locais e pelos presidentes de treze das câmaras do distrito, denunciava claramente a eventual utilização da base pelos EUA.

«A população do nosso distrito e de todo o país — dizia o documento — continua a reivindicar do Governo que não ceda a tais objectivos. A cedência da Base de Beja significaria maior dependência da nossa Pátria em relação ao estrangeiro e implicaria a responsabilidade do nosso País em acções agressivas, nomeadamente contra os povos do Médio Oriente que lutam pela sua libertação. A utilização da Base de Beja pelas Forças Americanas significaria a existência de armamento nuclear no nosso distrito, tornando-o alvo preferencial em caso de conflito nuclear...»

E o Governo? Cederá a Base ou acederá à vontade de Paz e tranquilidade do povo de Beja e do País?

Eugénio Alves

(Amanhã: Fóia-Algarve: outro alvo preferencial?) (3)



Aviões comerciais, alemães e portugueses ainda utilizam as pistas para treinos

APROVADO PELOS ALUNOS

APROVADO PELOS ALUNOS

APROVADO PELOS ALUNOS

SENECA T:40092 SENECA T:822776 SENECA

Parlamento reabre hoje: salários em atraso vão ser tema de debate

Depois da ponte para aproveitar o feriado do 1 de Novembro, reiniciam-se hoje os trabalhos parlamentares em S. Bento. Está agendado para discussão um projecto do Partido Comunista sobre garantia pública de pagamento dos salários em atraso.

O objectivo dos comunistas é que o Estado assuma o pagamento de salários aos trabalhadores que não recebem há mais de 30 dias, de forma a «garantir o acesso dos trabalhadores a um salário de que depende a alimentação, a renda de casa e tantos outros bens e serviços essenciais à continuação do posicionamento social do trabalhador afectado».

O PCP, no preâmbulo justificativo do projecto de lei, afirma que «é inadmissível que a violação com fraude ou culpa grave do direito ao salário não tenha a devida relevância penal». Como, do mesmo modo, «não se admite que a entidade patronal possa estar a alegar dificuldades para não pagar os salários e ao mesmo tempo esteja a distribuir lucros, a proceder a liberalidades e mesmo a atribuir-se remunerações enquanto fica a dever aos trabalhadores.»

PSD

Entretanto, hoje à noite, os deputados do PSD vão eleger o novo líder parlamentar, que substituirá Vítor Crespo, apontado como próximo embaixador na UNESCO. Fernando Condesso parece ser o único candidato, confirmando-se assim uma notícia dada aqui no «DL» há algumas semanas.

Pelo menos até à realização do próximo Congresso do PSD, no primeiro trimestre do próximo ano, Fernando Condesso liderará a bancada social-democrata, depois de se ter frustrado a hipótese João Salgueiro, «balsemista» que poderia ter o apoio da actual direcção.

As eleições realizar-se-ão nominalmente. Uma tentativa para alterar os estatutos, de forma a que a eleição se fizesse por lista, frustrou-se no passado dia 25. A única alteração aprovada foi relativamente à votação. Agora bastará a Fernando Condesso a maioria simples para ser eleito, não sendo necessária a maioria qualificada, como até aqui.

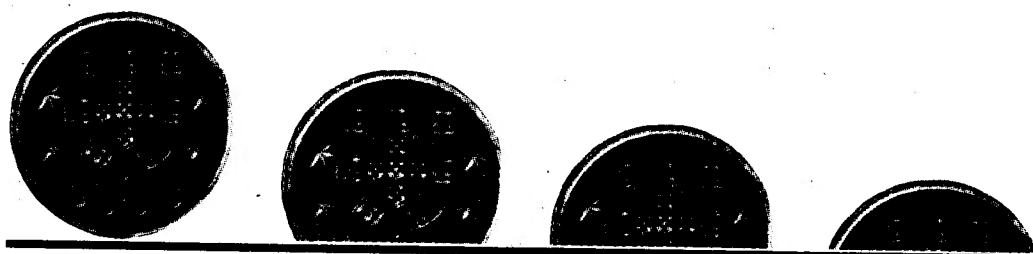
Com Condesso serão eleitos também quatro vice-presidentes, dois secretários e oito vogais.

No entanto, esta direcção parlamentar poderá não passar de uma solução de compromisso, até que se resolvam as questões internas do partido, ou melhor, até que se iniciem hostilidades entre as diversas facções do PSD.

OLHE O PERIGO DE FRENTE!



APROVEITE A GRANDE OPORTUNIDADE compre Apartamentos Turísticos ou Fracções de Apartamentos Turísticos Espaço T



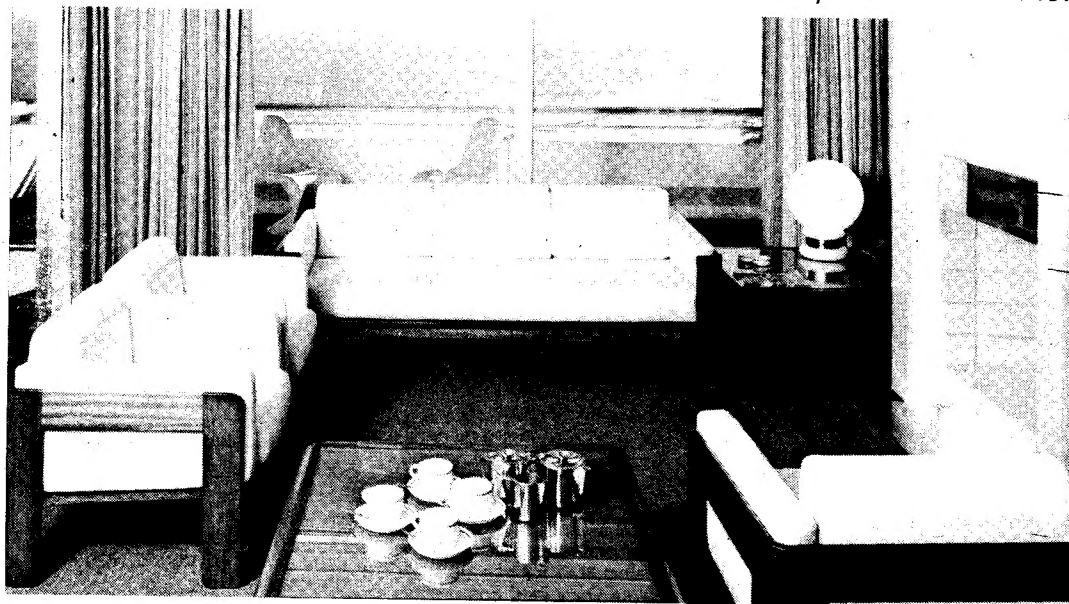
DINHEIRO PARADO É DINHEIRO QUE SE ESTÁ A PERDER.

*Quando o dinheiro vale cada vez menos
é preciso saber defender o nosso dinheiro com segurança, com garantia.
Toda a gente sabe que os bens imobiliários, as casas, os apartamentos, são bem sólidos
e são um meio seguro de aplicar dinheiro, porque as casas, os apartamentos valem sempre mais.*

*Comprar um APARTAMENTO TURÍSTICO
ou FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Troia é um bom negócio.
A curto, médio e longo prazo ganha-se muito dinheiro só com o apartamento.*

*Mas os apartamentos turísticos têm ainda mais uma grande vantagem:
todos os anos o seu rendimento é actualizado. O rendimento dos APARTAMENTOS TURÍSTICOS
ou FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS é todos os anos calculado
pelo seu valor de aluguer mais a depreciação do dinheiro, qualquer que ela seja. Faça contas!*

*O rendimento de um APARTAMENTO TURÍSTICO
ou FRACÇÃO DE APARTAMENTO TURÍSTICO ESPAÇO T em Tróia,
é crescente pelo que de ano para ano, recebe sempre mais dinheiro.*



ESPAÇO T - O INVESTIMENTO QUE VALE OURO

ESPAÇO T
o elo de ligação entre TORRALTA,
Associadas e o mercado imobiliário-turístico.

INFORMAÇÕES

LISBOA Av. D. Loulé, 24 — 1098 LISBOA (CODEX)
Telef.: 55 76 76-55 46 33

ALVOR Praia dos Três Irmãos, Torre I — 8500 PORTIMÃO
Telef.: 2 03 53

TRÓIA Tróia - 2900 SETÚBAL Telef.: 4 41 51 - Ext. 386/387

PORTO Rua Gonçalo Cristóvão, 13 — 4000 PORTO Telef.: 31 14 94/31 69 15

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre
FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURÍSTICOS ESPAÇO T

NOME _____
MORADA _____
CÓD. POSTAL _____
LOCALIDADE _____
TEL. _____

Corte e envie para ESPAÇO T — LISBOA

**SE É INVESTIDOR DA TORRALTA BENEFICIA DE 10% DE DESCONTO NA COMPRA DE FRACÇÃO
OU FRACÇÕES DE APARTAMENTO(S) TURÍSTICO(S) ESPAÇO T, PODENDO PAGAR
50% DO SEU VALOR EM CRÉDITOS A QUE TENHA DIREITO NA EMPRESA.**

de ontem para hoje

Assalto no CPP de Caneças

CERCA de seiscentos contos foram roubados ontem de manhã da agência do Crédito Predial Português em Caneças (proximidades de Lisboa) — disse à ANOP um funcionário do banco.

Eram 10 e 50 quando três embuçados entraram no estabelecimento empunhando pistolas de guerra e uma metralhadora, enquanto um quarto elemento ficava ao volante do carro onde mais tarde se puseram em fuga.

O assalto durou apenas três minutos, tendo sido levado todo o dinheiro que se encontrava na caixa. Os cofres, que estão equipados com um dispositivo de abertura retardada, não foram afectados.

A agência bancária não dispunha de guarda à porta quando se deu o assalto. Accionado o alarme, elementos da GNR de Loures chegaram ao local passado um quarto de hora, quando os assaltantes já iam longe.

Durante o assalto não foram disparados tiros nem se registou qualquer violência, disse o informador.

PCP contra bomba em Leiria

O PCP considerou como «acção provocatória» o rebentamento de uma bomba verificado na terça-feira junto às instalações da GNR em Leiria.

O secretariado da Direcção da Organização Regional de Leiria (DORLEI) do PCP «repudia energeticamente», num comunicado, aquela acção que «à semelhança de outras anteriormente perpetradas, mostraram o envolvimento de reacçãoários e fascistas, declarados ou encapotados, e apenas serviram os interesses dos inimigos da democracia e do grande capital».

O rebentamento da bomba visa, segundo o PCP, «virar a opinião pública contra a justa luta de milhares de trabalhadores pela manutenção dos seus postos de trabalho, pelo pagamento de salários, pelo pão para si e para os seus».

Pretenderá, por outro lado, «justificar a actuação da GNR e da Polícia, que, a mando do Governo PS-PSD, utiliza a repressão como forma de conter o crescente descontentamento pela sua política» e «justificar desde já futuras acções de repressão contra o movimento operário popular».

Crianças sem comida em Pombal

O refeitório da Escola Secundária de Pombal, Leiria, encerrou porque os fornecedores abastecê-lo enquanto não lhes pagarem as dívidas do ano lectivo anterior — anunciou o Conselho Directivo da escola.

Gabriela Coelho, presidente do Conselho Directivo, disse à ANOP que o montante das dívidas é de cerca de 370 mil escudos e que o encerramento do refeitório prejudica cerca de 700 alunos, sendo 500 da escola secundária e 200 da escola preparatória.

Acrescentou que o coordenador regional do IASE fora alertado atempadamente para a situação e que se comprometera a enviar a verba necessária para o pagamento das dívidas, o que até ao momento não aconteceu.

PS/Porto contente com a ponte

O Secretariado do Porto do PS congratulou-se com a decisão do Conselho Superior de Obras sobre a localização da nova ponte ferroviária alcançando o seu interesse para o desenvolvimento de toda a zona norte.

Um comunicado do Secretariado da Federação Distrital do Porto do PS diz que esta decisão foi tomada terça-feira no decorrer de uma reunião onde foi deliberado «repudiar as manobras e especulações que em

certas áreas da capital, nomeadamente no domínio da Comunicação Social, se orquestram visando os elementos nortenhos do actual Governo».

O Secretariado solidarizou-se com o Governo pela «forma corajosa e empenhada com que tem abordado as graves questões de ordem político-social e os agudos problemas económico-financeiros que se abatem sobre o País».

Deu a GF com as nozes...

Um carregamento de mais de três toneladas de nozes, avariado em cerca de 800 contos, foi apreendido na terça-feira pelo Batalhão de Portalegre da Guarda Fiscal — anunciou o Estado-Maior desta força.

Em comunicado, a mesma fonte informa que a secção de Mira da Guarda Fiscal apreendeu segunda-feira máquinas de vídeo e «flippers», bem como a viatura em que eram transportados, no total de 1200 contos.

O texto refere que também se encontra confiscada a viatura onde eram transportadas as nozes, no Valor de 700 contos.

Em ambos os casos as apreensões foram motivadas por presumível delito de contrabando e os processos remetidos aos tribunais competentes — acrescenta a nota do Estado-Maior da Guarda Fiscal.

Julgamento de Amílcar Romano

O julgamento de Amílcar Romano e outros acusados de implicação no assalto à Repartição de Finanças de Sintra e morte de um polícia, que hoje prosseguirá, terá nova audiência a 8 de Novembro.

Durante a manhã e a tarde de hoje foram ouvidos depoimentos de diversas testemunhas, nomeadamente funcionários da Tesouraria Pública daquela vila.

Entretanto, o Ministério Público, contrariamente às expectativas da defesa, requereu ao tribunal que depusessem novas testemunhas de acusação, constantes de um «adiamento ao rol das testemunhas que não fora notificadas».

O advogado de Amílcar Romano, Agostinho Rafael, esclareceu à ANOP que «a defesa interpôs um requerimento a pedir a acção do despacho que admitiu essas testemunhas a depor», sobre o qual o tribunal se pronunciará provavelmente no início da próxima audiência.

«Ponta Delgada» parado «Sine die»

As viagens do navio «Ponta Delgada», que faz ligações regulares entre as ilhas açorianas, foram suspensas «Sine die» — revelou à ANOP uma fonte da CTM.

A suspensão das ligações marítimas deve-se a uma avaria no navio e ao número de passageiros que «de ano para ano tem vindo a decair muito» — referiu a mesma fonte.

Cada viagem do navio «Ponta Delgada» custa à empresa aproximadamente dois milhões de escudos.

Mértola não quer central nuclear

“Só se lembram do Alentejo para esgoto de lixos”

Depois de Freixo de Espada à Cinta e Mira, o «DL» foi a Mértola saber como reage aquele concelho alentejano à ameaça nuclear. «Só se lembram do Alentejo para esgoto de lixos» — a afirmação é do presidente da Câmara cujo executivo dá um «não» peremptório à hipótese levantada de construção de uma central nuclear junto do Guadiana.

Contrariamente aos planos indicados publicamente pelo ministro da Indústria, continua por iniciar-se o anunciado debate público sobre a opção nuclear. Devia ter começado em Setembro, estamos em Novembro...

Mértola, Vila Nova de Milfontes, Mira e Freixo de Espada à Cinta são as quatro regiões anunciadas como preferidas pelos técnicos do nuclear para a construção de centrais. O concelho de Beja, o quarto ou quinto maior do país em área não foge à regra: ao nuclear diz não, obrigado.

Com a agricultura estrangulada pela seca e poder central, sem indústria, com a água do rio altamente poluída e com 50 por cento da população envelhecida, Mértola — mais antiga que a própria nacionalidade — é alvo de uma espécie de cerco. Até quando?

NAQUELA manhã balbuciente um vulto rasga, lá em baixo, o espelho baço do amanhecer. A medida que avança no seu remar lento, percebe-se-lhe melhor o perfil. É um homem, forte, um pescador, creio, desliza, rio abaixo, abrindo as águas, lento, como se abre o dia. Ali, numa das dobradas da sua longa serpente, o Guadiana é um rio ameaçado de morte total. Até Mértola chegou as marés mediterrânicas e hoje a ameaça maior tem um nome: central nuclear.

O concelho inquieto-se dá mostras, através dos seus órgãos representativos, de querer resistir até às últimas das suas forças a essa hipótese de 'progresso' e risco. Desprezam o apego, amedrontados, às ameaças. E se há os decididos, também muitos há que têm menos certezas que dúvidas e por isso, ou falam por outros, ou preferem aguardar. Em alguns casos, é mesmo o posicionamento político que condiciona, à partida, a opinião.

GNR — «são comunistas, não querem»

Estamos no centro de Mértola, cheio de história, nas costas do castelo, dentro das muralhas. Olhem aquela praça da GNR ali. Pois o que pensa um GNR sobre a matéria? Vamos ver, essa é a nossa primeira curiosidade.

Baixo, rosto anafadinho, olho pequeno («não escreva o meu nome») farda limpa, botas engraxadas, ele quer desenferujar a língua.

— O que é que pensa a gente daqui sobre a central nuclear? — perguntamos-lhe.

— «Isto aqui é tudo vermelho», paragem, um olhar de alto a baixo, «não sei o que o sr. é...» e a conclusão: «por isso dizem que vem estragar tudo».

— E o sr. o que pensa?

— «Eu penso que vem trazer desenvolvimento e trabalho e é preciso outras formas de energia, aqui como são comunistas, está a ver, não querem»...

Uns passos adiante, no café, só numa mesa, chapéuzinho cinzento um tanto reclinado para a frente, são aí 60 anos a ver o tempo escorrer lento como o rio uns metros abaixo. O que é que ele pensará?

«Penso que seria uma coisa terrível para o concelho. A central ia-nos tirar o bem que a gente tem aqui que é o rio que, apesar de muito estragado, ainda dá muito peixe.» António Manuel Alves, assim se chama ele, é escrivão da EDP. Em vez da central nuclear, diz ele, o que é preciso é construir a barragem do Alqueva e da Rocha da Galé, a 5 quilómetros de Mértola. Mas nem uma, nem outra avançam. A água é cada vez menos. O suplício chama-se seca e as terras estão cada vez mais abandonadas. «Há quatro ou cinco anos que não chove a sério aqui», — aponta Manuel Alves.

Sabe-se lá o que é bom...

E ali ao lado, a mulher da barraqinha dos brinquedos que opinião terá? «Sou analfabeta



Ameaçada com uma central nuclear, duas barragens importantes que não avançam



«Estamos no centro de Mértola, cheio de história, nas costas do castelo, dentro das muralhas»

não sei nada disso». Mas depois lá avança qualquer coisa: «Eu acho que não presta, é o que dizem por aí».

Quem?

«As miúdas que andam na escola, que estudam, dizem que é mau, porque é perigoso. Mas a gente sabe lá o que é bom e o que é mau. A gente não sabe.»

Quem não quer saber é um jovem empregado de um restaurante. Prefere «não se preocupar com políticas». Sobretudo porque «não acredita» que alguma vez venha a ser montada uma central nuclear. «Nem pensar nisso» — assim se desfaz ele de eventuais preocupações.

A Rua de Alonso Gomes, calçada antiga, dá lá para cima, para o castelo. É estreita e se acaso cansa deleita os olhos. No começo tem uma loja. Um homem entroncado, lápis atrás da orelha, vai a entrar apressado. Detém-se. «Que não concorda» — é peremptório. Mas «o assunto é transcendente» — reconhece. De qualquer forma, um desabafo: «Noto que se está a explorar a coisa em termos políticos». E pronto, entrou pela loja adentro sem se querer identificar. Um comerciante sem nome.

Memórias e cerco

Mértola é uma montanha de

memórias. Umas bem à vista — as muralhas, a mesquita, o castelo — outras, em fase de descoberta — investigações arqueológicas — e muitas outras possíveis por descobrir, soterradas lá no fundo deste húmus ressequido.

No Alto do Morro, o castelo, a torre de menagem (1292) e por ali abaixo as casas brancas em cascata sobre o Guadiana (à esquerda) e sobre a Ribeira de Oeiras (à direita).

Mértola é mais de 1300 quilómetros de terra no distrito de Beja o que o torna no segundo maior concelho do Alentejo, logo a seguir a Odemira. Teve minas, muitas em exploração, de cobre, manganês e chumbo, mas hoje não há uma que funcione.

Em 1960 havia 27 000 habitantes aproximadamente. Em 1970, 14 000 e hoje já serão apenas 12 000. Causas?

«Emigração e encerramento das minas, sobretudo a de S. Domingos exploradas durante 110 anos por uma firma alemã» — aponta o presidente da Câmara, Fernando Ribeiro Rosa. Cerca de 50 por cento dos actuais habitantes são da terceira idade.

«Mértola é dos concelhos mais envelhecidos do País» — garante o presidente da Câmara (APU). Não há indústrias, o comércio é diminuto, os postos de trabalho

são cada vez mais reduzidos. E a Câmara ainda é o sustento de muita gente. Com cerca de 200 trabalhadores transformou-se na maior empresa do concelho.

Mértola chegou a ter 3 unidades cooperativas de produção agrícola e 4 cooperativas agrícolas onde se empregavam mais de 500 trabalhadores. Hoje com a entrega de terras e a destruição das cooperativas aquele número baixou para cerca de meia centena. Com a poluição do rio, em grande parte provocada pela descarga que fazem os espanhóis de Badajoz (indústrias alimentares e celuloses), dezenas de famílias que viviam da pesca estão em risco de sobrevivência. O cerco a Mértola parece feito por todos os lados.

E, afinal, este povo tem uma longa história. É anterior ao Império Romano que a dominou, designando-a por «Mytilis». A seguir estiveram os suevos e depois os árabes. Destes são inúmeros os vestígios, desde o castelo, primitivamente de construção mourisca, até à Igreja Matriz, a única do País naquele estilo — terá sido mesquita — às galerias que têm sido descobertas nos últimos tempos e que fazem de Mértola o mais importante museu do País de arte islâmica e um dos mais significativos da Europa.

Esgoto dos lixos?

Mais preocupados do que com a central estão os meritolenses a braços com a escassez de água. O subsolo do concelho é altamente rochoso («Há um palmo de terra e o resto é xisto») é paupérrimo em água. O rio está altamente poluído. A falta de água potável é um drama.

Que o problema da poluição do rio tem de ser resolvido e não agravado ou dado como insolúvel definitivamente, tem sido uma luta da Câmara Municipal. Este é, de resto, um dos pontos de uma proposta aprovada em Agosto, por unanimidade, pela autarquia, a propósito da central. «O progresso por que o concelho de Mértola e o Alentejo em geral anseiam passa pelo apoio ao desenvolvimento dos sectores para que se encontram vocacionados e não pela destruição das suas potencialidades através da transferência das actividades indesejáveis que outros recusam pelos elevados prejuízos que acarretam». Por isso foi decidido recusar «todo e qualquer projecto futuro que vise a instalação de uma central nuclear junto do rio Guadiana».

Abandonado e perseguido antes do 25 de Abril pelo Poder Central, hoje alvo de uma espécie de cegueira por parte desse mesmo poder, o Alentejo vê-se ameaçado. «Nunca mandam nada para o Alentejo e agora lembram-se de nós com as centrais» — desabafa o presidente da Câmara. (A outra central anunciada para a região alentejana é em Vila Nova de Milfontes.) Isto é, «só se lembram do Alentejo para esgoto dos lixos».

Será que o lixo nuclear do desenvolvimento vai mesmo para lá parar?

Luís Humberto Marcos

A fuga de Manuel Adriano PJ chegou à conclusão de que houve culpados

PORTO, 3 — Encontra-se concluído o inquérito mandado instaurar por um magistrado do Tribunal de S. João Novo para averiguar responsabilidades na fuga de Manuel Adriano Correia Lopes, ocorrida no dia 7 de Junho último, conforme foi noticiado pelo «DL». Fuga que se verificou logo a seguir à leitura da sentença, segundo a qual o referido cadastrado foi condenado em 15 anos de prisão pela prática de vários assaltos à mão armada.

Nesse julgamento, Manuel Adriano teve por companheiro Francisco Pinho Pinto, mais conhecido por «Chico Francês» que também se escapou, entretanto, utilizando para o efeito um mandado de soltura falso, nas circunstâncias igualmente referidas oportunamente pelo «DL».

De acordo com as investigações realizadas pela Polícia Judiciária, tudo indica que o grande responsável pela fuga do Adriano foi o oficial de diligências do 1.º Juízo Criminal, Zulmiro de Sousa, que com ele comeu e bebeu no seu próprio gabinete, no dia 18 de Maio, isto é, três semanas antes da fuga.

Estes factos foram, segundo julgamos saber, relatados pelos guardas prisionais encarregados de conduzirem o preso do tribunal para a cadeia e que nesse dia foram dar com ele no gabinete do oficial de diligências na companhia do «Chico Francês» e de uma mulher, com um grande «banquete» na frente.

O guarda baleado nas Antas

Juízes foram ver o local do crime

PORTO, 3 — De acordo com a sua decisão e conforme foi oportunamente noticiado pelo «DL», os magistrados que constituem o tribunal colectivo do 2.º Juízo Criminal do Porto, deslocaram-se ontem, à tarde, ao terreno que serve de parque de estacionamento dos adeptos do F. C. Porto, para uma análise directa de determinados pormenores relacionados com a morte do guarda da PSP, Joaquim Luís Morgado Ruas, que contava 42 anos e residia na Rua de Costa Cabral, 1991, quando foi abatido a tiro na noite de 12 de Dezembro

do ano passado.

Tal como no decurso das duas audiências anteriores, estiveram novamente em confronto duas teses: aquela que é defendida pela acusação pública e particular, segundo a qual o réu (o comerciante Rodrigo Teixeira Marinho, de 56 anos, da Rua do Bonfim, 145, 1.º, no Porto) teria agido com dolo eventual e com negligência grave, e a que é sustentada pela defesa (a cargo do dr. Lourenço Pinto), que aponta para a «legítima defesa».

No local do crime e através de uma observação directa, acompanhada por vezes de perguntas

a duas testemunhas e ao próprio réu, os juízes puderam verificar que se trata, na verdade, de um sítio ermo, sem iluminação e, por conseguinte, propício para a prática de actos como aquele que o réu e uma companheira de ocasião estariam a protagonizar, quando o guarda Joaquim Ruas foi bater nos vidros da viatura onde o casal se encontrava.

Por outro lado, os magistrados puderam, também, aperceber-se da inexactidão de alguns depoimentos prestados em audiências anteriores e que, de algum modo, vão possibilitar a formação de um juízo de valor.

Freguesias estavam na rotura

Câmara deu verbas para acudir a juntas

A Câmara de Lisboa (CML) aprovou ontem uma alteração orçamental urgente para prover às necessidades financeiras das Juntas de Freguesia do concelho, algumas das quais se encontravam «à beira da rotura», informou a edilidade.

O presidente da CML, Krus Abecasis — de acordo com o Gabinete de Imprensa da edilidade — informou o executivo camarário de que deu seguimento a medidas para desbloquear a situação das Juntas que se encontravam em piores condições financeiras e que existem as verbas necessárias para o funcionamento destas em Novembro.

Relativamente ao mês de Dezembro, Krus Abecasis solicitou à Câmara uma alteração orçamental para poder reforçar com 10 mil contos as verbas disponi-

veis — acrescenta a mesma fonte.

Em comunicado, o Gabinete de Imprensa da CML refere que o executivo camarário, ao deliberar por unanimidade a alteração orçamental urgente teve «presente a situação financeira das Juntas de Freguesia que assume propor-

ções de gravidade».

O texto assinala que também por unanimidade o executivo camarário aprovou doações de pequenas parcelas de terreno, em vários locais da cidade, destinados a via pública e iniciou a discussão das propostas de alteração do seu regimento.

Líbia paga conclusão da mesquita de Lisboa

O governo líbio propôs-se pagar a conclusão das obras da primeira fase da mesquita de Lisboa cuja construção se iniciou em 1980, anunciou a revista «O Islão», ontem conhecida pela ANOP.

A primeira fase da construção inclui a conclusão das salas de culto, minarete, locais de ablu-

ções e de janiza, adianta aquela publicação que é o órgão oficial da Comunidade Islâmica de Lisboa.

Depois de esclarecer que o proprietário da obra da mesquita é o Centro Islâmico de Portugal (constituído pelos representantes diplomáticos dos países is-



As espingardas apreendidas pela PJ e outros artigos furtados em Benavente

Apreensão de espingardas furtadas

Um grupo de delinquentes responsáveis por inúmeros furtos praticados durante o Verão na proximidade de praias em especial na área de Benavente, foi agora detido pela 3.ª Brigada da 6.ª Secção da Judiciária lisboeta.

Dedicavam-se mais em especial ao arrombamento de automóveis de veraneantes com preferência para estrangeiros e

apoderavam-se dos objectos ali deixados. Entre outros artigos furtaram cinco caçadeiras que venderam em Lisboa a pessoas descuidadas em apurar a proveniência das armas, pelo que agora se viram despojadas das mesmas sem grandes possibilidades de serem indemnizadas.

Dos seis detidos, três aguardam julgamento em liberdade.

CONTRA A INVASÃO DE GRANADA

Solidariedade com os povos
da AMÉRICA CENTRAL e CARAÍBAS



SESSÃO SOLIDÁRIA:

Com a participação de:

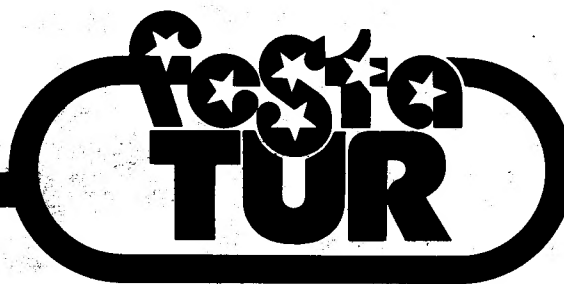
FANHA • JANITA • JORGE PALMA
SÉRGIO GODINHO • VITORINO
PEDRO CALDEIRA CABRAL • GRUPO
OQUESOMTEM • e o grupo salvadorenho
YOLOCAMBA I.T.A

VOZ DO OPERÁRIO

4/NOV • SEXTA • 21.30 H

Bilhetes no GSAL — Telf: 57 47 18/54 13 08

GSAL-GRUPO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA



FIM-DE-SEMANA ALGARVE

- Transporte em autocarro de luxo.
- De 6.ª a domingo, 2 noites.
- Animação: ténis, discoteca, piscinas, equitação, etc.

A partir de 1800\$00



HOTELCAR
SARL

Av. da Liberdade, 107

Telefone 37 17 55



FIM-DE-SEMANA TRÓIA

- Transporte em autocarro de luxo
- De 1 a 3 noites
- Oferta de ténis, bicicleta e discoteca

A partir de 500\$00

Por 1 noite em 3 estrelas

Até 1300\$00

Por 3 noites em 4 estrelas



HOTELCAR
SARL

Av. da Liberdade, 107 Telef. 37 17 15

Esta tarde

Concentração em S. Bento contra salários em atraso

Esta tarde, activistas sindicais de vários pontos do País e trabalhadores das empresas com salários em atraso dos distritos de Lisboa e Setúbal, concentram-se em frente à Assembleia da República, em S. Bento. Esta manifestação pública, que conta com o apoio e a solidariedade das mais diversas organizações sindicais, visa protestar contra os vencimentos em atraso e apoiar o projecto de lei, em debate no Parlamento, que cria um sistema público de garantia do pagamento dos salários em atraso.

A CGTP-IN, que considera o projecto de lei apresentado pelo grupo parlamentar do PCP como um «importante

instrumento», afirma em comunicado que a sua discussão e votação é «um teste à boa-fé dos grupos parlamentares».

Segundo uma estimativa divulgada pela central sindical neste momento os trabalhadores com salários em atraso eleva-se a cerca de 130 mil. E só nos distritos de Lisboa, Porto e Setúbal o número de trabalhadores nestas condições é de 63 417. O documento salienta que 53 por cento do total dos trabalhadores com salários em atraso laboram no distrito de Lisboa, sendo essa percentagem de 19,6 e 17,2, respectivamente, em relação aos distritos do Porto e Setúbal.

Os sectores mais atingidos por esta situação são os da metalurgia, ramo automóvel, têxtil, conservas de peixe, vidro e químico.

Também hoje, às 17 horas, decorre uma conferência de imprensa nas escadarias da Assembleia da República, durante a qual dirigentes da USL e USS e trabalhadores de empresas com salários em atraso irão falar aos órgãos de Comunicação Social.

A USL, que apela à participação dos trabalhadores com salários em atraso na concentração desta tarde, afirma em comunicado que «a fome e a miséria dos trabalhadores e famílias não pode ser indiferente ao Estado».

Trabalhadores contra a supressão da semana inglesa

Os trabalhadores do comércio do distrito de Lisboa iniciaram ao meio-dia, na Praça da Figueira, uma concentração que se prolonga até às 15 horas, a fim de protestarem contra «os mais recentes ataques do Governo, que visam a supressão prática da

semana-inglesa».

Promovida pelo Sindicato do Comércio e Serviços de Lisboa, a concentração marca o início de uma campanha de esclarecimento à população por a semana-inglesa constituir «uma conquista histórica, profunda-

mente sentida e inteiramente inegociável».

A direcção do sindicato sublinha em comunicado, que este decreto «é contrário aos legítimos interesses económicos e sociais dos trabalhadores e da população em geral».

Eleições no Sindicato da PJ

Uma única lista concorre às primeiras eleições para os corpos gerentes da Associação Sindical dos Funcionários de Investigação Criminal da Polícia Judiciária, que se realizam no próximo dia 18, de acordo com uma fonte da corporação.

A lista apresenta o inspector Acácio Afonso Costa para presidente da mesa da assembleia geral e os subinspectores José Maria Alves de Moura e Alfredo de Matos Anciães para presidentes, respectivamente, da direcção e do conselho fiscal.

O sindicato da Polícia Judiciária foi constituído em 26 de Março em Lisboa, depois de um processo que se prolongou por cerca de três anos e meio.

De acordo com o respectivo programa, a única lista concorrente às eleições do dia 18 propõe-se reivindicar melhores condições de trabalho, nomeadamente no serviço de piquete e condução de veículos.

Pugnar pelo escrupuloso cumprimento da lei em matéria de promoções e propor possíveis alterações ao regulamento de colocações são outros pontos contidos no programa.

Os futuros dirigentes sindicais dispõem-se também a consolidar o sindicato mediante um «perfeito entrosamento» com os respectivos órgãos regionais e sensibilizar a administração pública para os problemas que os elementos reformados da investigação criminal da PJ enfrentam.

Médicos estão hoje em greve

Os médicos policlínicos portugueses estão hoje em greve para exigir ao Governo garantias de emprego.

Hoje realizam-se concentrações para a entrega de documentos aos conselhos de gerência dos hospitais e haverá distribuição de comunicados aos utentes de hospitais e à população — revelou o sindicato.

A greve visa exigir ao Governo que «interrompa o processo que iniciou e levaria a não absorção de dois mil jovens médicos policlínicos nas carreiras dos próximos três concursos» e que se iniciem estudos entre o Ministério da Saúde e os sindicatos para se encontrarem saídas profissionais para todos os policlínicos que desejem ingressar nas carreiras médicas.

CTM acusada de pretender «acabar com o direito à greve»

O Sindicato dos Marinheiros acusou o conselho de gerência da Companhia de Transportes Marítimos (CTM) de pretender «acabar com o direito à greve» na empresa.

A estrutura sindical formula esta acusação na sequência das notas de culpa para despedimento enviadas pela gerência aos contramestres e marinheiros «que têm aderido à greve declarada pelo sindicato contra o regime sucedâneo e que até à data paralisou 16 navios».

Em comunicado, o Sindicato dos Marinheiros anuncia que requereu ao Ministério do Trabalho que no prazo de 48 horas promova uma reunião entre as partes em conflito, suspendendo até lá a greve.

Se nessa reunião o conselho de gerência «não recuar nos seus intentos de despedimento» — acrescenta o comunicado — a greve «será retomada e agravada».

O Sindicato dos Marinheiros afirma que o conselho de gerência da CTM quer «quebrar a resistência que os trabalhadores movem contra a destruição da empresa e o agravamento das suas condições de trabalho».

GEFA

A greve de protesto contra o despedimento de 25 trabalhadores da fábrica de confecções

GEFA, em Alhos Vedros, Moita, realizada ontem, registou «fraca adesão», segundo um dirigente do Sindicato dos Têxteis.

O sindicalista justificou esse facto com «manobras táticas da entidade patronal», entre as quais referiu «aumentos a alguns trabalhadores, anulação de processos disciplinares a outros e chantagem com a GNR», que acusou de ter circulado junto às instalações da empresa «com enorme aparato bélico».

O Sindicato dos Têxteis de Lisboa, Lanifícios e Vestuário do Sul protestou contra o despedimento de 25 das 460 trabalhadoras da GEFA, empresa sueca, considerando tratar-se de «uma medida arbitrária e claramente repressiva».

Sundlete

Os trabalhadores da Sundlete, no Porto, paralisaram ontem espontaneamente em protesto pelo não pagamento de 50 por cento do salário do mês de Setembro — informou uma fonte sindical.

Os cerca de 400 trabalhadores da firma, em comunicado subscrito pelos seus sindicatos representativos, acusam a entidade patronal de, «a coberto do governo e da sua política, recusar o direito elementar da retribuição salarial do seu trabalho».

Movimento sindical vai lutar contra aplicação do «lay-off»

A CGTP está a preparar um código de conduta para o movimento sindical que contém um estudo detalhado sobre as acções concretas a empreender contra as tentativas de aplicação do «lay-off» — revelou uma fonte sindical.

Um porta-voz sindical disse que o Conselho Nacional da CGTP, que se reúne amanhã e sábado, vai discutir a orientação global daquele código de conduta.

A CGTP sublinha que perante a publicação do decreto do «lay-off» a sua posição «não pode ser senão a de combater a sua aplicação».

Um dirigente da CGTP disse que «o movimento sindical unitário está a tomar medidas concretas para prevenir e lutar caso-a-caso, a nível regional e nacional,

contra as tentativas de concretização do «lay-off» nas empresas para que os interesses dos trabalhadores sejam defendidos até às últimas consequências».

A Intersindical considera que durante a discussão pública daquele diploma «aliás bastante limitada pelo Governo, ficou sobejamente expressa a oposição generalizada dos trabalhadores e outros sectores da população ao referido decreto».

UGT

Também a União Geral dos Trabalhadores (UGT) afirma que está contra a aplicação do «lay-off» e a sua entrada em vigor dentro do esquema que o Governo tem preconizado como medida avulso — afirmou um dirigente desta organização sindical.

O Ministério da Agricultura e a Casa do Douro

Continuação da pág. 3

talvez a elas subordinado, não deu uma única palavra ao criar a Pessoa Colectiva de Direito Público «Casa do Douro», sobre cooperativas: a ligação das existentes à Casa do Douro, a de criação pela Casa do Douro de cooperativas até à cobertura da região para fazer-se face a muitos problemas que isoladamente não têm solução possível, para a existência de um equilíbrio de forças económicas regionais. É lamentável que um diploma de agora, que pretende dar forma jurídica e «estrutura orgânica adequada» à realização das tarefas de interesse regional e nacional, muito intencionalmente deixe de tratar a cooperação. Poderá dizer-se que tal tarefa caberá ao Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro, mas se tal vier a ser dito será desculpa indigna pois que embora no art.º 6 do Decreto Regulamentar n.º 60/79 que cria o Centro de Estudos Vitivinícolas do Douro se diga que é a ele que cabe caracterizar os modelos de exploração vitícola para as diversas zonas homogêneas da região, de toda a estrutura deste diploma se apura que a sua função não é isso, mas sim de estudo e de proposta.

Começamos por dizer que a Casa do Douro anda para trás e também o Ministério da Agricultura

ra e não vamos deixar cair em descrédito esta afirmação, para já, no que diz respeito à Casa do Douro, pelo que nos apraz estabelecer a comparação entre a legislação actual, de 1982 e a de meio século antes. Efectivamente na alínea e) do art.º 10.º do Decreto n.º 21 883, de 1932, lê-se entre as atribuições e fins da Casa do Douro, «criar e organizar Adegas Cooperativas nos termos da legislação em vigor». Efectivamente muitas adegas vieram a ser criadas na Região do Douro que desempenham importantes funções na protecção dos pequenos e médios agricultores, as tais Adegas Cooperativas de que os grandes não gostam. O cooperativismo estava no Douro em boa e satisfatória marcha. A Casa do Douro deveria ser como que a cúpula dessas Adegas Cooperativas, funcionando no que diz respeito às relações entre umas e outras, como super-cooperativas, coordenando as suas actividades e promovendo o desenvolvimento da vitivinicultura com o objectivo de maior produção qualitativa e quantitativa.

O Decreto-Lei actual foi visivelmente criado com o objectivo de dar largas à actividade dos grandes empresários, em geral multinacionais, que tinham sido já contemplados com a lei de funil que foi a Portaria 685/82, pela qual

grande parte do Douro lhes é entregue com o quase exclusivo de plantio para benefício através de engendrados conditionalismos de favor.

Não há dúvida de que, no respeitante ao grande passo económico e social da actividade que é o cooperativismo, a Casa do Douro actual, representa um grande recuo, recuo exactamente de meio século. Meio século contado na sua própria história, e em relação ao desenvolvimento cooperativista mundial.

O Governo de 1982 em lugar de criar condições de protecção aos pequenos e médios produtores da região duriense, protecção essa mais possível através da organização de cooperativas, preferiu omiti-las. É claro na sequência da Portaria 685 (cuja revogação se impõe no mais curto prazo, que proibiu as plantações em terrenos com menos de 3 ha. contínuos e acima de 450 metros de altitude, exactamente na zona onde se verifica o maior número de pequenos e médios proprietários. A cura económica e social desta camada média tão numerosa no Douro, foi apontar-lhes o caminho da morte. Para as fazer morrer as cooperativas não eram necessárias. Tudo tem lógica no negativismo do Ministério da Agricultura.

Plásticos



COMUNICADO

PLÁSTICOS SINTEX S.A.R.L. e seu Agente CÂNDIDO C. ALMEIDA, vêm comunicar aos seus estimados clientes que não lhes é possível estar presente na FEIRA DA INDÚSTRIA DE CURTUMES — FIPELE —, organizada pela ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CURTUMES, a realizar nos dias 4 a 6 de Novembro de 1983, no HOTEL MIRASSOL, em Miramar, pois, embora com óptimas instalações aquela não apresenta condições para expor o nosso tipo de maquinaria (dadas as suas dimensões), bem como um outro tipo dos já conhecidos FULÕES SINTOPLAST, além de outros componentes para a indústria de Curtumes.

Dado este imprevisto, pedem aos seus amigos e clientes que o queiram fazer, o favor de procederem a uma visita às instalações de PLÁSTICOS SINTEX para onde o seu Agente lhes assegurará transporte ou, se preferirem e para uma melhor e mais eficaz observação do seu funcionamento, poderão ver em laboração alguns dos muitos FULÕES SINTOPLAST já colocados nas principais indústrias de Curtumes, pois os seus clientes amavelmente facultam essa visita a quem se mostrar interessado em observar o seu sistema prático de trabalho sob o ponto de vista de economia energética e vantagens de melhor aperfeiçoamento nas variadas fases de curtimenta.



ensino

Colégios de reeducação em risco de fechar

Estabelecimentos particulares de ensino especial poderão encerrar a breve prazo por se encontrarem numa situação de ruptura financeira, disse ontem à ANOP Vasco Coelho, presidente da comissão daqueles estabelecimentos.

Os colégios são em número de 28 na área de Lisboa e arredores, existindo ainda três outros no Porto.

Recebem 3500 doentes mentais em idade escolar, alguns já adolescentes, em que se consideram 30 por cento de possibilidades de «certa correção».

O número de crianças e jovens nestas circunstâncias em todo o País é calculado em cerca de 500 mil dos quais o Estado atende dez milhares e o ensino particular algo como 3500.

No ensino particular, as famílias, e apenas as que podem, pagam quantias insignificantes, sendo as despesas desde 1977, cobertas por apoios oficiais, quer por intermédio de subsídios, quer por meio das Caixas de Previdência.

Segundo Vasco Coelho, duas condições contribuíram para a actual situação de ruptura financeira: a fusão das

Caixas de Previdência dos trabalhadores de comércio, indústria e serviços (área onde se situa a maioria dos pais das crianças) e a recente decisão do ministro das Finanças de suspender todos os subsídios que não figurem no Orçamento Geral do Estado.

A fusão daquelas Caixas, efectuada em Agosto, levou a que desde então apenas tenham sido elaborados 300 dos processos dos 3500 alunos que os colégios contam, o que implica o recebimento de menos de 10 por cento das verbas devidas.

Por outro lado, os subsídios do Ministério da Educação encontram-se, igualmente, com três meses de atraso e foram embargados pela decisão do ministro das Finanças, embora «a verba exista», segundo Vasco Coelho.

O pessoal dos colégios de reeducação não recebe ordenados desde Agosto, mas a situação mostra-se, de momento, ainda mais alarmante, com dificuldades de alimentação dos alunos ou mesmo hipóteses de encerramento dos estabelecimentos e a devolução a casa de milhares de jovens que as famílias não estão em condições de aceitar.

Professores de T. Manuais dão prazo ao ME

Os professores de Trabalhos Manuais e de Trabalhos Oficiais fixaram o dia 27 de Novembro como data-limite para a resolução por via negocial do conflito que os opõe ao Ministério da Educação.

Num plenário nacional realizado sábado em Coimbra, os cerca de 350 docentes presentes deliberaram recusar a prestação de uma prova suplementar criada para os professores daquela área pedagógica que frequentam um curso de complemento de habilitações.

Os professores afirmam que aquela prova, prevista

para 28 de Novembro, não estava contida na legislação que criou o curso e contra ela já efectuaram uma greve nacional no dia 21 de Outubro.

No plenário de sábado, o ministro da Educação foi acusado de «ilegalmente» tentar impor um exame suplementar, contrariando assim o sistema de avaliação criado em Novembro de 1982.

Os docentes deliberaram ainda levar a efeito uma série de acções até 27 de Novembro nas escolas e junto do Ministério da Educação, com vista a obter a revogação do diploma que criou aquela prova suplementar.

Cantinas ainda não alteraram preços

Os novos preços das cantinas universitárias não foram postos ontem em prática devido a não terem ainda terminado as conversações entre a comissão representativa das associações e estudantes do ensino superior e o Ministério da Educação.

O ministro Seabra homologou, na segunda-feira passada, os novos preços de 55 escudos por refeição, ou seja, mais 20 escudos sobre o preço praticado até então.

O aumento baseava-se, na óptica do ministro e do Conselho de Acção Social do Ensino Superior, no elevado défice dos Serviços Sociais Universitários.

Os novos preços deveriam entrar em vigor ontem, dia 2.

As associações de estudantes, por seu turno, decidiram na reunião nacional realizada em Aveiro no passado fim-de-semana que só aceitarão os novos preços se fossem satisfeitas algumas condições, entre

elas, a realização de um inquérito aos serviços sociais, a suspensão do vice-presidente dos SS de Lisboa e ainda a melhoria da qualidade da alimentação.

Esta semana estão a decorrer as conversações e as associações de estudantes esperam que haja resultados satisfatórios até ao fim desta semana para que na próxima tudo corra normalmente.

Se os novos preços tivessem entrado em vigor como estava previsto, estavam preparadas acções de luta por parte dos estudantes, entre elas, a ocupação das cantinas universitárias.

Segundo uma fonte do ME, os novos preços são possíveis, apesar de tudo, graças a uma verba de quase 80 mil contos, que permitirá aguentar os SS até Janeiro. Depois desse mês seria necessário que o OGE concedesse a verba de um milhão e 250 mil contos pedidos pelo ministro.

economia

Espanha e Portugal ante uma aproximação histórica? (1)

O «Diário de Lisboa» inicia hoje a publicação de uma série de três artigos sobre as relações Portugal-Espanha, na perspectiva da cimeira de 11 de Novembro. É seu autor o nosso correspondente em Madrid, Fernando

Jauregui, que participou com enviados especiais de outros diários portugueses, na conferência de Imprensa dada ontem na capital espanhola pelo primeiro-ministro, Felipe Gonzalez.

Felipe Gonzalez quer suprimir as barreiras alfandegárias

MADRID (Fernando Jauregui, correspondente do «DL») — O presidente do governo socialista espanhol, Felipe Gonzalez deseja suprimir as barreiras alfandegárias entre a Espanha e Portugal, países que deveriam chegar a um regime económico similar ao que une os países do Benelux ou os escandinavos. Mas tais bons propósitos tropeçam, admite o chefe do governo de Madrid, na realidade: em conversa, ontem, com um grupo de jornalistas e correspondentes portugueses, Gonzalez admite «estar preocupado» ante o resultado da cimeira hispano-portuguesa que terá lugar em Lisboa nos próximos dias 11 e 12 de Novembro.

«Deixaria de ser diplomático se não expressasse essa preocupação», disse Felipe Gonzalez. «Deposito esperanças na cimeira. Porém os trabalhos preparatórios não estão suficientemente amadurecidos. Em todo o caso, a cimeira reúne em si mesma um interesse: marcar o início do relançamento das nossas relações».

Depois, o chefe do governo espanhol adiantaria que o simples facto de a cimeira se realizar já tem uma importância decisiva, «ainda que eu reconheça haver quem, de antemão, diga que o encontro fracassou».

Com efeito, não falta quem ex-

resse, e não só em privado, o seu pessimismo ante os resultados concretos de uma cimeira que se iniciará vestida de belas palavras de ambos os lados. O próprio Felipe Gonzalez recusou falar dos problemas bilaterais concretos — especialmente reticente se mostrou, em todos os momentos, a referir-se ao contencioso das pescas — assinalando que para ele, mais valia globalizar o tema das relações do que entrar em pormenores, capítulo por capítulo.

Ao ser-lhe perguntado pela «taxa de fronteiras» recentemente imposta pelo governo português, Gonzalez opinou que se trata de uma faculdade do Governo de Lisboa «e nós nada podemos fazer excepto expressar a nossa preocupação». Afirmou, terminantemente, que a Espanha não levantará «contrapartidas» a esta medida portuguesa e deixou entender que, como ocorria em França, há alguns anos, não serviria de muito.

«É verdade: existe um baixo nível nas relações diplomáticas e comerciais, dando-se, ainda por cima, um desequilíbrio na Balança de Pagamentos» — disse o chefe do governo espanhol, que também admitiu que Portugal pudesse invocar os riscos das centrais nucleares espanholas para os rios portugueses. Gonzalez

assinalou que as raízes destes problemas são profundas «são problemas sérios de há muito tempo». «Porém, apesar de não ter havido uma vontade histórica de aproximação, a realidade é complicada e, afinal, produz-se em fluxos numa e noutra direcção». Mais tarde acrescentou que devemos esforçar-nos em aumentar também os intercâmbios privados e não somente as relações a nível estatal.

A NATO e a CEE

A NATO e a CEE foram outros temas da conversa com os jornalistas. O chefe do executivo espanhol criticou os interesses «mesquinhos» da CEE ante Portugal e Espanha e, em certo momento, referiu-se a possíveis «alternativas» no caso da não entrada definitiva dos dois países na CEE (alternativas que para a Espanha poderiam centrar-se, basicamente, na América Latina). Sugeriu, em todo o caso, a necessidade de uma colaboração hispano-portuguesa para as negociações com a CEE. «Há que preparar-se para que a entrada da Espanha e de Portugal na CEE não prejudique um país relativamente ao outro, nem aos dois países ibéricos relativamente aos membros da Comunidade». Evitou referir-se à tradicional recusa portuguesa de

entabular «uma acção paralela» frente às negociações com a CEE e tão-pouco especificou se, como sugeriu na passada cimeira socialista em Atenas, ele e Mário Soares enviariam uma carta conjunta aos chefes de governo europeus instigando-os a acelerarem as negociações com os países ibéricos para a entrada no Mercado Comum.

Sobre a NATO, expressou que, face à hipótese (que apresentou como muito pouco provável) de a Espanha integrar a ala militar da Aliança, não se levantariam problemas de competências com Portugal, dado que «a Espanha só aspira à defesa da sua plataforma marítima e territorial». Também afirmou que «não lhe alterará o ritmo cardíaco» uma possível pressão dos Estados Unidos através de Marrocos para que a Espanha incremente a sua vinculação à Aliança Atlântica.

«Comuniquem o meu desejo de que a Espanha e Portugal encontrem um caminho de cooperação e entendimento em benefício mútuo. A cimeira terá um resultado positivo, será uma meta de chegada ou um ponto de partida». Com ele e com um apelo à cooperação cultural («Os nossos povos não podem ignorar-se») concluiu o encontro de Gonzalez com a Imprensa portuguesa, realizado no Palácio da Moncloa.

Gerência quer investir 42 milhões de contos em 5 anos

CP entregou o plano de viabilização

Prevista a supressão de muitas estações

O Conselho de Gerência da CP entregou ontem ao Governo um plano de viabilização da empresa, que implica um investimento de 42 milhões de contos até ao fim de 1988 (quatro milhões em 1984).

As linhas gerais do plano foram apresentadas em conferência de Imprensa, tendo o presidente do Conselho de Gerência, Queirós Martins, afirmado que caso não se tomem medidas a empresa terá um passivo acumulado de 106 milhões de contos dentro de cinco anos.

Actualmente a CP tem um passivo de 33 milhões de contos, que se encontra congelado, o que não impediu que o défice deste ano se cifre em 7,4 milhões de contos (foi de cinco milhões em 1982).

O plano elaborado pela gerência da CP inclui medidas de natureza diversa, que vão desde a proibição de admissões de pessoal, à dispensa dos 300 trabalhadores com contrato a prazo quando caducarem os que estão em vigor, para além de reduções de comboios ou carruagens nos suburbanos aos fins-de-semana (medidas aliás já em vigor sem que o público tenha sido previamente advertido) negociações com as autoridades locais para participarem no financiamento das linhas não rentáveis, etc.

A empresa propõe-se criar comboios directos entre as cida-

des, com um máximo de sete paragens, para evitar a existência de estações que têm em média, por exemplo, dois passageiros como origem e um como destino em cada dia.

Outro vector do plano que contrasta com a tendência actual, é o aumento da capacidade e a melhoria da qualidade dos transportes suburbanos, através de investimentos em material circulante adequado e aumento de velocidade média de circulação dos comboios de 40 quilómetros por hora para 50 quilómetros.

Mais mercadorias

A gerência da CP também se propõe alterar a estrutura de transportes da empresa passando da actual distribuição de 84 por cento de passageiros e 16 de mercadorias para, respectivamente, 79 e 21 em 1988.

Para esta alteração prevê-se o aumento do transporte de cimento, combustíveis líquidos, carvão, veículos e madeiras para celulose. No entanto, a CP mantém uma situação única na Europa que é a de existir uma siderurgia não ligada ao caminho-de-ferro, o que implicaria um investimento da ordem dos 500 mil contos.

No plano de viabilização da empresa propõe-se que o Governo lhe dê liberdade para ne-

gociar com as entidades que passam credenciais para as pessoas viajarem com tarifas bonificadas ou gratuitamente, considerando que não compete à CP prestar a assistência social. Actualmente, têm direito a viajar na CP com tarifas bonificadas cerca de 875 mil pessoas e gratuitamente mais 125 mil que são os funcionários da empresa e seus familiares.

A CP pretende negociar com entidades como o Ministério da Defesa, da Justiça e da Administração interna para que estes suportem os custos resultantes dos preços bonificados do transporte de oficiais das Forças Armadas, polícias e certas categorias de funcionários.

Menos bilhetes grátis

Queirós Martins disse que a empresa deixa de receber cerca de 1,5 milhões de contos por ano em virtude de ser ela a suportar isenções e reduções tarifárias previstas em legislação diversa.

A empresa tem actualmente 23 300 trabalhadores e prevê uma redução de 3500 até 1988, através das saídas e das reformas que serão incentivadas, frisando que não será aplicado o «lay-off». Paralelamente foram dispensados os empreiteiros que trabalhavam na conservação da via (300 pessoas) e reduzida em 40 por cento a utilização de pessoal da Rodoviária

Nacional das cargas e descargas.

A CP não tem pessoal a mais — frisou o presidente da gerência, que considerou que os estudos elaborados pelos técnicos canadianos «não serviram para nada nem para ninguém», porque pretendiam transportar para Portugal o esquema dos Estados Unidos e do Canadá. Aquele estudo previa uma redução de pessoal de cerca de 50 por cento.

No plano de reconversão económico-financeira da CP também se prevêem negociações com as autarquias locais para que participem no financiamento dos 814 quilómetros de linhas e troços deficitários (22,5 por cento do total). Caso não participem no financiamento a empresa colocará a questão ao Governo, que terá de decidir sobre o interesse da sua manutenção.

Queirós Martins traçou um panorama da situação económica da CP, frisando que Portugal possui apenas 14 por cento das linhas em via dupla (17 em Espanha e 30 e 70 por cento nos países europeus) para além de apresentar uma percentagem muito baixa de electrificação e uma elevada idade média do parque de automotores e de carruagens.

Acrescentou que, apesar de tudo, a empresa apresenta uma produtividade acima da média europeia.

Estão já em Cuba 57 dos feridos no ataque americano a Granada

o de 57 feridos e doentes e estavam a sua colaboração a ou ontem à tarde a Havana, a go fretado pela Cruz Vermelha e Bridgetown capital da ilha oficial, o Governo cubano e profissões dos recém-a que, no dizer dos médicos, e se encontravam no campo e estabelecido em Granada onde eram atendidos pelas condições de extrema difi-

muito inferior aos mais de mil «combatentes» avançado pelas autoridades militares.

Ao ser-lhe perguntado o que pensava da atitude dos seus compatriotas americanos, Gail Reed, muito calma apesar das circunstâncias, respondeu: «O que é que você pensaria se a sua casa ficasse subitamente rodeada de homens armados até aos dentes?».

«Ao todo havia apenas 784 cubanos em Granada a 25 de Outubro» (data do desembarque americano), afirmou Gail Reed. «Exigimos saber o que lhes aconteceu».

A mulher do embaixador que parecia ignorar que 57 cubanos feridos e doentes tinham embarcado já num avião americano, para Barbados, onde seguiram para a sua pátria. Comentou que para os EUA os prisioneiros não passavam de reféns destinados a servirem de moeda de troca.

Os cubanos não reconhecem a ordem de expulsão do governador-geral «Sir» Paul Scoon, que, para eles, não passa do representante das forças de ocupação americanas, disse ainda Reed. «Se querem que vamos embora, terão que tirar-nos daqui à força», concluiu.

«Cessaram as hostilidades» — diz Weinberger

O secretário americano para a Defesa, Caspar Wein-

berger, informou oficialmente o presidente Reagan de que «cessaram todas as hostilidades» em Granada, anunciou o Pentágono ontem à noite.

O Pentágono diz, por outro lado, que Weinberger «deu ordem às forças americanas para que comecem a retirar nos próximos dias».

O comando militar americano na ilha tinha indicado que cerca de 2500 homens da 82.ª divisão aerotransportada deveriam deixar Granada «dentro de 24 horas», regressando aos Estados Unidos, recorda-se.

Guiana a seguir?

O presidente da Guiana, Forbes Burnham, declarou que o seu país receia uma agressão militar e económica dos Estados Unidos, na sequência das críticas feitas contra a invasão americana em Granada.

Segundo a Rádio da Guiana, o presidente Burnham exprimiu os seus receios numa nota enviada a dez países que apoiaram a Guiana sobre uma resolução que ela apresentou nas Nações Unidas, onde se condenava a invasão. A avaliar pela referida nota, citada pela estação emissora, «a invasão de Granada pelos Estados Unidos, apoiados por países das Caraíbas, tem sérias implicações para a Guiana que, por

agora, está sozinha nas Caraíbas a favor da tese do apoio ao povo agredido».

A nota foi enviada às delegações das Nações Unidas da União Soviética, da Polónia, da China, da França, dos Países-Baixos, da Jordânia, de Malta, do Zimbábue, da Nicarágua e do Paquistão, disse a Rádio.

ONU «deplorou»

A Assembleia Geral adoptou sem debate uma resolução que «deplora profundamente a intervenção armada» em Granada, depois de ter guardado um minuto de silêncio em memória do antigo primeiro-ministro da ilha, Maurice Bishop.

O texto da resolução, no qual foi acrescentada uma emenda belga pedindo a organização de eleições livres tão depressa quanto possível, foi aprovada por 108 votos contra 9 e 27 abstenções.

Os nove países que votaram contra são: Antigua, Barbados, Dominica, El Salvador, Israel, Jamaica, Santa Lúcia, St. Vicente e Estados Unidos.

Donde se conclui: além dos Estados Unidos e dos países das Caraíbas que lhe deram cobertura, apenas não «deploraram» a invasão de Granada Israel e El Salvador; os aliados europeus dos EUA todos «deploraram», Reino Unido incluído.

No final do Congresso Pannella deixa Partido Radical

Golpe de teatro no final do congresso do Partido Radical, Marco Pannella, líder carismático do movimento libertário, deixou o secretariado, deixando o lugar a um dos seus fiéis, Roberto Ciccio-messere.

O abandono de Pannella, anunciado terça-feira no congresso, surge algumas semanas após as polémicas em torno do desaparecimento no estrangeiro do professor Toni Negri, acusado pela justiça italiana de terrorismo, e libertado em Junho na sequência da sua eleição para o Parlamento, nas listas radicais. Negri desapareceu a 23 de Setembro, quando a câmara votava a anulação da imunidade parlamentar e o seu regresso à prisão.

Pannella, que tinha lançado a «operação Negri» para levantar o problema da detenção preventiva em Itália, assegurou, durante o congresso, que o desaparecimento de Negri não tinha nenhum

efeito sobre o Partido Radical. Ele próprio tinha lançado um ultimato a semana passada, pedindo ao professor que desse a conhecer antes de 15 de Novembro a sua intenção de se entregar à justiça italiana, ou de se demitir do grupo parlamentar radical.

Foi em torno do papel do partido nas instituições italianas que as divergências se tornaram mais visíveis. Animador das grandes campanhas a favor do divórcio ou do aborto, o PR acusou nas eleições de Junho uma certa descida de sufragios (2,2 contra 3,5 por cento em 79).

Na sua contestação radical da «partitocracia» — regime dos partidos que, segundo ele, abafa a democracia italiana —, o PR vê-se dividido entre duas opções: continuar a ser um partido político representado na câmara ou contestar até ao âmago o regime político italiano.

Para combaterem os raptos Magistrados italianos querem novas medidas

Os magistrados italianos pediram ao ministro do Interior uma lei que permita congelar contas bancárias e bens para lutarem com maior eficácia contra a praga de raptos que assola a Itália, foi ontem revelado em Florença.

A «anónima de sequestrados», nome dado a este tipo de delinquência organizada que afecta o país de norte a sul, converteu-se numa poderosa indústria que movimenta milhões de dólares «clandestinos» para investimento em negócios imobiliários ou industriais na Itália ou na América Latina.

Para além do congelamento de contas correntes, os magistrados solicitam outras medidas duras contra o fenómeno: maior coordenação das forças da ordem, utilização de peritos conhecedores dos ambientes mafiosos, intervenção sem contemplações durante as negociações entre raptos e familiares do raptado e amplas leis nacionais.

A «anónima de sequestrados» alargou a sua acção à região mais rica da Itália, o norte, com a transferência para ali de uma «coluna sarda» que, em contacto com delinquentes locais e reclusos condenados, fez do rapto o seu ganha-pão e a sua linha de financiamento para «empresas legais».

De início, os bandos organizavam-se para um objectivo concreto, dissolvendo-se depois. Agora, com uma estrutura permanente e métodos mais refinados, constituíram a denominada «anónima de sequestrados».

Foi a conclusão a que chegaram os magistrados da Toscana, ao conhecerem a história de Virgilio Fuore, regressado da Venezuela para organizar uma «indus-

tria de raptos» para financiar obras e empresas comerciais que possuía na América Latina.

A princípio, a «anónima de sequestrados» empregava métodos brutais, como bastonadas às vítimas acorrentadas dias e noites nos bosques dos Apeninos, cera nos ouvidos e vendas nos olhos dos raptados para não ouvirem nem verem os seus algozes nem o local para onde eram levados.

Adoptou agora um sistema mais refinado e as últimas vítimas da extorsão declararam ter sido bem tratadas pelos raptadores, que entre eles usam nomes de guerra como «Diabólico», «Ringo» ou «Drácula».

Ao mesmo tempo, abandonou os bosques por outros refúgios, dotados de reservas de víveres e serviços higiénicos suficientes para meses de utilização.

A «Anónima sarda», ramificação da «anónima de sequestrados», tem no seu activo 23 raptos em oito anos e converteu-se numa organização perigosa, muito distante do bando de antigos pastores desesperados que foi no seu começo.

A sua actividade abrange toda a Itália Central, onde exerce um verdadeiro monopólio que lhe rendeu, até à data, dez milhões de dólares.

O juiz Fleury sublinha que «estes bandos, adquiriram um modelo de acumulação económica de tipo mafioso».

«Com os resgates dos sequestrados compram terrenos, exploram as facilidades que a lei concede para a agricultura, fazem investimentos e programam o tempo da actividade», acrescentou o juiz Fleury.

Hoje em Buenos Aires

Radicais debatem com militares a dívida externa argentina

A dívida externa argentina, considerada a mais pesada herança do regime militar, vai ser hoje debatida numa reunião, em Buenos Aires, entre os futuros ministros das Finanças e da Economia, Bernard Grispun e Enrique Garcia Vasquez, o actual ministro da Economia e o presidente do Banco Central. Esta reunião vem comprovar o facto de a crise económica e os problemas derivados de uma dívida externa de mais de 40 milhões de dólares serem os assuntos que mais preocupam Raul Alfonsín, o dirigente radical que obteve a vitória nas eleições do passado domingo.

Entretanto, nos círculos afectos ao futuro presidente argentino afirma-se que Raul Alfonsín apre-

sentará um programa de emergência com inovações fiscais e monetárias, bem como uma reorganização dos Ministérios respectivos. O programa económico elaborado pela União Cívica Radical baseia-se numa transferência de parte do orçamento militar para educação, habitação e saúde.

Quanto à política de preços, pensa-se que o novo governo argentino proponha limitar os aumentos a 10 por cento mensais nos primeiros meses de 1984 e reduzi-los até 5 por cento no final do ano por forma a baixar a taxa de inflação dos 500 por cento actuais para 70 ou 80 por cento na primeira fase.

Em meios políticos prevê-se

também que a questão da dívida externa argentina terá melhor acolhimento no Fundo Monetário Internacional após a vitória de Raul Alfonsín. Círculos afectos aos radicais consideram inviáveis os actuais acordos entre o FMI e a administração militar argentina.

Peronistas em crise

Entretanto, a antecipação da data de entrada em funções do novo Governo Civil, desejada pelos radicais, parece também merecer o acordo da administração militar. Com efeito, o subsecretário do Interior indicou ontem que a transferência de poderes entre o actual chefe de Estado, general Reynaldo Bignone, e o novo presidente eleito, Raul Alfonsín, poderia vir a ser marcada entre 10 e 15 de Dezembro, em lugar de 30 de Janeiro.

A escolha da data precisa para a cerimónia vai ser discutida amanhã, durante uma reunião dos conselheiros do novo presidente e representantes do Ministério do Interior. Segundo o subsecretário a decisão política de antecipar a transferência de poderes dependerá de Raul Alfonsín.

A derrota dos peronistas nas eleições de domingo está, entretanto, a levantar uma profunda celeuma no interior do Partido Justicialista. Para um grupo de dirigentes peronistas é agora necessária a demissão da actual direcção do partido que, segundo eles, foi «repudiada pelas bases» no acto eleitoral de domingo.

Num comunicado divulgado terça-feira, dirigentes históricos e ex-membros de anteriores gover-

nos peronistas afirmam que «o povo indicou quem deve sair» e que esses «traíram o mandato do general Peron, impondo-se contra a justa vontade das bases» do Partido Justicialista.

O principal visado neste comunicado é Lorenzo Miguel, actual vice-presidente do partido, acusado de «ostentar uma falsa representação sindical, reiteradamente negada pelos trabalhadores que o vaiaram no comício eleitoral de 17 de Outubro».

No entanto, Lorenzo Miguel e o candidato peronista derrotado Italo Luder, reiteraram ontem a disposição de não renunciarem aos seus cargos.

Reacções

Entretanto, continuam a ser conhecidas reacções internacionais aos resultados eleitorais de domingo passado. Assim, o secretário-geral da ONU expressou a sua satisfação pelo regresso da Argentina à democracia. Depois das reacções da Espanha e da Grã-Bretanha, cujos governos foram dos primeiros, no Ocidente, a manifestar satisfação pelos resultados eleitorais, a vitória de Alfonsín foi também saudada pelo chefe do governo italiano Bettino Craxi e pelo governo francês.

Também o governo da Checoslováquia, através da agência oficial CTK afirmou que o povo argentino se pronunciou, no domingo, contra a ditadura. O presidente da Venezuela e o porta-voz do governo bolivianos congratularam-se, por seu turno, com o processo democrático iniciado na Argentina.

Libano

Reacende-se a guerra

A situação militar degradou-se forte e subitamente ontem à tarde em várias frentes no Líbano, nomeadamente em Suk El Gharb (na montanha libanesa a sudeste de Beirute), nos arredores sul da capital, em Iklím El Kharroub (região situada a sul de Beirute), noticiou a rádio libanesa oficial.

Violentos recontros, haviam eclodido ontem ao princípio da tarde nos arredores sul de Beirute entre os milicianos do movimento político militar chiíta Amal, que controlam essa região, e o Exército libanês que se colocou no perímetro desses bairros.

Os recontros, que começaram na quarta-feira pelas 15 horas

locais (13 de Lisboa) continuavam ainda cinco horas mais tarde e violentos duelos de artilharia entre as facções em luta podiam ouvir-se no centro da capital libanesa.

Além disso, ainda segundo o rádio libanesa, queda de granadas de obus foi registada ao fim da tarde nos bairros residenciais dos arredores norte e leste de Beirute, nomeadamente nas regiões de Sinn El Fil e Jahmur, pela primeira vez desde já uma dezena de dias.

Disparos esporádicos continuavam a registar-se na quarta-feira à noite na região de Suk El Gharb, onde o Exército fez face às forças antigovernamentais.

Turquia

Partidos autorizados em campanha eleitoral

O tom dos ataques e críticas mútuas entre os três partidos autorizados pelas autoridades militares turcas a concorrerem às eleições do próximo dia 6, sobem de tom à medida que o dia da votação se aproxima. Apenas concorrem a este acto eleitoral o Partido da Democracia Nacionalista, o Partido da Mãe Pátria e o Partido Popular, que cobrem uma pequena parte do quadro político existente na Turquia antes do golpe militar.

O líder do Partido Popular que apesar das suas orientações direitistas se proclama um admira-

dor e prático da social democracia, criticou os gastos económicos de campanha das outras duas formações partidárias, pondo a tónica na situação económica do país. Neste aspecto, o «bombo da festa» tem sido o dirigente do Partido da Mãe Pátria, acusado por todos de má gestão, quando esteve no Governo como subsecretário da presidência. O Partido da Democracia Nacionalista chegou mesmo a distribuir um panfleto com provas da má administração de Turgut Ozal, que incluem os elevados prejuízos sofridos por sete bancos.


TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO
ANÚNCIO

O Doutor JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL, Juiz de Direito do 16.º Juízo Cível de Lisboa.

Faz saber que pelo Juiz de Direito desta comarca e segunda secção, nos autos de Execução de Sentença n.º 4849-A, que Companhia de Seguros Império, E.P. com sede na Rua Garrett n.º 62, Lisboa, move contra Prinstal-Projetos, Representações e Instalações Industriais, Lda., com sede na Av.ª de Berna, n.º 37-5.º, Esq.ª, Lisboa e armazém na Av.ª Oscar Monteiro Torres, n.º 15-A, Lisboa, correu editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio citando os credores desconhecidos do executado Prinstal-Projetos Representações e Instalações Industriais, Lda., para no prazo de dez dias, posterior àqueles editos, deduzirem os seus direitos na execução acima referida, desde que gozem da garantia real sobre os bens penhorados.

Lisboa, 6 de Outubro de 1983
O Juiz de Direito

a) JOAQUIM MARIA FERREIRA PASCOAL
O ESCRIVÃO ADJUNTO

a) JOAQUIM DIAS CARVALHO

D.L. — 3/11/83 — 1.ª Publicação

AUTOGRUPOS
RENAULT 9

Vendo participação
Telefone 2478309 — Carcavelos
Das 18.30 às 21 horas

TRIBUNAL CÍVEL
DA COMARCA
DE LISBOA
12.º JUÍZO
ANÚNCIO

Proc.º 1726/B
1.ª Secção

Faz saber que pela 1.ª secção do 12.º Juízo Cível de Lisboa e nos autos de execução de sentença n.º 1726/B em que são exequente a Companhia de Seguros Império, com sede em Lisboa na Rua Garrett 56 e executada JAFAL — Sociedade de Pré-Fabricados Lda. que teve a última sede em Mamede, Costa do Valado — Aveiro, correu editos de trinta dias contados da segunda e última publicação do anúncio, citando a executada Jafal — Sociedade de Pré-Fabricados Lda. ausente em parte incerta e com última sede no lugar do Mamede, Costa do Valado — Aveiro, para no prazo de cinco dias findo o dos editos, deduzirem oposição, pagarem à exequente a quantia de 120 507390 a que foram condenados na acção sumária 1726, deste Juízo ou nomearem bens à penhora suficientes para pagamento daquela quantia, sob pena de se considerar devolvido esse direito à exequente.

Lisboa, 19 de Outubro de 1983

O JUIZ DE DIREITO

João Geraldes

Ferreira de Carvalho

O Escrivão de Direito

Abel da Silva Mesadas

D.L. — 3/11/83 — 1.ª Publicação

NOTARIADO
PORTUGUÊS

DÉCIMO QUARTO
CARTÓRIO NOTARIAL
DE LISBOA
Rua da Vitória, n.º 94, 1.ª
Notário: Lc.
MANUEL GONÇALVES
PEREIRA

CERTIFICADO para efeitos de publicação, que por escritura de 29 de Setembro do ano em curso, lavrada de folhas 55-A, folhas 95 verso do livro de notas 99-D, deste Cartório, CARLOS ADRIANO NG KUAN e EMILIA AH HENG como actuais sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação de «AH-HENG & KUAN — REPARADORA DE REFRIGERAÇÃO E AQUECIMENTO, LIMITADA», com sede nesta cidade, na Travessa do Convento de Jesus, número cinquenta e um, e o capital integralmente realizado de quinhentos mil escudos, dissolveram a referida sociedade de comum acordo, tendo as contas da mesma sido encerradas no dia de hoje.

Que a dita sociedade não tem activo nem passivo pelo que não há lugar à partilha dos bens sociais.

Está conforme. Lisboa e referido 14.º Cartório Notarial, aos três de Outubro de mil novecentos oitenta e três.

O Ajudante
(Assinatura legível)

ENSINE
O SEU FILHO

Ensine o seu filho a olhar para o lado esquerdo e para o lado direito antes de atravessar a rua



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

TRIBUNAL DE 1.ª
INSTÂNCIA
DAS CONTRIBUIÇÕES
E IMPOSTOS DE
LISBOA
— 1.º JUÍZO
ARREMATACÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 15 de Novembro de 1983 pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp — 5-4.º, vai à praça o móvel abaixo descrito, penhorado a José Ribeiro — Indústrias e Comércio, SARL com sede na Av.ª de Pádua — 14 Lisboa, no Processo Executivo n.º 2248/83, instaurado por dívida a Imposto de Capitais de 1977 e 1978.

BEM PENHORADO

Verba única — Duas mesas de pré-fabricação de edifícios, basculantes com aquecimento hidráulico com as medidas de 3,5 x 9 m. em razoável estado de conservação, no valor presumível de 5 000 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 25 de Outubro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO

Manuel Luís Macalata Malheiro

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO

Carlos Manuel Almeida Alves

D.L. — 3/11/83 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL DE
1.ª INSTÂNCIA DAS
CONTRIBUIÇÕES
E IMPOSTOS DE
LISBOA — 1.º JUÍZO
ARREMATACÃO
1.ª PRAÇA

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 15 de Novembro de 1983, pelas 16 horas, neste Tribunal — Rua Braamcamp — 5 — 4.º, vai à praça o móvel abaixo descrito, penhorado a Orbis Edições Ilustradas, Lda. com sede na R. Bartolomeu Dias - 172 — 1.ª, Esq.ª, Lisboa, no processo executivo n.º 537/81, instaurado por dívida à Caixa de Previdência e dos Tipógrafos, Litógrafos e Ofícios Correlativos.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — O direito de arrendamento e transpasse da loja n.º 1 na R. Bartolomeu Dias - 65 e 66, a que é atribuído o valor de 1 000 000\$00.

Verba n.º 2 — Uma máquina de escrever manual da marca Royal c/o n.º 291150041 em bom estado no valor de 5 000\$00.

Verba n.º 3 — Uma máquina de escrever manual da marca Royal c/o n.º 291150041, em bom estado no valor de 5 000\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 25 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

(Manuel Luís Macalata Malheiro)

O Liquidador Tributário

(Carlos Manuel Almeida Alves)

D.L. — 3/11/83 — 1.ª Publicação

A Imprensa e o Poder

Directores de jornais em debate quase só para jornalistas

Directores e outros responsáveis de jornais diários e semanários participaram ontem à noite num debate sobre a Imprensa e o Poder, tendo assinalado «curiosos» fenómenos de partidarização opressiva.

Esses «fenómenos» seriam mais visíveis na Televisão e na Rádio, os meios com maior penetração, «sobretudo desde que foi constituída a maior maioria possível», como disse, numa alusão ao Governo Mário Soares, Dinis de Abreu, introdutor da reunião, patrocinada pelo Clube Português de Imprensa.

Além do introdutor, que é director adjunto do «Diário de Notícias» a mesa incluía Marcelo Rebelo de Sousa, administrador de uma empresa jornalística (do futuro «Semanário»), José Carlos de Vasconcelos, director de publicações (da Projornal), Mário Mesquita, director do «DN», Augusto de Carvalho, redactor principal do «Expresso», e, ainda, Cesário Borge, presidente do Sindicato dos Jornalistas. O debate integrou-se numa série de encontros sob o tema genérico «Que futuro para a Imprensa em Portugal?», tendo assistido e participado cerca de 50 pessoas.

Depois de denunciar «os fenómenos de partidarização opressiva», Dinis de Abreu sublinhou que a proclamada (pelo Executivo



Um aspecto da sessão: a mesa (da esquerda para a direita) segrega, fala, ouve e medita

vo) ausência de uma política de Informação não exclui, pelo contrário, uma «típica apetência de intervenção».

Cesário Borge disse a seguir que os órgãos de Comunicação Social do Estado «actuam praticamente como um aparelho do Estado que, na prática, recebe ordens do Governo». Em termos financeiros, acrescentou, «a influência do Executivo, através da banca, estende-se ao sector privado, detendo aqueles meios para intervir na maior parte dos jornais privados».

O dirigente sindical também criticou a partidarização da Imprensa, referindo-se em particular aos organismos de base dos partidos da coligação «que travaram

uma reestruturação da Informação» na TV.

Augusto de Carvalho sugeriu a criação de orçamentos autónomos para as Redacções por forma a que os jornalistas tenham capacidade de decisão sobre as reportagens que preconizam.

«O poder dos chefes — afirmou ainda — deve ser canalizado para aprofundar a liberdade dos jornalistas».

Mário Mesquita, que tem protagonizado polémicas recentes com o actual Governo, disse que o tema em discussão — Imprensa e Poder — se presta «a discursos de ingenuidade e de hipocrisia» e constatou que o grau de intervenção do poder político au-

menta com a audiência dos órgãos de Comunicação Social».

«O facto de a Imprensa ser controlada em grande parte do exterior levou a descuidar os problemas do acesso à profissão», prosseguiu, antes de defender a criação de TV e Rádios privados para encerrar um ciclo de «obsessão» do Poder relativamente aos audiovisuais que dispõem do monopólio em Portugal.

Marcelo Rebelo de Sousa partilhou da mesma opinião genérica quanto à cobertura da TV e da Rádio a entidades privadas e comentou que a «transferência do domínio partidário para a Imprensa estatizada é um cancro que vai, a prazo, corroer os próprios partidos».

E isso porque há na classe jornalística uma grande predisposição à intervenção do Poder Político, como se esta fosse uma quase inevitabilidade.

José Carlos de Vasconcelos, que também interveio antes de um período de participação de assistência, mostrou-se muito céptico quanto ao interesse do debate, como sublinhou o moderador Diogo Pires Aurélio. «Noventa e nove por cento dos presentes — disse, olhando para a Sala Artur Portela, da Casa da Imprensa — são jornalistas e acabamos por estar a dizer uns aos outros aquilo que já sabemos».

SIP contraria Nova Ordem Mundial da Informação

O XXXIX Congresso da Sociedade Inter-americana de Imprensa (SIP), que terminou sexta-feira em Lima (Peru), concluiu pela inaceitabilidade de algumas propostas da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

O documento final do Congresso afirma que a UNESCO está a fazer «propostas inaceitáveis para o mundo livre» ao preconizar mecanismos que poderão restringir a liberdade dos jornalistas e a transmissão de notícias através das fronteiras sem consentimento prévio dos Governos.

O Congresso lançou um apelo para que «prevaleça o senso comum» no estabelecimento da chamada Nova Ordem Mundial da Informação.

O documento final da reunião critica o regime sandinista pelas «continuadas perseguições»

contra o diário «La Prensa» classifica o dirigente cubano Fidel Castro de «inimigo número um da liberdade de Imprensa na América».

O órgão máximo da Sociedade Interamericana de Imprensa manifestou preocupação quanto a medidas restritivas da liberdade de Imprensa e Informação existentes nos Estados Unidos, Paraguai e Uruguai.

Horácio Aguirre, jornalista nicaraguense radicado nos Estados Unidos, foi eleito presidente da Sociedade, substituindo no cargo o mexicano Andrés García Lavín. Aguirre é director do «Diário das Américas», de Miami, e até agora desempenhava o cargo de vice-presidente da SIP.

O Congresso, além do novo corpo directivo, elegeu vice-presidentes Máximo Gainza, do jornal «La Prensa», de Buenos Aires, e o norte-americano Edward Harte.

CI sobre NP: reponha-se a legalidade

«O Conselho de Imprensa recomendou ao Governo que, face ao parecer da Procuradoria-Geral da República sobre o contrato com a agência NP, actue de forma a repor a legalidade» — lê-se num comunicado do CI.

Reunido em plenário, o Conselho de Imprensa tomou conhecimento do referido parecer, que «reconhece ter o anterior Governo desrespeitado disposições legais ao assinar o contrato

que levou à criação de uma agência paralela de natureza privada» — com o objectivo de «substituição da ANOP por extinção desta».

O Conselho decidiu recomendar ao Governo que «retire as necessárias conclusões» do documento que comprova «as ilegalidades cometidas na assinatura do contrato com a NP», procedendo de forma «a repor a legalidade».

SJ: os despedidos de Macau

O Sindicato dos Jornalistas anunciou que dirigiu protestos ao Presidente da República e governador de Macau contra os despedimentos praticados pela Teledifusão de Macau, classificando-os de políticos e violadores da Constituição.

Aquela estrutura sindical destaca que a Teledifusão de Macau não iniciou razões para o despedimento de seis jornalistas e que irá analisar os contratos que ligavam estes profissionais à empresa para «prevenir situações futuras».

TRIBUNAL JUDICIAL
DE 7.º JUÍZO CÍVEL
DE LISBOA
ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados nos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação deste anúncio.

Execução SENTENÇA n.º 356-B/80, 3.ª Secção.

Exequentes — C.ª DE SEGUROS IMPÉRIO, EP.
Executado — ANTÓNIO MARIA BRANCO, industrial, residente em MASCARENHAS — MIRANDELA.

Lisboa, 4 de Outubro de 1983.

O JUIZ DE DIREITO

JOÃO ROLANDO VIANA QUEIROGA CHAVES

Pe'l' O ESCRIVÃO DE DIREITO

JOAQUIM VINAGRE MANTEIGAS

D.L. — 3/11/83 — 1.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE
OEIRAS
ANÚNCIO

Pela 2.ª secção do 2.º Juízo desta comarca, correu editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada Fábrica de Confeções Agta, de Pires & Silva, Lda., com sede na Praça Carlos Manuel, 78A em Nova Oeiras, para no prazo de 10 dias posterior àqueles editos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução movida por Companhia de Linhas Costeiras & Clark, Lda.

Oeiras, 24 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito

(Luís Flores Ribeiro)

O Escrivão

(José Luís Jorge Palma)

D.L. — 3/11/83 — 2.ª Publicação

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DA
MOITA
ANÚNCIO

No próximo dia 20 de Novembro, pelas 14 horas, neste Tribunal, nos autos de Execução Sumária n.º 190/B/77, da 1.ª Secção, que os Exequentes José Manuel Martins Alvares e João António Martins Alvares movem no executado Castêllo Severino Ramos Calhaz, casado, comerciante, residente na Estrada Nacional 167/A, na freguesia de Banheira, há de ser posto em Praça para se arrematar no maior lance o objecto acima de valor indicado no processo, e seguinte bem móvel, compinganda de capa, marca Nacional, Bartel, Bélgica, de calibre 12 de dois canos sobrepastos.

Moita, 25 de Outubro de 1983

O Juiz de Direito,

a) Guilherme Augusto da Igreja

O Escrivão de Direito,

a) António Manuel Pádua da Mira

D.L. — 3/11/83 — 2.ª Publicação

GESIC — SOCIEDADE
DE ESTUDOS
E PROJECTOS,
LIMITADA
NOTARIADO
PORTUGUÊS

VIGÉSIMO PRIMEIRO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA LÍDIA PEREIRA NUNES DE MEDEIROS

En abeiro assinado Ajudante deste Cartório, certifico para efeitos de publicação que por escritura de vinte e oito de Setembro de mil novecentos e oitenta e três, lavrada a folhas vinte e seguintes do livro nove 9-I das notas deste Cartório, foi dissolvida e liquidada a sociedade com a denominação em epígrafe com sede na Rua da Órfã número quinze, cujos bens passivos nem activo e as suas contas encontraram-se encerradas a partir do dia da sua dissolução.

Está conforme o original no qual nada há em contrário ou além do que aqui se certifica. Lisboa, dois de Outubro de mil novecentos e oitenta e três.

O Ajudante
(Assinatura legível)

DESPORTO

Futebol uefeiro: nomes e números

Cartaz completo dos resultados da jornada de futebol uefeiro:

Taça dos Campeões: Benfica (Portugal) - Olympiakos (Grécia), 3-0 (0-1); Atlético de Bilbao (Espanha) - Liverpool (Inglaterra), 0-1 (0-0); Hamburger (RFA) - Dynamo de Bucarest (Roménia), 3-2 (0-3); Rapid Viena (Áustria) - Bohemians (Checoslováquia), 1-0 (1-2); Dynamo Minsk (URSS) - Raba Győr (Hungria), 3-1 (6-3); Dundee United (Escócia) - Standard Liège (Bélgica), 4-0 (0-0); Roma (Itália) - CSKA (Bulgária), 1-0 (1-0); e Partizan (Jugoslávia) - Dynamo Berlim (RDA), 1-0 (0-2).

Taça das Taças: F. C. do Porto (Portugal) - Glasgow Rangers (Escócia), 1-0 (1-2); Barcelona (Espanha) - NEC Nijmegen (Holanda), 2-0 (3-2); F. C. Köln (RFA) - Újpest (Hungria), 4-2 (1-3); Aberdeen (Escócia) - Beveren (Bélgica), 4-1 (0-0); Valkeakosken Haka (Finlândia) - Hammarby (Suécia), 2-1 (1-1); Servette (Suíça) - Shakhtyor (URSS), 1-2 (0-1); Juventus (Itália) - Paris St. Germain (França), 0-0 (2-2); e Manchester United (Inglaterra) - Varna (Bulgária), 2-0 (2-1).

Taça UEFA: Celtic (Escócia) - Sporting (Portugal), 5-0 (0-2); Antwerp (Bélgica) - Lens (França), 2-3 (2-2); Aston Villa (Inglaterra) - Spartak Moscovo (URSS), 1-2 (2-2); Carl Zeiss (RDA) - Sparta Rotterdam (Holanda), 1-1 (2-3); Sparta Praga (Checoslováquia) - Widzew Lodz (Polónia), 3-0 (0-1); Nottingham (Inglaterra) - PSV Eindhoven (Holanda), 1-0 (2-1); Banik Ostrava (Checoslováquia) - Anderlecht (Bélgica), 2-2 (0-2); Laval (França) - Austria (Áustria), 3-3 (0-2); Sturm Graz (Áustria) - Verona (Itália), 0-0 (2-2); Hajduk Split (Jugoslávia) - Honved (Hungria), 3-0 (2-3); Feyenoord (Holanda) - Tottenham (Inglaterra), 0-2 (2-4); Werder Bremen (RFA) - Lokomotiv Leipzig (RDA), 1-1 (0-1); Levski (Bulgária) - Watford (Inglaterra), 1-3 (1-1); Bratislava (Checoslováquia) - Radnicki (Jugoslávia), 3-2 (0-4); Bayern (RFA) - Paok (Grécia), 0-0 (0-0); o Bayern foi apurado por grandes penalidades (9-8); e Inter (Itália) - Groningen (Holanda), 5-1 (0-2).

O sorteio da 3.ª eliminatória da Taça UEFA realiza-se amanhã, em Zurique, e os respectivos encontros no dia 23 e em 7 de Dezembro. As outras provas recomeçam em Março de 84, com sorteio em 8 de Dezembro.

“Taça UEFA”: Celtic de Glasgow, 5 — Sporting, 0

Não há Bela sem senão

Foi uma jornada verdadeiramente desastrosa vivida pelos “leões” ontem, em Glasgow (na Escócia) e que foi testemunhada por cerca de 40 mil espectadores que, no final dos 90 minutos, perguntavam a si próprios como fora possível a sua equipa ter perdido por 2-0 no encontro da 1.ª “mão” em Alvalade. Face ao que se passou ontem, no Celtic Park, não há dúvida que a questão é, de facto, pertinente: é que, para além dos cinco tentos sem resposta, os escoceses podiam ter feito outros tantos, já que oportunidades (e benesses) não faltaram.

Se exceptuarmos o quarto de hora inicial, em que o Sporting deu um ar da sua graça (ao abeirar-se da baliza de Bonner, através de dois pontas livres que não causaram mocha) pode dizer-se que tudo o mais foi domínio do Celtic, expresso em golos para todos os gostos e aliçado numa exibição que o técnico David Hay considerou como “a melhor da época”.

O colapso leonino começou a partir do 1.º tento do Celtic, conseguido (aos 18 minutos) por Burns, na sequência de um centro espectacular de Mc Garvey, para o segundo poste, onde estava Gabriel, mas que não chegou lá. As culpas maiores vão, no entanto, para o guarda-linha Bela Katzirz que viu a bola passar sobre a sua cabeça e não foi capaz de a deter. A propósito, cabe aqui referir que o guarda-redes jugoslavo ao serviço do

Sporting realizou ontem uma exibição manifestamente infeliz, quicá a pior da sua carreira: o que (naturalmente) acabou por produzir os seus efeitos no comportamento global da equipa.

Enquanto os “leões” acusaram sobremaneira o golo sofrido, o qual punha desde logo em xeque a parca vantagem trazida de Lisboa, os escoceses cresceram: e, a tal ponto, que as oportunidades de marcar começaram a “chover” que nem cerejas. Por falta de pontaria dos seus dianteiros, o Celtic tardava, a traduzir no marcador a supremacia que vinha evidenciando.

Aconteceu um lampejo de Jordão, (quando iam decorridos 36 minutos) que podia, de algum modo, ter modificado o estado de espírito dos “leões” após uma combinação com Oliveira, o ponta-de-lança leonino teve enjoo de alvejar com êxito a baliza contrária, mas o remate saiu fraco e a melhor oportunidade perdeu-se nas mãos de Bonner.

Foi, por assim dizer, o “canto do cisne” para a turma portuguesa que a partir daí jamais logou justificar os 2-0 da “mão”.

Depois de vários “avisos”, o Celtic elevou para 2-0, por intermédio de Mc Adam que, embora, sendo um dos esteios da defesa, foi ao eixo do seu ataque dar auxílio (e que ajuda...), sempre que a sua equipa beneficiava de “livres” ou “pontapés de canto”. Na sequência, precisamente, de um “livre” apontado na direita

por Provan, o guarda-linha leonino voltou a falhar na saída e o “poste” escocês limitou-se a dar continuidade ao lance, sem grande esforço.

Com os nervos a flor da pele (e a desorientação a toldar as ideias) o Sporting sofreu novo revés, passados dois minutos, enquanto se aguardava ansiosamente (no banco leonino) que o árbitro indicasse o caminho dos balneários. Ma quando isso aconteceu, já a equipa portuguesa havia sofrido o terceiro tento (apontado por Mc Leair) que colocava na situação de “eliminada” a formação do dr. Venglos.

O intervalo pouco ou nada alterou: e a prova disso está no facto de o Sporting ter passado por momentos de grande aflição logo nos primeiros minutos desse período complementar, situação que se manteve praticamente até ao final que possibilitou à turma de David Hay a construção de um resultado confortável. Encolhida até à medula, a representação lisboeta foi aparando, enquanto conseguia os golpes

adversários mas, no espaço de dois minutos (58 e 59) todas as esperanças se esfumaram, com Mc Leod e Mc Garvey a interpretarem o papel de “carrascos” e Katzirz (de novo) a “ver a banda passar”.

O triunfo do Celtic não oferece, a mínima possibilidade de contestação, já que jogou e marcou mais do que o suficiente para justificar a sua passagem à eliminatória seguinte da “Taça UEFA”. Os escoceses limitaram-se a cumprir (e bem) a sua obrigação: o mesmo (porém já não poderemos dizer dos “leões” que, em Glasgow, mais pareciam cordeirinhos, tal a mansidão) com que actuaram e a “inocência” de que deram mostras. Uma exibição para esquecer, ou para recordar, como uma das jornadas mais tristes do futebol leonino.

Arbitragem muito bem conduzida e sem qualquer influência no avolumar da contagem. Árbitro: Alex Ponnet (Bélgica).

Celtic de Glasgow: Bonner; Mc Grin, Aiken, Mc Adam e Sinclair; Paul Mc Stay, Mc Leod e Burns (Reid, aos 76m); Provan, Mc Garvey (Melrose, aos 86m) e Mc Leair.

Sporting: Bela Katzirz; Gabriel, Virgílio Zezinho e Mário Jorge (Carlos Xavier, aos 62m); Kostov, Lito, Oliveira e Romeu; Manuel Fernandes e Jordão.

Ao intervalo: 3-0. Marcadores: Burns (18m) Mc Adam (43m), Mc Leair (45m), Mc Leod (58m) e Mc Garvey (59m).

Cartão amarelo: Sinclair (63m) Kostov (64m) e Jordão (77m).

Visitando as colectividades populares

Santana Futebol Clube: quando a “utilidade pública”?

“O Santana Futebol Clube devia possuir o título de Utilidade Pública: afirmação do sócio mais antigo, Carlos Caldeira. Ele conta:

Fundado em 1-5-1920, junto a uma capela no Largo da Senhora de Santana (daí o nome do clube) passou depois aqui para a Rua dos Sete Moínhos, por intermédio de Ernesto Fernandinho, que cedeu aos sócios o terreno para serem feitas estas instalações. Clube dedicado a prática do desporto em várias modalidades, não descuro a causa da instrução pública da população local. Pelo contrário: prestou-lhe os mais relevantes serviços. Durante 36 anos o clube esteve ligado ao ensino primário. Funcionaram aqui cursos diurnos e nocturnos: e, por último, cursos de alfabetização, sendo as aulas sempre gratuitas.

Também aqui existiu um posto médico com assistência gratuita. Esse posto médico e mais duas salas foram cedidas à Santa Casa da Misericórdia de Lisboa durante vários anos para aí funcionar a delegação da Assistência ao bairro de Campolide, enquanto não existiam instalações próprias nas Amoreiras. Por isso a Santa Casa da Misericórdia nos dava um pequeno subsídio. O Santana também cedeu as suas instalações para a realização de missas dominicais e catequese durante dois anos, até à construção da



Atletismo: há cinco anos, as vedetinhas

Igreja da Quinta da Bela-Flor».

A actual direcção do Santana Futebol Clube, eleita em Maio do corrente ano, pediu o título de “Utilidade Pública” junto da Câmara Municipal de Lisboa, que deu parecer positivo, estando agora a solução entregue ao Conselho de Ministros. No campo desportivo, o clube dispõe de modalidades como futebol, atletismo e ténis de mesa. Quem nos falou sobre elas foi Pedro Silva (primeiro-secretário do Santana Futebol Clube).

O futebol é a modalidade de maior impacto dentro da colectividade. Possuímos duas equipas: uma de seniores e outra de juvenis. As equipas treinam no Estádio da Tapadinha, que alugamos. Por curiosidade, posso acrescentar

que o clube chegou a ter dois campos de futebol. Um deles (o chamado Campo da Mina foi desfeito devido à construção da Avenida de Ceuta. Tanto em seniores como em juvenis disputámos o campeonato da Associação de Futebol de Lisboa: fomos campeões (seniores) na época de 75/76 e aqui se iniciaram jogadores como Veríssimo e João Oliveira. Mais tarde este chegou a “capitão” do Sport Lisboa e Benfica e da selecção nacional.

No atletismo, temos cerca de 60 praticantes que treinam em Monsanto organizados, no dia 1 deste mês uma prova de atletismo com o intuito de criar um maior incentivo pela modalidade, por parte da população que costuma aderir em massa às iniciativas do clube. O ténis de mesa é uma secção com 15 praticantes, que já passou por vários períodos de grande prestígio.

Para além destas modalidades, o clube teve outras que foram abandonadas: xadrez (que esteve presente em vários torneios) e pesca desportiva (que terminou porque os chamados “carolas” foram



A turma de juvenis que está na luta em futebol de salão

desistindo). No entanto, o Santana organizou (em Fevereiro de 1977) um concurso em que estiveram presentes pescadores de norte a sul do País. Os fundadores desta secção foram antigos atletas do Spor-

ting Clube de Portugal: Araújo e José Dias Cravo. Houve também chinquinho, entretenimento em que o clube foi campeão.

O Santana Futebol Clube tem dificuldades para manter o ténis de mesa, o atletismo e (principalmente) o futebol. Pedro Silva fala disso:

O clube vive (essencialmente) da cotização dos seus cerca de 620 sócios. Alguns destes asosociados, os chamados “amigos do futebol”, pagam uma cota suplementar.

Temos ainda as receitas do bar e costumamos organizar, aos fins-de-semana, bailes para angariação de fundos. Quanto a subsídios oficiais, embora pequenos, eles têm chegado, por parte da DGD e da Junta de Freguesia, de onde temos tido todo o apoio da presidente, Helena Nobre. Mas actualmente a Junta de Freguesia encontra-se numa posição difícil, devido à falta de dinheiro.

A Câmara Municipal de Lisboa também nos tem ajudado por parte de João Correia: ofereceu-nos (anos atrás) uma biblioteca que, por falta de espaço, não se encontra à disposição dos sócios, mas acho que isso acontecerá em breve.

Apesar das pequenas instalações e dos exíguos subsídios, o Santana Futebol Clube também sonha. A sua direcção tem como objectivo, a curto prazo, a obtenção do título de “Utilidade Pública” e também a construção, em terreno situado ao lado da sede, de um pavilhão gimnodesportivo, encontrando-se já o projecto em estudo na Câmara Municipal de Lisboa. Outra meta (a médio prazo) será a construção de um campo de futebol. Vamos esperar: até aos sonhos se tornarem realidade.

Filomena Araújo

TOTO BOLA a chave

Benfica-Olympiakos 1
Atl. Bilbao-Liverpool 2
Partizan-Dinamo Berlim 1

FC Porto-Rangers 1
Aberdeen-Beveren 1
Colónia-Ujpest 1

Celtic-Sporting 1
Nottingham-Eidhoven 1
Laval-Austria Viena x

Sturm Graz-Verona x
Feyenoord-Tottenham 2
W. Bremen-Lokom. Leipzig x
Inter-Groningen 1

Valor de cada prémio: 3 003 101 escudos e 50 centavos.

Estoril: tempo de bonança?

Os graves problemas financeiros com que o Estoril Praia se debate, a ponto dos seus profissionais de futebol estarem com diversos ordenados em atraso, encontra-se a passo de solução com a “descoberta” (pelo dirigente João Lachever) de um industrial de hotelaria (Júlio Graça) que parece disposto a acudir ao clube da Amoreira nesta hora difícil.

EXTERNATOS

SÉNECA SEBASTIÃO DA GAMA

CICLO PREPARATÓRIO - GERAL - UNIFICADO
COMPLEMENTAR - 11.º E 12.º ANOS

Av. Almirante Reis, 73, 1.º e 2.º - Telef. 4 00 92
Av. Almirante Reis, 106, 1.º e 2.º - Telef. 82 27 76
1100 LISBOA

DESPORTO

"Taça dos Campeões": Benfica, 3 — Olympiakos, 0

Shéu: um raio na Luz

Primeiro que tudo: é obrigatório bater palmas a Eriksson.

Foi o sereno, calmo e correctíssimo técnico sueco que o Benfica descobriu em Gotemburgo (quando a Europa ainda não fixara o seu perfil de homem estudioso pelo futebol, antigo praticante que refinava continuamente o saber com a penetração em novos horizontes) o primeiro vencedor na bela jornada benfiquista vivida ontem num Estádio da Luz onde, do sopé ao topo, nem uma alminha portuguesa terá saído desiludida. De facto (tacticamente) colocando exclusivamente três defesas e entregando a Shéu a chave do acesso frontal à baliza de Bento, o nórdico Eriksson apostou e fez «bingo» em menos do acender de um fósforo, desbaratando de tal modo a arquitectura grega que só espantou, pelo tempo fora, não se conseguirem mais que as três amoras doces repousando no fundo das redes de Sarganis.

Fiquemos, para já, em verdade imutável: impossível jogar melhor, que, fez Shéu, na pardacenta de ontem. Dominou de tal modo o auditório que até as óptimas exibições de Stromberg e Alvaro, Diamantino e António Bastos Lopes, Pietra e Carlos Manuel têm de ceder o passo à arte quase inultrapassável daqueles pézinhos de lá, daquele corpiço aparentemente frágil que parecia uma liana, de cada arabesco que o moçambicano construía, de cada dique que reduzia a areia fina. Um espectáculo, dentro do próprio «show» global da europa a que preside o realista Fernando Martins.

Mas, sejamos sinceros, seria difícil que os companheiros de Shéu não se deixassem contagiar pela arte maquiavélica com que a colher de chá do pé de Filipovic rubricou o tento um: golpe de engenho e astúcia que, logo, restituiu à plateia da Luz o repouso para os nervos. Estava feita a igualdade: não mais a águia travaria o seu voo, retalhando paulatinamente todo o tecido grego, reduzindo-o a farrapos, como que zombando da petulância dos atrevidos que tinham vindo do Pireu com uma réstea de esperança na bagagem.

Mesmo sem contar com Humberto e Veloso (convalescentes de delicadas intervenções cirúrgicas) o Benfica pareceu sempre ter conhecido aquela formação, aquela disposição de pedras, o mesmo mecanismo, semelhante padrão em todas as suas exibi-

ções. Actuou em fato operário, cada qual procurando sempre acudir a um parceiro de labuta para, logo que desfeito o perigo, descruzar armas e partir, em avalanche, para a vanguarda. Tudo parecia fácil, possível, ao alcance de um palmo de mão: e assim surgiu o tento de Diamantino, corolário do repto lançado por José Luís no centro primoroso com que colocou a bola no peito do barreirensê. O disparo, calibrado até ao pormenor, foi o tiro de misericórdia no fuzilamento de quem vinha da beira-Acrópole.

Antes, como várias vezes ao longo do deslizar do calendário, aconteceu a **rábula do banco**, com o bom do nosso Domingos Claudino com a menina dos cinco olhos a contar e recontar quem se sentava na barricada grega: uma a mais que fosse e, pumba, aviso ao fiscal, apelo ao árbitro, sujeito corrido para o túnel, foram esses intermédios cómicos, mais aqueles instantes em que a ateniense falange de apoio se lembrou de atirar laranjinhas para o relvado que fizeram quebrar a monotonia avassaladora dos ataques lisboetas, que se conluiriam com o desvairente e espantoso **tirão** de Manniche que, cruzando como um bólide todas as 18 jardas e larga fatia de relva fronteira, fez oscilar o véu da noiva e esclarecer definitivamente a questão. Três tentos, dois com toque inicial de Carlos Manuel e o último com preciosos endosse do genial Chalana: a resposta a uma tênue ameaça durante quinze dias suspensa, como espada de Dâmocles, o cortesão de Siracusa que ficou com a vida por um fio ante o todo poderoso soberano da sua corte.

E o rei, na eliminatória, foi sempre o Benfica.

Emfim: gregos por terra, águia nas alturas. Um momento verdadeira dourado na quase permanente rota benfiquista dentro de uma Europa onde, em cada estádio, no topo do mastro de honra, é conhecido o símbolo desse clube que, ciclicamente, vai dando imparáveis alegrias ao futebol português, sempre oscilante entre a Rocha Tarpeia e o Capitólio da Luz.

Neves de Sousa



Diamantino: um golo soberbo



Chalana: disparo do «pequeno genial»



Carlos Manuel: dos pés da gazela rubra saíram dois centros que terminaram nos tentos de abertura do Benfica

Boa arbitragem do escocês Neil Midgley, ajudado por Jim Ashworth (bandeirola vermelha) e Win Brown (bandeirola amarela).

Benfica: Bento; Pietra, António Bastos Lopes e Alvaro; Shéu; Carlos Manuel, Stromberg (Oliveira, 71) e Chalana; José Luís, Filipovic (Manniche, 21) e Diamantino.

Olympiakos: Sarjanis; Gounaris, Vanvakoulou, Papadopoulos e Kouzoulakis (Kokolakis, 62); Michos, Neuman, Migropoulos e Lemonis; Anastopoulos e Albertsen.

Golos: Filipovic (16), Diamantino (28), e Manniche (75), Cartão amarelo: Diamantino, Kouzoulakis e Mitropoulos.

“A chave da vitória”

O treinador do Benfica, o sueco Sven-Goran Eriksson, classificou Shéu como a **chave da vitória** sobre o Olympiakos:

Shéu foi maravilhoso, soberbo, fantástico, excelente, a chave da vitória, disse Eriksson, referindo-se ao jogador que ocupou o lugar de defesa-central no jogo realizado no Estádio da Luz.

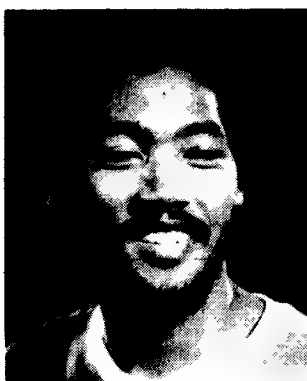
Oliveira é muito bom defesa-central em jogos no campo do adversário mas, no Estádio da Luz, a defesa do Benfica joga sobre o meio-campo e, por

isso, preferi Shéu, que é um ótimo organizador de jogo atacante, salientou o treinador benfiquista.

Referindo-se ao encontro Eriksson afirmou que o Benfica jogou muito bem na 1.ª parte e não tão bem na 2.ª sobretudo no plano táctico, o que possibilitou ao Olympiakos a criação de mais lances de perigo. Depois de anunciar que Filipovic abandonou o terreno de jogo com uma rotura contraída no lance do 1.º golo das «águias», Eriksson referiu-se a

Manniche afirmando que o mesmo pode jogar mais e melhor que ontem: Manniche é um rapaz «alto e louro» mas, com um pouco mais de sorte, teria marcado mais dois ou três golos, sublinhou Eriksson, referindo-se jocosamente a Pedrito, que classificara apenas de «alto e louro» o dinamarquês do Benfica.

Quanto à próxima eliminatória, Eriksson salientou preferir uma equipa mais fácil que o Roma (por exemplo), afirmando que, em Março, o Benfica poderá estar, fisicamente, em grande plano.



Shéu: o melhor (também) para Eriksson

Heinz Hoher: “Benfica superior ao Ajax”

O treinador dos gregos, Heinz Hoher, manifestou-se surpreendido com a tática utilizada por Eriksson: a utilização de Shéu a defesa central surpreendeu-me.

Depois de classificar o jogo de muito duro, capitulo em que o Benfica foi indiscutivelmente superior, Hoher afirmou que, na Grécia, o Olympiakos teve sete ou oito oportunidades que não concretizou enquanto o Ben-

fica, agora marcou dois golos nas duas primeiras oportunidades que teve.

Hoher afirmou ser o Benfica superior ao Ajax de Amsterdão, equipa derrotada pelo Olympiakos na 1.ª eliminatória da prova. Depois de classificar a equipa portuguesa como uma das melhores da Europa, Heinz Hoher referiu-se a Carlos Manuel dizendo ser magnífico ter um jogador com a sua categoria numa equipa.

DESPORTO

"Taça das Taças": FC Porto, 1 — Glasgow Rangers, 0

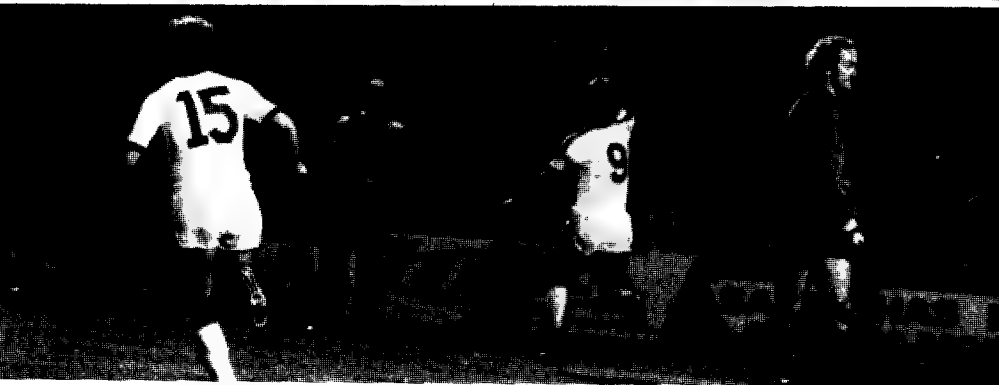
Gomes: golo de ouro do "bota de ouro"

Se é certo que um golo bastou para os portistas arrumarem os escoceses, não é menos verdade que viveram com o credo na boca até ao derradeiro apito do árbitro, já que os jogadores do Glasgow Rangers reagiram forte e feio após o golo decisivo e ameaçaram dar um desgosto aos cerca de 60 mil adeptos nortenhos que emolduravam o vasto anfiteatro das Antas. Não restam dúvidas, porém, que o triunfo assenta como uma luva ao FC Porto, já que no conjunto das duas «mãos» terá sido a equipa mais pendular e aquela que evidenciou mais categoria para passar à eliminatória seguinte da «Taça das Taças».

A exemplo do que já havia acontecido perante os jugoslavos do Dinamo de Zagreb, os «azuis e brancos» (ontem, por sinal, todos de branco) voltaram a experimentar sérias dificuldades para ultrapassar com êxito uma defensiva super-reforçada e de grande porte atlético. Dificuldades tanto maiores quanto é certo que os pupillos de Pedroto teimaram, mais uma vez, em penetrar no último reduto contrário através de lançamentos pelo ar, para a cabeça de Gomes e Walsh, só que, na circunstância, os dois arietes portistas davam pelo ombro dos «gigantes» escoceses...

Com um jogador (Cooper) a sobressair dos restantes pela sua técnica apurada (apesar de utilizar apenas o pé esquerdo...) o Glasgow Rangers fechou-se (como soi dizer-se) a «sete chaves» no seu meio-campo e através de uma marcação à zona dos estrategos portistas conseguiu manter a inviolabilidade das suas redes ao longo de 52 minutos. Zé Beto foi, até aí, um mero espectador, enquanto McCloy (que deve medir à vontade uns dois metros) fartou-se de defender, algumas vezes até «in extremis», como aconteceu em três lances consecutivos que ocorreram nos cinco minutos finais do 1.º período, todos rubricados pelo «bota de ouro».

Após o descanso, que foi aproveitado por Pedroto para introduzir algumas alterações de ordem táctica (saíram Rodolfo e Costa e entraram Sousa e Jaime Magalhães), o FC Porto passou a actuar noutro estilo, mais objectivo e mais consentâneo com a realidade. Frasco (por exemplo) deixou-se de floreios e começou a en-



Gomes: um remate que valeu o salto na Europa

tregar a bola na hora certa, o que evitou (ao contrário do que havia acontecido até então) que os escoceses se recompusessem facilmente, sempre que os portistas logravam abrir uma brecha.

Foi, aliás, na sequência de uma excelente jogada do pequeno-grande jogador «azul e branco» que o FC Porto obteve o tento que lhe garantiu o passaporte para a eliminatória seguinte. Iam decorridos, 52 minutos: Frasco conduziu o esférico pela meia-esquerda, burlou dois adversários e entrou na área já liberto.

Foi até à linha de fundo de onde centrou rasteiro e atrasado para Gomes «Fuzilar» duas vezes, à 2.ª com êxito.

«Aqueceu» o ambiente (havia chovido bastante antes do encontro principiar e recomeçou a chover após o intervalo) e aqueceram os escoceses que, a partir do golo portista, arregaçaram as mangas

e dispuseram-se a vender cara a derrota. Na sequência de faltas sucessivas (cometidas, por Lima Pereira, por Eurico, ainda, por Inácio) o esférico passou a rondar a baliza de Zé Beto com uma frequência tal que se receou o pior. Tal situação ficou a dever-se, de certo modo, a um erro já habitual dos pupillos de Pedroto que, depois de estarem em vantagem no marcador, abdicam do ataque e teimam em defender, no seu meio-campo e nas imediações da sua grande área, esse pecúlio: defender (sim), mas em zonas onde o perigo não seja iminente.

Ante um «pressing» muito bem executado pelo Glasgow Rangers, o FC Porto ficou aflito, confuso até, o que facilitou sobremaneira a resposta do contrário e obrigou Zé Beto a mostrar todos os seus predicados para garantir uma vantagem escassa, mas suficiente. Ficou, no entanto, uma

certeza: quando é preciso, os portistas também sabem defender. Faltará apenas uma coisa: o traquejo para sair de uma situação delicada e passar à contra-ofensiva, com aquela objectividade característica das equipas de gabarito europeu. Consiga Pedroto esse «milagre» e, então, não teremos dúvidas em afirmar que o FC Porto tem «estofa» para ir longe no confronto com equipas estrangeiras e mormente na competição em que está empenhado.

Antes de um comentário à actualização do trio de arbitragem, queremos salientar aqui a eficácia do serviço de segurança que esteve nas Antas e que tratou do espaço destinado aos adeptos escoceses que, desta feita, metidos entre duas vedações de grades de arame farpado, não tiveram tempo nem espaço para fazer das suas, dentro do estádio podendo eventualmente estragar o espec-



Jorge Nuno Pinto da Costa: a felicidade do presidente azul-branco



Um mar de abraços portistas

táculo. Tal não aconeceu (felizmente) mas as «nódoas» do seu comportamento ficaram espalhadas um pouco por toda a cidade, em parte por culpa de alguns comerciantes sem escrúpulos que, a troco de uma libra, não hesitavam em deixar que os escoceses saíssem dos estabelecimentos com as garrafas nas mãos. Garrafas de cerveja e vinho, entendase, que depois eram abandonadas onde calhava ou espatifadas

contra as paredes, quando não mesmo, contra os automóveis...

Sobre a arbitragem, tudo o que se poderá dizer será para salientar a excelente lição que foi dada a todos (e muitos foram) os juizes portugueses que a ela assistiram: sempre em cima dos lances e muita certa em todos os julgamentos, designadamente na amostragem do cartão amarelo.

Manuel Neto

Árbitro: D'Elia (Itália).

FC PORTO: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Inácio; Frasco, Rodolfo (Sousa, na 2.ª parte) e Jaime Pacheco; Gomes, Walsh e Costa (Jaime Magalhães, na 2.ª parte).

GLASGOW RANGERS: McCloy; Mackinnon, Patterson, McClelland e Dawson; Cooper, Russel, McPherson, Prytz (McColist, aos 80 m.) e Redford; Clark (Mitchell, aos 77 m.).

Marcador: Gomes (52 m.). Cartão amarelo: McPherson (34 m.), Cooper (43 m.), Lima Pereira (51 m.), Mackinnon (56 m.) e Mitchell (82 m.).

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 42 DE 6 DE NOVEMBRO DE 1983

Cardeal Saraiva: 112 2X2 X11 12XX; Rádio Totobola: 112 21X X11 1X12; O Diário: 1X2 2X1 211 2X12; Correio de Coimbra: 1X1 2X1 211 2112; Correio do Vouga: 112 211 111 1112; Defesa de Espinho: 1X2- 2X1 2X1 2X1X; Diário de Lisboa: 112 22X 211 2X12; Ecos do Cacia: 111 211 111 1112; Jornal de Gaia: 12X X11 1X1 1XX2; Folha do Domingo: 112 X11 211 2X22; Jornal da Beira: 112 2X1 2X1 2122; Jornal do Fundão: 1XX 21X 121 2X1X; Jornal de Santo Tirso: 11X X21 111 1112; Jornal Maria da Fonte: 112 XX1 111 21XX; Notícias de Felgueiras: 112 2X1 1X1 1XXX; Notícias de Guimarães: 112 221 211 2X22; O Algarve: 1XX 211 X11 XX12; Rádio Altitude: 111 2X1 21X 2112; Reconquista: 11X 21X 111 2112; RDP/Secção Desportiva: 112 2X1 111 XX12; Jornal «A Voz das Beiras»: 112 2X1 211 1112; A Voz do Domingo: 112 21X X11

111X; Voz de Lamego: 111 X21 X11 1112; RDP/Tempo de Desporto: 112 211 2X1 1212; Música e Não Só: 112 2X2 2X1 1112; RDP/Ponto de Encontro: 11X X2X 2X1 1112; O Jornal de Amara: 112 121 111 1112; RDP-/Reportagens Exteriores: 111 XX1 1X1 111X1; RDP/Clube da Manhã: 112 X21 211 1212; RDP/Manhã Manhã: 112 221 X11 1112; RDP/Diatónico: 1X1 X1X XX1 111X2; A Cor do Som: 11X 211 X11 1112; Janela Aberta: 11X 21X 2X1 1122; Pontapé de Canto: 1XX 2X1 211 111X; Jornal a Defesa: 112 2X1 2X1 XX22; Eu Sei Tudo: 1XX 211 111 1112; O Jornal da Lixa: 111 121 211 1112; Jornal Linhas de Elvas: 112 X21 111 111X2; Manchete Desportiva: 11X 2X1 X11 2112; Notícias de Chaves: 112 2X1 211 XX12; Notícias de Gouveia: 112 2X1 X11 1112; Penalti: 112 221 111 X112; RDP/Centro-Desporto em Análise: 12X

212 221 X111; Jornal a Voz de Palmela: 111 221 1X1 2122; O Mensageiro: 112 X1X 111 111X2; Notícias de Évora: 11X 2X1 XX1 1X12; Clube do Ar: 111 211 111 1112; O Comércio de Leixões: 11X 2XX X11 111X2; Diário do Porto: 11X 211 X11 1112; Jornal de Gaia: 12X X11 1X1 1XX2; Jornal da Graça: 112 2XX 1X1 2222; Jornal de Notícias: 11X 2X1 X11 1112; O Primeiro de Janeiro: 112 2X2 211 12X2; Quadrante Norte: 112 211 X11 2X22; Rádio Sport: 11X 211 111 1112; Repórter do Dia: 112 2X1 X11 111X2; Resenha Desportiva: 112 22X XX1 111X; Ritmo e Amizade: 111 211 111 1112; A Voz dos Ridículos: 11X 212 X11 XX12; Jornal a Voz do Ave: 112 2XX 111 1112; Jornal Vento Norte: 11X 2X1 X11 1112; Rádio Alvo: XXX 2X1 2X1 2XX2; Alvo: 112 2X1 111 1112; Alvo Desportivo: 1XX 21X X11 1112.

	R E S U M O			B O L A S (a)		
	1	X	2	1	X	2
1. BRAGA - PENAFIEL	63	1	0	11	1	1
2. BOAVISTA - PORTIMONENSE	51	10	3	9	2	1
3. SILVES - ÁGUEDA	10	22	32	2	4	6
4. LIXA - ESPINHO	2	12	50	1	2	9
5. VALDEVEZ - SANJOANENSE	24	27	13	5	5	2
6. ANADIA - S. MARTINHO	45	14	5	8	3	1
7. BARREIRENSE - ACADÉMICO	23	20	21	4	4	4
8. GIL VICENTE - LUSITANO	46	17	2	8	3	1
9. U. MADEIRA - GUARDA	63	1	0	11	1	1
10. E. PORTALEGRE - E. AMADORA	32	19	13	6	4	2
11. MONTIJO - FAMILICÃO	41	15	8	7	3	2
12. BEJA - CALDAS	40	16	8	7	3	2
13. LIMIANOS - BELENENSES	2	8	54	1	2	9

a) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
112 2X1 111 1112

DESPORTO

Clube Fluvial Portuense: 107 anos



A 4 e 5 do corrente, a selecção portuguesa de ginástica rítmica participará num torneio internacional em Lausanne (Suíça), seguindo depois para o campeonato mundial, que vai processar-se entre 10 e 13 deste mês, em Estrasburgo (França). Junto com a treinadora (prof.ª Jenny Candelas) aqui temos as jovens seleccionadas: Ana Cristina Peleira (15 anos), Cristina Lebre (18), Margarida Carmo (14) e Maria João Falcão (18).

Ginástica: as "estrelas"

A soviética Natália Yourchenko tornou-se campeã de ginástica, com um total de 79,350 pontos nos campeonatos realizados em Moscovo. Natália Yourchenko, que terminara na 1.ª posição após as duas primeiras jornadas, com os exercícios obrigatórios e livres, conseguiu depois duas notas com 10 pontos (em saltos e exercícios no solo), enquanto se cotava em 9,90 na trave olímpica e 9,85 nas paralelas assimétricas. A medalha de prata coube a outra soviética (Olga Mostepanova) que somou 79,00 pontos, e também conseguiu 10 pontos nos saltos. A romena Ecaterina Szabo foi 3.ª (medalha de bronze), com um total de 78,975 pontos, tendo perdido a medalha de prata na trave olímpica, onde várias hesitações reduziram a sua pontuação para 9,60, depois de ter sido classificada com 10 nos saltos e no solo, tal como a campeã mundial.

Classificação final das dez primeiras: 1.ª Natália Yourchenko (URSS), 79,350 pontos; 2.ª Olga Mostepanova (URSS), 79; 3.ª Ecaterina Szabo (Roménia), 78,975; 4.ª Borianna Stoyanova (Bulgária), 78,975; 5.ª Tatiana Frolova (URSS), 78,725; 6.ª Lavinia Agache (Roménia), 78,575; 7.ª Maxi Gnauck (RDA), 78,425; 8.ª Zoia Grantcharova (Bulgária), 78,350; 9.ª Laura Cutina (Roménia), 78,275; 10.ª Chen Yongyan (China), 78,175.

Homens no solo: 1.º Tong Fei (China), 19,900 - ouro; 2.º Dimitri Belozertchev (URSS), 19,875 - prata; 3.º Li Ming (Chi.), 19,800 - bronze. Argolas: 1.º Dimitri Belozertchev (URSS), 19,925 - ouro; 2.º Koji Gushiken (Jap.), 19,925 - prata; 3.º Li Ning (Chi.), 19,900 - bronze. Barra fixa: 1.º Dimitri Belozertchev (URSS), 19,850 - ouro; 2.º Philippe Vatuofe (Fra.), 19,825 - prata; 3.º Alexandre Pogorelov (URSS), 19,825 - bronze.

Cavalo com arções: 1.º Dimitri Belozertchev (URSS), 20 - ouro; 2.º Li Xiaoping (Chi.), 19,950 - prata; 3.º Gyorgy Guczoghy (Hun.), 19,950 - bronze. Salto de cavalo: 1.º Arthur Akopian (URSS), 19,875 - ouro; 2.º Li Ning (Chi.), 19,850 - prata; 3.º Berndt Jensch (RDA), 19,825 - bronze. Paralelas: 1.º Lou Yun, (Chi.), 19,950 - ouro; 2.º Vladimir Artemov (URSS), 19,950 - prata; 3.º Koji Sotomura (Jap.) 19,850 - bronze.

Mulheres no solo: 1.ª Ecaterina Szabo (Rom.), 19,975 pontos - ouro; 2.ª Olga Mostepanova (URSS), 19,900 - prata; 3.ª Borianna Stoyanova (Bul.), 19,850 - bronze. Salto de cavalo: Borianna Stoyanova (Bul.), 19,825 - ouro; 2.ª Lavinia Agache (Rom.), 19,800 - prata; 3.ª Ecaterina Szabo (Rom.), 19,800 - bronze. Trave olímpica: 1.ª Olga Mostepanova (URSS), 19,775 - ouro; 2.ª Hana Ricna (Che.), 19,750 - prata; 3.ª Lavinia Agache (Rom.), 19,675 - bronze. Paralelas assimétricas: 1.ª Maxi Gnauck (RDA), 19,925 - ouro; 2.ª Ecaterina Szabo (Rom.), 19,800 - prata; 3.ª Lavinia Agache (Rom.), 19,800 - bronze.

A URSS ganhou 15 medalhas, das quais nove de ouro, nos campeonatos mundiais de ginástica, em Budapeste. Depois da URSS, foi a China quem conquistou maior número de medalhas (nove, das quais três de ouro). A Roménia apenas conseguiu uma medalha de ouro, entre as oito alcançadas. O quadro de distribuição de medalhas foi o seguinte:

	O	P	B	T
URSS	9	5	1	15
China	3	2	4	9
Roménia	1	5	2	8
Japão	1	1	2	4
RDA	1	2	3	6
Bulgária	1	1	2	4
Hungria	1	1	1	3
Checoslov.	1	1	1	3
França	1	1	1	3

O Clube Fluvial Portuense, que completará 107 anos no próximo dia 4, é a 3.ª colectividade mais antiga de Portugal e a primeira do Norte. O Fluvial deu início a toda a actividade desportiva da região, introduzindo modalidades, organizando competições, fundando organismos regionais para as mesmas modalidades e instituindo federações. Para o melhor desenvolvimento do desporto nortenho, nomeadamente o náutico, instituiu filiais em Vila do Conde e Santo Tirso que, tornadas independentes, se vieram a denominar Clube Fluvial Vilacondense e C. Fluvial Tirsense, e, mais tarde, em Viana do Castelo, o Clube Fluvial Vianense.

Se a sua actividade inicial foi o remo, breve organizou a actividade desportiva da natação, a que se seguiu a ginástica, o «ballet», a vela, o boxe e a esgrima. Na parte cultural, o Fluvial Portuense estendeu a sua acção à camada popular do velho burgo, ensinando a ler e organizando uma biblioteca. Presentemente, o clube tem em actividade secções desportivas de remo, natação, voleibol, basquetebol, actividades submarinas, ténis, campismo e pesca desportiva.

O Fluvial tem 805 atletas federados, mas as escolas de remo, natação, basquetebol e voleibol têm uma frequência da ordem dos 1200 alunos, o que prefaz uma actividade que ronda os dois milhares, além dos apresentados pela DGD, que são cerca de mais mil.

Em 1906, o Fluvial possuía uma equipa de socorros a náuticos, que colaborou no salvamento dos passageiros do trágico naufrágio do paquete inglês «Svenroneze» e ainda no «Bogor» (naufragados na barra do Douro) prestando igualmente socorros náuticos à gente ribeirinha, durante as cheias do rio Douro.

Quando da conflagração mundial 1914/1918, o Fluvial organizou escolas de marinhagem, para facultar o recrutamento para a armada. E com o regresso da corveta «Sagres» e do cruzador «Adamastor» (que entraram na barra do Douro) o clube agora em festa veio a prestar pública homenagem «aos bravos marinheiros que regressavam da luta». Por esse facto, o Conselho do Almirantado dirigiu ao Fluvial «uma mensagem encerrada em riquíssima pasta de veludo, ostentando as armas reais em prata».

O Fluvial prestou ainda «homenagem patriótica aos gloriosos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral», quando da

travessia aérea do Atlântico», recebendo-os nas suas instalações.

Em 6 de Março de 1983, quando o centenário do Infante D. Henrique, o Fluvial teve lugar preponderante relativamente à construção de um monumento do navegador.

O Fluvial foi fundador das Federações Portuguesas de Remo, Natação e Basquetebol e das Associações do Porto de Natacão, Basquetebol e Voleibol.

No tiro de guerra, representou-se em inúmeras competições internacionais (incluindo os Jogos Olímpicos) tem estado presente em outras provas além-fronteiras, quer directamente (com as suas equipas) quer integrando selecções portuguesas, nomeadamente no remo, em que se deve distinguir a competição dos Jogos Lusobrasileiros no Basquetebol, em encontros (em França) de boxe, em que jogadores seus vieram a transitar como independentes para a actividade profissional, destacando-se as «velhas glórias» Tavares Crespo e Horácio Velha.

Na natação, ressaltam os contactos directos do clube com congéneres estrangeiras mormente as espanholas, em que os resultados têm sido prestigiosos para o desporto português, tendo nadadores seus estado presentes em muitas competições internacionais integrados na equipa das quinças, inclusivamente no campeonato para as olimpíadas de 1980, em que o Fluvial teve três pré-olímpicos.

O Clube Fluvial Portuense teve ainda a iniciativa do ensino da natação aos alunos das escolas primárias de Portugal, em 1967.

O Fluvial, ao iniciar a actividade da natação submarina, promoveu escolas de homens-rãs, que hoje servem as capitânias da região e os bombeiros e outras organizações sociais.

A actividade do clube foi reduzida gravemente em três momentos, o que levou a esforços extraordinários para fazer sobreviver a colectividade: a derrocada do posto náutico, (com a destruição da flotilha de remo, em 1931), a demolição das suas instalações desportivas pela Câmara Municipal do Porto (em 1958) e os efeitos da maior cheia do rio Douro (ocorrida em 1962), que voltou a

destruir a maior flotilha do remo nacional. O clube não só recuperou, como veio a construir o grande complexo desportivo de Lordelo do Douro, em que se destacam as seis piscinas, prosseguindo os esforços para a construção de um pavilhão gimnodesportivo que substitua o pequeno ginásio, também demolido pela CM do Porto, o que veio pôr termo à ginástica. Na falta da referida (e indispensável) estrutura desportiva, o Fluvial ocupa sete instalações de estabelecimentos do ensino oficial.

Para além do número de atletas e de alunos das escolas desportivas já citados, o clube dispõe ainda de cerca de 10.000 jovens, na maioria de idade inferior a 16 anos, a quem faculta intermitentemente a possibilidade de acções desportivas ou de ocupação de tempos livres, embora sem orientação.

Em 22 de Novembro de 1801, o Fluvial Portuense passou a denominar-se Real Clube Fluvial Portuense, em virtude do reconhecimento pelos serviços prestados, por decreto real de sua majestade, El-Rei D. Luís I. A 3 de Fevereiro de 1923 foi agraciado com a medalha da «Cruz Vermelha da dedicação», pela Comissão Central da CVP a 20 de Dezembro de 1927, recebeu a condecoração de «Cavaleiro da Ordem Militar de Cristo», por proposta do ministro da Marinha. Sete anos depois (em 27 de Dezembro), o Governo declarou oficialmente o Fluvial «Instituição de utilidade pública, por proposta do ministro das Finanças e da Instrução Pública. O Fluvial foi ainda agraciado com as medalhas de «Valor Desportivo» (ouro) da CM do Porto, «consagração e mérito desportivo», «ci-

dade do Porto» e (em 1968) com a de «bons serviços desportivos», instituída pelo Ministério da Educação Nacional. Em 1978, o Instituto de Socorros a Náufragos concedeu o diploma e a medalha de prata de «filantropia e caridade do ISS», em 1981, recebeu o «troféu olímpico» e no ano seguinte a medalha de «mérito desportivo».

Nas comemorações dos seus 107 anos de vida, figuram: na sexta-feira, o hastear da bandeira do clube junto à sua sede, pelas 9 h uma missa pelos sócios falecidos (na Igreja de S. Nicolau) pelas 10 h do dia 5. No dia 12, haverá em festival desportivo, no minipavilhão, junto às piscinas, com ginástica «jazz» e desportiva (de aparelhos) e jogos de voleibol. Uma semana depois, provas das escolas de cadetes (na piscina), pelas 16 h, visita às obras no posto náutico (em Gaia), às 21.30, seguido da confraternização da secção de remo, em homenagem aos campeões de Portugal. No último dia dos festejos (que ocorrerá a 25 do corrente) haverá um jantar comemorativo na Praia da Aguda, onde serão impostas as faixas aos campeões nacionais de 1983, com entrega de emblemas, diplomas e condecorações.

Na sua agenda

● **Fórmula Um:** o brasileiro Emerson Fittipaldi, que na década de 70 conquistou dois títulos de campeão mundial de Fórmula Um, disse em São Paulo (Brasil) que «a todo o momento» anunciará com que escuderia vai regressar aos circuitos na próxima temporada.

sim, sem dificuldade, para os quartos de final do torneio europeu, com um total de 171-75.

Espanha: Taça do Rei

Resultados dos jogos de futebol disputados ontem na 1.ª «mão» da 3.ª eliminatória da Taça do Rei: Guimarães - Sporting-0-2; Portimão - Atl. Madrid, 2-2; Castilla - Bétis, 4-1; Huelva - Valência, 0-1; Las Palmas - Salamanca, 0-0; Cartagena - G.ada, 3-0.

MICROSCOPIO

Basquetebol: Derrota do CIF

A equipa francesa do Villeurbanne venceu a do CIF por 85-39 (40-17 ao intervalo) no pavilhão da Tapadinha, para a 2.ª mão da eliminatória n.º 2 da Taça dos Vencedores de Taças, em basquetebol feminino. Na 1.ª mão, em França, a equipa gaulesa (uma das mais credenciadas da Europa) venceu a CIF por 86-36. O Villeurbanne qualificou-se, assim, para os quartos de final.

Rallye Sagres Europa começou esta manhã

Ausência do n.º 1 Zanini

Com a partida às 9 horas, do primeiro concorrente, começou hoje em Faro a primeira etapa do Rallye Sagres Europa-Algarve, última prova do campeonato nacional de rallyes e que vai decidir o título entre Joaquim Santos e José Pedro Borges.

Joaquim Santos, líder do campeonato, que se apresentava como favorito, alinhou em deficientes condições físicas, em consequência de um aci-

dente sofrido quando treinava esta prova. Teve que ser assistido nos últimos dias por médicos e por um massagista na tentativa de recuperar.

Em declarações aos jornalistas, Miguel Oliveira, co-piloto de Joaquim Santos, afirmou estar confiante num bom rallye, salientando também que a sua equipa iria fazer «um rallye tático», observando o andamento das outras equipas e «com

muita atenção a José Pedro Borges».

A chuva foi considerada por Miguel Oliveira como um factor positivo na medida em que eliminará a poeira.

Das 106 equipas inscritas apenas alinham 87. Um dos ausentes é o espanhol Zanini, que tinha o número um e nem sequer compareceu à verificação técnica, desconhecendo-se os motivos.

Roterdão: futebol sangrento

Vinte e dois apoiantes que assistiram ao desafio de futebol da Taça UEFA entre a equipa holandesa do Feyenoord de Roterdão e a equipa holandesa de Tottenham Hotspur, dos quais 15 britânicos foram transportados, ontem à noite, para hospitais de Roterdão, para serem tratados ferimentos a maior parte dos ferimentos foram provocados por facadas, devendo alguns dos feridos ficar alguns dias em observação. Outros apoiantes (mais ligeiramente feridos) receberam os primeiros socorros no próprio estádio. Os incidentes mais graves ocorreram antes do encontro, quando os apoiantes do Hotspur tentavam penetrar na zona do estádio reservada aos apoiantes do Feyenoord.

Sport-Society

«Patrick»

Hoje, pelas 19 e 30, no Salão Restaurante da Feira das Indústrias (Belém, Lisboa) a «Patrick» apresenta a sua colecção de modelos desportivos para o Verão do próximo ano. Uma verdade: a tecnologia está (decididamente) ao serviço do Desporto.

Se chover temos casa para si
Se não chover «SONDA SUL»
encontra água onde você quiser
Se não gosta dos centros urbanos
construímos para si no local ideal

LOTES DESDE 1000 m² a 5000 m²

HABITAMUNDO

ALGARVE

Maya Plisetskaya dança hoje no Coliseu!

O público de Lisboa terá hoje e amanhã à noite a possibilidade de assistir, no Coliseu dos Recreios, a espectáculos de bailado que marcarão, sem dúvida, o ano musical de 1983. Trata-se das actuações no nosso país de uma das maiores bailarinas deste século — Maya Plisetskaya — cuja arte tem sido aplaudidíssima pelas plateias mais exigentes e cujas «tournée» por todo o mundo sempre foram alvo de recepções apotóticas, como o provam os delirantes acolhimentos que esta artista obteve no Teatro Alla Scala de Milão, em Paris, Nova-Iorque, Cuba, etc., etc.

Escrever sobre a dança de Maya Plisetskaya é uma tarefa extremamente difícil, não só porque sobre ela já se escreveram milhares de páginas, como também por ser sempre redutora a tarefa de tentar descrever por palavras o algo de inefável que são as características de um grande intérprete. Um crítico a quem encarregaram de escrever um artigo sobre esta bailarina encheu pura e simplesmente uma página de jornal com adjetivos e expressões de admiração.

A própria bailarina, mais do que ninguém consciente da facto redutor que significa escrever sobre as suas actuações, é muito severa com os críticos: «O que mais detesto na crítica é a mediocridade, a trivialidade do pensamento, os «clichés», o registo árido das virtudes e dos defeitos. O que mais estimo na crítica é a individualidade, a personalidade, a opinião audaz, mesmo que hiperbólica. Por isso adoro quando os poetas escrevem acerca de bailado. De que modo fabuloso Pushkin escreveu sobre bailarinas como a Isotomina e a Teleshova!».

Mas tentemos resumir o que foi a grande carreira desta grande intérprete.

Filha de uma actriz, desde muito nova estava bailado na escola do Teatro Bolshoi. Sem dúvida fruto da herança materna é o facto de querer ser actriz dramática (já interpretou uma personagem no filme *Ana Karenina*), o que talvez confira às suas actuações uma verdade dramática tão grande.

No primeiro ano da escola trabalhou com Evguenia Ivanovna Dolinskaya. Tendo interrompido os estudos por um tempo, voltou à célebre escola para estudar até ao sétimo ano com Elizabeta Pavlovna Guerdt, filha do famoso bailarino e pedagogo Pavel Andreevich Guerdt, professor de alunas tão famosas como Ana Pavlova e Tamara Karsavina. Plisetskaya inseria-se assim na pureza das tradições académicas do bailado clássico. Terminou os seus estudos na classe de Maria Leon-teva.

A célebre bailarina conta, a respeito da sua admissão na escola do célebre teatro, uma história que revela o quanto a sua personalidade devia transbordar desde logo muito. Não possuindo na altura um corpo com as condições ideais para bailarina, perguntou mais tarde a Elizabeta Guerdt o porquê da sua passagem no exame de admissão — «Depois de dançares já não me lembro o quê, pedimos-te para fazeres uma reverência de agradecimento. Inclinaste-te com tanta dignidade e com uma graça tão altiva que a severa comissão examinadora desatou a rir e resolveu aprovar-te por unanimidade. Com tanta majestade, só podia inclinar-se quem tinha um futuro de grande bailarina», foi a resposta.

Terminou os seus estudos e desde muito cedo começou a dançar pequenos papéis no Teatro Bolshoi. Nos seus exames de sexto e sétimo anos despertou grande admiração a sua interpretação do «grand

pas» de **Paquita**. Deixou assombrado o júri por um salto de altura fenomenal, de grande expressividade e dinamismo.

Preconizam-lhe o futuro de «bailarina lírica».

As suas linhas foram-se aperfeiçoando durante todos estes anos até atingirem as proporções perfeitas: as mãos ganharam expressividade e a angulosidade de adolescente desapareceu.

Os seus primeiros passos como profissional espantaram pela rara conjugação da pureza de linhas líricas com a agitada expressividade e o dinamismo perigoso da sua dança, o que lhe conferiu uma individualidade própria e fez com que nunca dançasse no corpo de baile. Ingressou no Teatro Bolshoi logo como solista.

Este teatro viria a revelar a célebre artista como «prima bailarina absoluta» em dezenas de interpretações inesquecíveis que ajudaram a criar um novo estilo à dança clássica feminina — o passo largo, o salto elevado, a grande amplitude de movimentos, a segurança e a força.

No princípio da sua carreira a sua forma de dançar parecia a alguns perfeita, embora fria. Anos depois dir-se-ia que a sua dança era comparável com «as línguas das chamas».

A sua interpretação de **Raimonda** promoveu-a subitamente a primeira bailarina do teatro e começa a ser acusada então de «pouco académica». A isto a grande artista responde numa entrevista que «nunca poderei estar de acordo com quem afirma que a técnica não é um fim, mas um meio. No classicismo antigo a técnica é frequentemente significativa por si mesma. O bailado clássico é a base do nosso estudo e somente com a técnica dele proveniente poderemos dançar o que quisermos. No entanto eu quero dançar e criar algo de Novo sobre essa base».

A partir daqui o número de papéis principais nos bailados mais conhecidos do repertório e os bailados criados especialmente para ela não mais parou: **o lago dos Cisnes**; **A Bela Adormecida**; **Giselle** (Mirta); **Noite de Walpurgis**; **Don Quixote**; **O Pássaro de Fogo**; **A Morte do Cisne** (uma das suas mais espantosas criações, perpetuada em cinema); **Laurencia**; **Romeu e Julieta**; **Spartacus**; etc., etc.

Carmen e Ana Karenina foram dois bailados criados especialmente para ela, alvos de aclamações entusiásticas em toda a parte em que os dançou.

A exuberância dos meios e a franqueza da expressividade emotiva (que a tornaram na grande artista que é) valeram a Maya Plisetskaya — como acontece a todos os grandes intérpretes seja em que campo for — um grupo de detractores. Formou-se uma verdadeira série de duelos críticos entre os guardiões do «classicismo puro» e os apologistas da «sensibilidade nova» na dança, preconizada por esta bailarina. Os primeiros não cessam de repetir que Plisetskaya não respeita a tradição, não se coaduna com a dança clássica e sim com a de carácter, etc. Felizmente que nenhum deles passará à história.

As actuações de Maya Plisetskaya em Lisboa (hoje e amanhã) vão decerto demonstrar o quão inúteis são estas discussões quando se trata de Arte (com maiúscula). O público irá julgar.

Dançarão ainda 60 bailarinos da Companhia de Bailado do Teatro Bolshoi, o que já de si constitui também uma garantia de excelente qualidade.

Manuel Jorge Correia



na noite velha

texto: tim

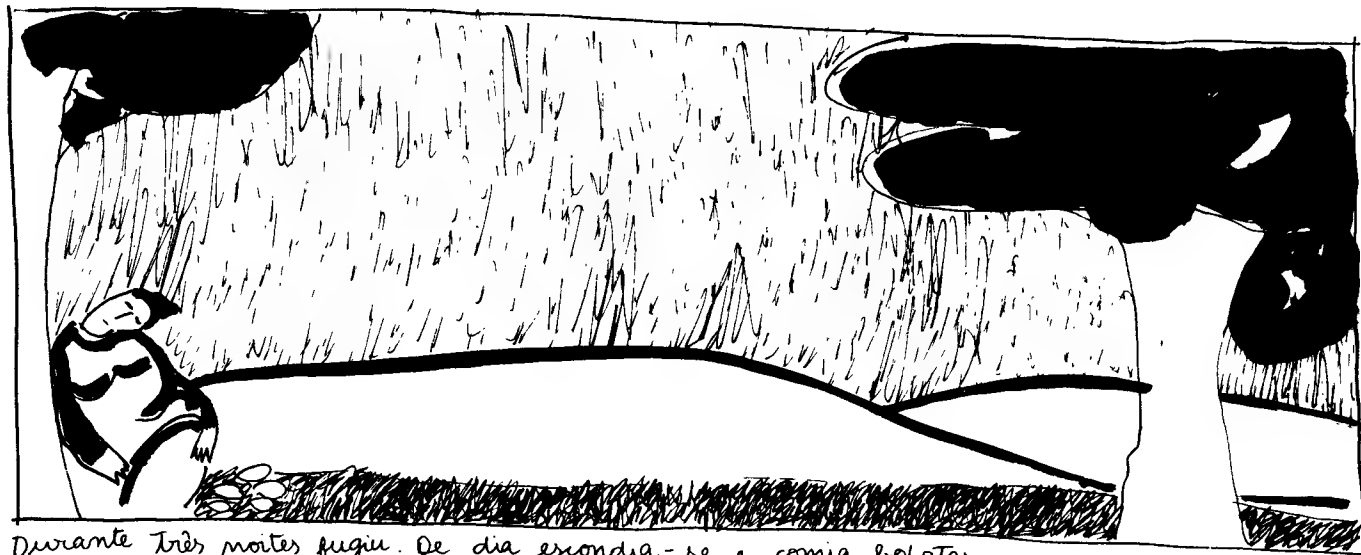
6

desenhos: Martav

Martav



A velha era vossa tia, parece, velha velha mesmo. Não sei como arrampuquei forças.



Durante três noites fugiu. De dia escondia-se e comia bolotas. Vocês... bem, vocês escaparam.



Do terceiro dia avistou vossa tia a cidade, branca e alta. Para lá foi.

continua

Assim vai a cultura

Orquestras degradam-se músicos protestam

Os músicos filiados no Sindicato dos Músicos, pertencentes às orquestras de Lisboa, deliberaram, em plenários realizados nos locais de trabalho, assumir a defesa activa das orquestras da Radiodifusão Portuguesa E.P. e do Teatro Nacional de S. Carlos E.P., vítimas de um processo de desagregação, cujos efeitos já são altamente preocupantes.

Como primeira medida e enquanto não forem tomadas decisões tendentes a normalizar a vida daqueles agrupamentos, os músicos dizem não à manobra «habilidosa» utilizada pelos responsáveis da RDP e do TNSC,

que consistia na contratação, por «empréstimo», de músicos pertencentes a outros organismos, evitando, deste modo, preencher as numerosas vagas existentes nas suas orquestras.

O Sindicato dos Músicos entende que é indispensável a urgente abertura de concurso para o preenchimento de todas as vagas existentes nos quadros das orquestras, caso contrário não será possível ouvir-se, ao vivo, entre nós, obras musicais que exijam, para a sua interpretação, de uma orquestra sinfónica, uma vez que tanto a RDP como o TNSC só poderão contar, agora,

com os seus próprios músicos e estes são manifestamente insuficientes, em número, para reproduzir com um mínimo de fidelidade as partituras das grandes obras de música sinfónica ou de ópera.

A esta primeira tomada de posição colectiva por parte dos músicos em defesa não só dos postos de trabalho, mas, fundamentalmente, de instrumentos culturais que pertencem ao património de todos nós, cuja existência está ameaçada por uma prática política que se tem revelado extremamente perniciosa para a música e os músicos, poderão seguir-se

outras, com o mesmo objectivo, se da parte dos responsáveis pelos problemas da cultura não houver intenção visível de alterar este estado de coisas.

O Sindicato dos Músicos, que tem vindo a denunciar incessantemente esta situação, assim como a situação análoga em que se encontra a Orquestra Ligeira da RDP, exorta todos os músicos a manifestarem a sua solidariedade com os colegas em luta, por só da unidade de todos poder resultar a solução que melhor corresponda aos interesses dos músicos e do próprio País.

Droga. Gerações em conflito. Culpa dos pais ou dos filhos?

Um filme de alto nível

realizado por **CLAUDE SAUTET**



un mau filho
UN MAUVAIS FILS

PATRICK DEWARE

BRIGITTE FOSSEY · JACQUES DUFILHO · YVES ROBERT

21.30h

estúdio

444

Sacil

ESTREIA AMANHÃ

21.15h

quarteto

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

DISTRIBUIDORES REUNIDOS

ACÇÃO EMPOLGANTE!

Nada os deteve de cumprirem a honrosa missão de salvarem o rei e restabelecer a paz!



OS GUERREIROS DE CHINA-TOWN

(TEN BROTHERS OF SHAO LIN)

CHIA LING · WANG TAO · CHANG YI

Realização de **TING CHUNG**

PARA MAIORES 12 ANOS

HOJE 14.15 ESTREIA

TPOLITEAMA



crônica de touros

SOLILÓQUIO

A propósito de gelados

Praça de Touros de Ecija. Domingo, 25 de Outubro de 1983. Touros de Manuel Alvarez para Manolo Vasquez, José Mari Manzanares e Angel Miguel, que tomou a alternativa.

PRINCÍPIO de tarde em Ecija. Pelas ruas desiguais, abertas entre o casario, é o lá vem um, raros se atrevem ao sol abrasador: parecemos ouvir o crepitar da terra, tomada outra vez frígida neste princípio de Outono andaluz, em que os termómetros sobem acima dos quarenta, desafiam os hábitos e regras que para cada estação do ano se aprendem na escola. Ali em baixo, no quiosque dos gelados, a senhora Consuelo deixou o assento no banco alto, pegou na vassoura, veio cá para fora entreter o tédio, varrer os papéis coloridos das embalagens, restaram da hora do movimento, antes da comida, que depois dela é a sesta, domingueira e reparadora. Aproximo-me, peço um gelado, aproveito para saber: Onde fica a praça de touros? Ela olha-me com a curiosidade devida a um forasteiro ignorante; e afinal indaga se haverá corrida, quase pede desculpa, demasiado próxima está ainda a lembrança do falecido, às vezes parece-lhe que nem anda neste mundo. Digo que sim, que vai haver touros, às cinco da tarde pela hora nova. A senhora Consuelo não acha bem que se ponham a adiantar e atrasar as horas. Na noite passada avisaram na televisão: pois mesmo assim esqueceu-se de ir acertar o relógio, nasceu a manhã sem saber às quantas andava, só deu por ela quando chegou à missa. «Toureira o meu primo Campuzano?» Respondo que não. «Ah!» — faz ela, sentindo pena da ausência do primo, aliás dos primos, que os Campuzanos são dois, o José António e o Tomás, por sinal têm toureado muito esta temporada, é a primeira em que andam juntos lá pelos cimos da escala dos matadores. A senhora Consuelo explica o parentesco, a avó deles era irmã do marido, que em paz descansa. Trato de puxar a conversa para fora de tristezas e saudades, aproveito para mostra de sabedoria, pergunto se a família é toda de Gerena, «Que va!», não senhor, foram viver para lá, mas nascidos aqui em Ecija. Aliás, Ecija sempre foi terra de toureiros, a senhora Consuelo acha que eu devo ter ouvido falar, do Jaime Ostos, do Bartolomé Jimenez Torres, que é pai do Antonio Ramon, trabalha ali adiante, na «Caja de Ahorros», bom emprego, ser bancário. Recordo os começos de Antonio Ramon no toureio, a classe que apontava, pôs Madrid a falar dele: depois foi a descida sem travões, e com falta de motor, é difícil que seja remédio a alternativa que tem anunciada pelo São Miguel, em Sevilha, a senhora Consuelo acha que hoje ser bancário mete mais respeito que sargento da Guarda Civil, e mais seguro em todos os sentidos, aliás nos tempos que correm ela antes queria ter um filho toureiro do que sargento da Benemérita.

★ ★ ★

A praça fica ali perto, subindo a rua, voltando à direita antes de chegar à estrada de Córdoba. São horas de ir andando, chupando um gelado que a senhora Consuelo aconselhou, muy fresquito, é novidade deste ano. A praça de Ecija, essa tem mais de cem anos: fica assim a modos que escondida, da rua quem não saiba mal dá por ela, um muro entre as casas do quarteirão, o postigo da bilheteira, portas como outras quaisquer: delas se desce para os tendidos, separados da barreira por um largo corredor, em que se pode passear à vontade, do lado do sol vazio, difícil de aguentar, por isso se encheu a sombra, para onde já as quadrilhas avançam. Lá vai Manolo Vasquez, a figura frágil e serena em que a praça inteira pôs os olhos e o sentimento, querendo guardar na memória os últimos estares do maestro, a Ecija não voltará assim, de luzes vestido. E em sua vida outra alternativa não dará, será esta a última, que o colombiano recebe, comovido. Angel Miguel se chama, com o sonho de ser toureiro atravessou o mar, antes disso teve de fazer-se doutor em medicina nuclear, condição paterna para lhe consentir que se abalancasse ao doutoramento que o coração lhe pedia: e agora depois de provado o ânimo numas dezenas de novilhas, era a hora grande, o mostrar feliz da orelha cortada ao primeiro touro da tarde, e de sua vida. Troféu merecido, pois recta e inteira foi a estocada, e na faena houvera o reclamado temple do colombiano, nas praças das Américas poderá figurar dignamente nesses postos reservados aos do próprio continente. Toureiro de todos os continentes seria Manzanares, se fosse constante no empenho em tourear com sua cadência suave, em Ecija temperou com ela os touros algecirenhos de Manuel Alvarez, maneáveis mas faltos de raça, aos toureiros deixaram o encargo de tornar a tarde assim entreteida. Entreteida é pouco, quando se fala de Manolo Vas-

quez, apostado em fazer triunfais suas corridas derra-deiras, em cada praça deixar saudosa a imagem de maestro: foram de encanto os muletazos com que abriu a faena ao seu primeiro, neles o levou até ao centro, ali o deixou pregado com aquele ajudado por baixo: o olé saltou das gargantas, com a força duma emoção que logo se fez silenciosa, esperando do diestro o continuar da beleza. E no quarto deu Manolo a outra tónica deste seu final, a do sereno valor, logo à saída demoravam os peões a fixar o touro, e saiu ele a encontrá-lo e reduzi-lo nos médios, ali onde no brinde ao público haveria de deixar a montera, de boca voltada para cima: para nela recolher, no final dos vinte e dois passes justos, medidos, suficientes, um punhado daquela terra, mais uma que entre comovido clamor via partir o de San Bernardo.

★ ★ ★

As gentes vão deixando a praça, levando para o centro da urbe o rumor dos comentários do acontecido. Além ao fundo, na esquina, lá está o quiosque dos gelados. A senhora Consuelo atende três garotos, para todos serem servidos faltam cinco pesetas, talvez fosse uma moeda que caiu, vejamos bem aí no chão. Mas o duro não aparece, não faz mal, se o encontrarem tragam-mo cá, e eles correndo, cada um com seu gelado. Mais moeda menos moeda não tem importância, pensa a senhora Consuelo, encolhendo os ombros. O neto faria a mesma coisa, chama-se Angel mas é um diabrete, ainda no outro dia apanhou um «porrazo» na cabeça, bateu numa parede, à briga com os outros, e ela com medo das complicações até o levou a Sevilha, tem lá médicos e aparelhos muito bons, e farmácias com todas as medicações que são precisas. Suspende a conversa, fixa-se na cena da esquina, abana a cabeça em sinal de reprovação: vê-se que acha desnaturada aquela mãe, quer sentar à força o bebé em cima duma mula, mas o bebé grita com toda a alma; e agora chega-se o pai, os lábios ainda húmidos da cerveja que foi beber, pega ele na criança, insiste, estou a ver que tenho um filho maricas, mas o filho esbraceja, esperneia num desespero, escorrega para trás, pelo lombo da mula fora, e a mula na mesma, coitada, só sacode as orelhas para enxotar as moscas, olha aqui para a tua irmã, uma menina e não tem medo, e o homem pega na menina, alguns cinco anos, vestida de sevilhana por causa das festas, toda ela são folhos e grandes bolas verdes, e mais uns óculos precocemente receitados por um oftalmologista quem sabe se de Sevilha, afinal também tem medo, também chora e se debate, já as lágrimas lhe caem grossas, nada a fazer, acaba por ser o pai a montar a mula, para mostrar como é fácil, enquanto a mãe endireita os folhos do vestido da menina, e o irmão sentado no pavimento, apagando os últimos soluços. A senhora Consuelo não pode ver uma criança chorar, ainda por cima sem necessidade, já o falecido era a mesma coisa, então com o neto nem se fala, tem pena que ele não apareça ali para eu o ver, mais esperto que um cigano, ontem entrou na «cabalgata» que saiu da praça de touros, foi antes da charlotada, na parte séria até toureou um muchacho daqui, chamam-lhe El Caco, a senhora Consuelo mostra-me o programa onde fala de tudo, quando estalasses vinte e dois foguetes era sinal de começo da «cabalgata» mais graciosa da história, a banda taurina, e os gigantes e cabeçudos, e todos os meninos do «pueblo» em companhia dos palhaços, todos os meninos deviam vir mascarados, e chegar uma hora antes para os maquilhadores terem tempo para pintarem as caras e os bigodes, para que tudo resultasse maravilhoso, e os que não viessem mascarados eles emprestavam, o neto da senhora Consuelo não precisou disso, tem um traje de tourear, branco e ouro, se fosse ela não tinha escolhido aquela cor, o branco já se sabe, suja-se muito, mas o pai que não senhor, que tinha de ser branco, o meu genro é muito teimoso, a minha filha que o diga, coitada, não quer dizer que não seja bom homem, trabalhador, nada amigo de tresnoitar, a não ser quando há canto flamenco, ainda ontem estava todo exaltado, com a morte do Antonio Mairena querem dar a chave de ouro do flamenco a Juan «El Lebrijano», e ele acha que o depositário dela devia ser o «Fosforito», se a derem a outro é por causa da política, agora quem quer as chaves de qualquer coisa tem de se fazer do partido que ganha, é a senhora Consuelo quem o diz, «mire usted», havia franquistas que eu conhecia, de me comprarem gelados, e agora vejo-os passar aqui em frente com umas bandeiras que, se isto andasse outra vez para trás, iam a correr metê-las em lixivia.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Não chegava o Governo Central vêm aí os Governos Cívicos...

Não chegava o governo central?
Vêm aí os governos civis...

Opção

No fim do Telejornal, o locutor faz o resumo da emissão. «Falámos disto e daquilo e da chegada dos misseis a instalar na Europa».

E no entanto, uma vaga de luta pela paz varria a Europa, sacudia a Inglaterra. O próprio Telejornal nos dera imagens da manifestação em Trafalgar Square...

A tónica na chegada de mísseis (isso de «a instalar», a ver vamos...) e não na luta dos povos pela paz, denuncia uma opção informativa que é, verdadeiramente, uma opção de fundo...

Tradição

Os noivos casaram em Viana do Castelo. Vestiram rigorosamente como mandam as tradi-

ções. Tinha de ser, elementos como ambos são de um conhecido agrupamento folclórico. **Tele-Regiões** (que a RTP teima em escrever **Tele-regiões**, ela lá sabe porque bulas!) fez a reportagem.

Os noivos, ao sair do templo — diz o repórter — **passam sob um arco com a roca, representativa do trabalho da mulher, e com a concertina e a cabaça, representando a alegria do homem.**

Pois. Tradicionalmente, a mulher trabalha e o homem diverte-se. Boa...

Bom proveito

Houve interpeção ao Governo na Assembleia da República. Na altura própria, os serviços de informação do Governo, perdão! da RTP deram mais atenção ao interpelado do que ao interpeçante. Vimos como o Governo procurou defender-se, não vimos como o PCP procurou atacar.

A manipulação atingiu o máximo com aquela emissão de «Parlamento» em que Jorge Nuno de Oliveira achou que a interpeção fora mesmo berra e que a defesa do Governo, essa assim, é que fora realmente notável. E faz só esta gracinha: alterna passagens do discurso de Carlos Brito com passagens da resposta de Mário Soares.

Todo o mundo viu que a **resposta** de Mário Soares não respondia a nada. O desbragamento político chegou a atingir o mau gosto.

Mas está bem, Jorginho, se tu achas que aquilo é bom, que te faça bom proveito...

Animais em vias de extinção

«A Festa Continua» do último domingo aproximou-se do padrão já nosso conhecido desde o «Passeio dos Alegres» e «Festa é Festa». Aproximou-se no que diz respeito a ritmo de espectáculo, a variedade de temas, a aproveitamento do espaço.

Falta ali, porém, alguma coisa. Que seja um programa higiénico (passem as conotações desagradáveis da antipolítica expressão) não se discute. Que seja também um programa recheado de variações temáticas, não se põe em dúvida. A força de Júlio Isidro é uma evidência. Levantar em «ar-raché» três horas e meia de televisão. Todos os domingos não está ao alcance de qualquer heterofilia. Tomarei a iniciativa de o propor para o «Guinness Book».

Falta, porém, ali alguma coisa. Em primeiro lugar, faltam montanhas (uma ao menos) na paisagem. «Passeio dos Alegres» viveu muito, viveu imenso, do Tony Silva. A ausência de Herman José levou muita gente a temer pela sorte de «Festa é Festa». Afinal, surgiu Mário Viegas — e sabemos hoje todos o que isso representou em divisas de populari-

dade e de qualidade. Em termos de divulgação da poesia para o grande público, Mário Viegas continuava a obra longamente interrompida de Manuela Porto e de João Vilaret.

Mas havia também momentos cheios de vivacidade, de crítica social e política, de irreverência televisual naqueles célebres «júr-ris». E ao entrarmos na terceira emissão de «A Festa Continua» nada existe que substitua os momentos já referidos. O **Tribunal** é, pela atmosfera teatral que existe em todos os tribunais, a melhor invenção da «Festa». A presença de actores tão populares e de tanta qualidade como Santos Manuel, Júlio César e Henrique Viana, confere-lhe ainda maior interesse. Veremos...

Está prometida a participação do «resto» do país na «Festa». Virá uma embaixada de cada distrito. A primeira vista, tudo bem. Simplesmente a nossa experiência nesse campo é uma coisa desgraçada. E o método escolhido por Júlio Isidro não promete nada de bom.

Quem escolhe as embaixadas, quem organiza as expedições, são os Governos Cívicos, quer dizer: são os representantes do Governo central. De serem isso mesmo, delegados de Mota Pinto e de Soares, lhes vem a qualificação oficial, e de nenhuma outra razão que tenha a ver com as ligações ao poder local, à população, à alma das regiões.

Assim, como se não bastasse o Governo aprofundar-se do Telejornal, ainda acaba por se apoderar de grossa fatia de um programa tão popular como «A Festa Continua»...

Aposto dobrado contra singelo em como vão surgir inúmeros problemas, aliás perfeitamente escusados. Com todos os perigos e todas as consequências malélicas que bem se entendem, os espaços livres na TV, não oficiais nem oficiosos, começam a ser animais em vias de extinção.

Moradia ou andar
Compra-se ou aluga-se em Lisboa

Resposta a este jornal ao n.º 3111



Esta noite, a RTP-1 apresenta mais um episódio da série «Contos de Agatha Christie»

- 12.00 Meio-Dia
13.00 Jornal da Tarde
Das 13.35 às 17.10 Ciclo Preparatório TV
18.02 Sumário
18.10 Janela Mágica
19.00 Teleregiões
19.25 Memória dum Povo — «Desce o Pano». Documento sobre rituais fúnebres em Trás-os-Montes.
20.00 Telejornal
20.30 Direito de Antena — Confederação N. da Agricultura, Associação Profissional dos Empregados Técnicos Portugueses e Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes.
20.35 Telenovela — «Pai Herói».
21.35 «Contos de Agatha Christie»
22.30 Golo
23.25 Últimas Notícias



O programa Da Música, da RTP-2, exibe o 3.º programa de homenagem a J. Brahms



- 19.32 Desenhos Animados — «Scooby and Scrappy Doo».
20.30 RTP/Brasil — «Henda I Xala»
21.00 Vasco Granja Apresenta — filmes para todos.
21.20 ... Da Música — homenagem a J. Brahms, Sinfonia n.º 3.
21.55 Telenovela — «Gabriela».
22.25 Último Jornal

Amanhã



12.00: Meio-Dia; 13.00: Jornal da Tarde; das 13.35 às 17.15: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.10: Janela Mágica; 19.00: Teleregiões; 19.30: «Steven's Violin»; 20.00: Telejornal; 20.30: Direito de Antena; 20.35: «Pai Herói»; 21.25: Viva a Cultura; 21.55: Aplauso «Pippin»; 23.45: Últimas Notícias.

19.30: Desenhos Animados; 20.00: Telejornal; 20.30: A Civilização Egípcia; 21.00: Clube de Jazz; 22.00: «A Leste do Paraíso»; 23.00: «Gabriela»; 23.30: Último Jornal.

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

HOJE ÀS 21.30

AUTO de S. ANTÓNIO
de AFONSO ALVARES

AUTO de VICENTE
ANES JOEIRA
encenação
CASTRO GUEDES
COM

(por ordem de entrada em cena)

ANTONIO ANJOS	LUCIA MARIA	CARLOS COSTA
CARLOS PIMENTA	PAULA MORA	MARIA AMELIA MATTIA
ANTONIO SARMENTO	VICTOR RIBEIRO	FERNANDA ALVES
LOURDES NORBERTO	ANTONIO BANHA	IRENE ISIDRO
ALBERTO VILLAR	FERNANDA BORSATTI	CARLOS DUARTE
IGOR SAMPAIO	NUNO FRANCO	BARROSO LOPES

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELHÁVEL A M. 13 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

FITEI

Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica

O MAIOR ACONTECIMENTO ARTÍSTICO-CULTURAL DO PORTO

DE 5 A 20 DE NOVEMBRO

O PROGRAMA GERAL ESTA EM DISTRIBUIÇÃO GRATUITA NO NOSSO STAND NA PRAÇA DA LIBERDADE

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II SALA EXPERIMENTAL

SAMUEL BECKETT

«play» e «...»

só até 13 Nov.

QUEVEDO

TODOS OS DIAS ÀS 22. HORAS
SÁBADOS ÀS 16.30 E 22 HORAS
DOMINGOS MATINÉE ÀS 16.30 HORAS
DESCANSO DA COMPANHIA À 2.ª FEIRA

50% AOS ESTUDANTES • MAIORES 12 ANOS

EUNICE-JACINTO-GRÇA
MUNOZ RAMOS **LOBO**

UMA CO-PRODUÇÃO COM A COMPANHIA DE TEATRO DE LISBOA - SUB. M.C.

DE NOVO EM CENA O
GRANDE ÉXITO DE 83!

COMUNA
TEATRO DE PESQUISA

sexta e sábado
às 21.30h

a CASTRO

ANTONIO FERREIRA
ENCENAÇÃO JOAO MOTA

9 MESES
DE LOTAÇÕES ESGOTADAS

PRACA DE ESPANHA
8.º SEC. TEL. 72 08 18

DIA 10-ÀS 22H.-ESTREIA
NOVO ESPECTÁCULO
CAFÉ-TEATRO

QUERO O MEU VITOR
A CORES...

UMA FARSA DE CORPO PRESENTE

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

«Contos de Agatha Christie» (21.35)

Homenagem a Brahms (21.20)

Ao ler a carta de Ana, Carina fica com ciúmes de André e agride-o dizendo que ele precisa mudar a maneira de falar e de se vestir. André fica surpreso, quando Carina lhe mostra a carta. Nuno diz a Leão, na frente de Cirilo e Romão, que vai provar que ele roubou o hotel. Cirilo telefona para Aline e diz que o pai roubou o hotel de Nuno e ela começa a chorar. Walkiria diz a Januária que César não a ama. César pede a Norah permissão para colocar a Interpol na pista de Carina. Norah proíbe César de perseguir Carina, dizendo que ela agora vai deixar Carina fazer o que quiser.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Música

Na Casa da Cultura das Caldas da Raainha realiza-se amanhã, às 21.30, um recital de violino e piano por Aníbal Lima e Armando Vidal, com entrada livre. O programa deste recital inclui obras de compositores tão importantes como os brasileiros Marlos Nobre e Heitor Villa Lobos, e ainda Camille Saint-Saens e Ernest Widmer.

Conferências

O prof. Manuel Mendes Atanázio, do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, profere amanhã às 18.30, na Sociedade de Língua Portuguesa, uma lição sobre Masaccio, a 3.ª do Curso Livre de Crítica e História da Arte que decorre naquela instituição.

Cinema

No âmbito das comemorações do 66.º aniversário da Revolução de Outubro, encontra-se aberta ao público, no Centro de Trabalho Vitória, do PCP, uma exposição sobre «O Cartaz Político e o Poder Soviético».

Hoje, às 21 horas, e no mesmo âmbito, será projectado no CT Vitória o filme de Sergei Eisenstein «O Couraçado de Po-



Desenho de Rogério Ribeiro em exposição na Galeria Diagonal, de Cascais.

temkine», seguido de debate sobre o cinema soviético com a presença do realizador Manuel Ruas.

Ballado

O Balé Popular do Recife, juntamente com o Trio Romancal Brasileiro, que estão em

Portugal com o patrocínio dos Ministérios da Cultura, dos Negócios Estrangeiros e Emabaxada do Brasil, terão o privilé-

gio de abrir o Festival de Teatro de Expressão Ibérica-FITEI/83, apresentando «Prosopopeia... Um Auto de Guerreiro», espectáculo já mostrado em diversos estados brasileiros, com grande sucesso de crítica e público, e em La Coruña.

Em Lisboa, o Balé Popular do Recife fez duas apresentações ontem e hoje no São Luiz, às 21.30 horas. No Porto, dias 5 e 6, integrado no FITEI.

Jornadas de Estudos sobre a Tradução

O grupo de Estudos de Literatura Francesa da Faculdade de Letras de Lisboa (GUELF) vai levar a efeito, amanhã, as II Jornadas de Estudos sobre a Tradução.

Os trabalhos desenrolar-se-ão na sala do CLEPUL, durante todo o dia — uma sessão de manhã, a partir das 11 horas, e outra, à tarde, a partir das 15 horas — e serão abordados os seguintes quatro pontos: 1 — Problemática literária da tradução; 2 — Tradução e Teoria do Texto; 3 — Problemática linguística da tradução; 4 — Situação social e editorial do tradutor.

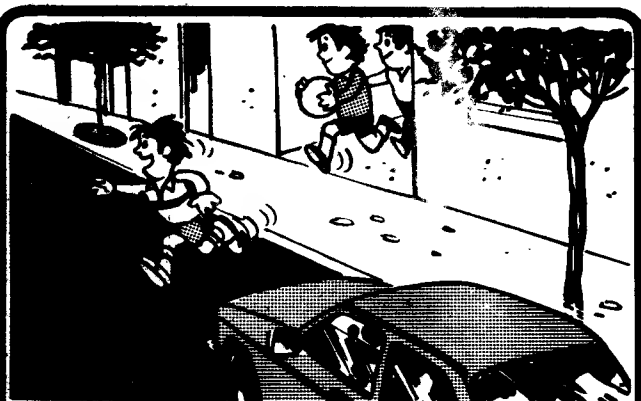
Estão previstas, desde já, comunicações, da parte da manhã, do prof. João Almeida

Flor («Tradução e Tradição» — ponto 1) e do dr. Fernando Cabral Martins («A Tradução em dois sentidos» — ponto 2) — e, da parte da tarde, de Manuel João Gomes («Teoria do texto e prática da tradução» — 2), de Eugénie Gonzales («Análise do sistema verbal na tradução» — ponto 3) e de José Carlos Gonzales («Das dificuldades da tradução entre línguas afins — o português e as línguas ibéricas» — pontos 3 e 4). Serão também convidados a participar nos trabalhos tradutores portugueses, assim como diversas pessoas de uma forma ou de outra ligadas aos problemas e à prática (actividade) da tradução.

Exposições

Nuno Carinhas vai expor na «De Natura» (Rua da Rosa, 241, ao Bairro Alto). A exposição, intitulada «Os Últimos 15 Dias», é inaugurada amanhã, pelas 21.30 horas.

Rogério Ribeiro vai expor pintura e desenho em Cascais, na Galeria Diagonal (Hotel Cidadela). A mostra, intitulada «Jornal de Atelier», é inaugurada amanhã pelas 22 horas, ficando patente ao público de terça a domingo, das 16 às 20 horas.



AOS CONDUTORES

"Ao ver uma criança a correr, para o meio da rua, trave, porque geralmente atrás dela, vêm sempre outras."



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Batida de limão; 17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: Fohetim — o espaço é seu; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Viva a noite — Antena 1 no Casino Estoril; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Tempo de bailado; 17.30: Música de Chopin; 17.48: Cinco canções, para conjunto de câmara, de Girolamo Frescobaldi; 18.05: Cultivando; 19.30: Música; 20.10: Obras de Dvorak e Gershwin; 21.00: Ciclo Wagner; 23.50: Dois caprichos, para violino, de Paganini; 00.00: Música de João Sebastião Bach; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 23.30: Tempo de desporto; 23.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 18.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da LAR; 19.50: Bola branca (2.ª edição); 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 875

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Perseverança.
- Tenda. Manto real.
- Saiam frequentemente à rua. Rio da Alemanha que nasce no Tirol.
- Da Galiza.
- Ninhos. Congénito.
- Faça doação. Acrescentando uma vogal é deus do vinho.
- Interpretaram.
- Esquivas.
- Antepassado. Árvore indiana empregada como adstringente. Doutor.
- Auxiliados.
- Carta de jogar. Pertences. Poisa no mar (o avião).

VERTICAIS:

- Afrouxa. Artigo definido.
- Ouro. Cobrias de iodo.
- Leiloeiros.
- Equipas. Li. Pronome reflexo.
- Centiare. Repetis.
- Prolongamento do pecíolo e da parte parenquimatosa do coqueiro. Quadris.
- Dois vogais desiguais. Bace-lada.
- Cada uma das partes dissociadas pela corrente eléctrica. Igualmente.
- Tecido de linho ou algodão muito transparente. Oferece.
- Planta japonesa de que se extrai um suco escuro com que as mulheres pintam os dentes. Pronome possessivo. Mágoa.
- Que é do ar. Mamífero anfíbio semelhante à foca.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9727

HORIZONTAIS:

- Cidade da antiguidade cujas ruínas à beira do Eufrates se encontra a 160km a S. E. de Bagdad.
- Preposição. Nome de mulher. Muíto.
- Pocuradores.
- Andar com as pernas tortas. Pegas.
- Enguia. Derrotava.
- Magor.
- Progenitores. Estampa.
- Distar. Herdade.
- Clima. De ouro a. Ósmio (s.q.).
- Linhas. Ode. Ouro (s.q.).
- Ave peralta. Membro de ave. Arara.

VERTICAIS:

- Cidade da Apúlia. Nome que os israelitas dão a Deus, com o qual, no Sinai, contraíram aliança.
- Átomo. Bria. Viscera dupla.
- Berilo (s.q.). Árias. Autores.
- Prefixo que designa afastamento. Naípe das cartas de jogar.
- Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- Rio da Polónia. Vantagens.
- Palavra chinesa que significa Sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos. Espiga.
- Ave peralta do Brasil. Rênio (s.q.).
- Instruído.
- Empregai. Mirar.
- Letra grega. Uma das ilhas Jónias. O mesmo que uma (ant. e pop).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 874

HORIZONTAIS:

- MAIS. PUXA.
- Io. Ito. Ce.
- Caída. Arco.
- Ar. Ira. Iara.
- Amores. Ido.
- Irás. Ar.
- Um. Ps. Lua.
- Eis. Taras.
- Aira. Aros.
- Ada. Vira. SM.
- Comparassem.

VERTICAIS:

- MOÇA. QUE. AC.
- Ará. Miado.
- III. Mo. Siam.
- Sódio.
- Arriscava.
- Pi. Aer. Ir.
- Uta. Saltara.
- Xuri. Suaras.
- Cai. Aro.
- CORDA. Asse.
- Ce. Aoros. Mm.

Provérbio: Mais puxa moça, que corda.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9726

HORIZONTAIS:

- Banialuca.
- Macaíra.
- Ab. Sa. Mâ. Al.
- Taa. Rua. Amo.
- Oria. Irosos.
- Levar.
- Recama. Olga.
- Elo. Ara. las.
- Ga. Ul. Râ. Rs
- Trabulo.
- Suar. Milo.

VERTICAIS:

- Bato. Rego.
- Barrela.
- Am. Al. Co. Tu.
- Nas. Ala. Ura.
- kar. Emalar.
- Aa. Ulivar.
- Limara. Arum.
- Ura. Oro. Ail.
- Ca. As. Li. Lo.
- Uolgar.
- Aljos. Asso.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	101965	107965	
ALEMANHA FED (marco)	47905	48915	
AÚSTRIA (xelim)	6860	6980	
BÉLGICA (franco)	28147	28347	
BRASIL (cruzeiro)	8050	\$120	
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	101850	103815	
(notas de 5 e 1000)	101865	103865	
DINAMARCA (coroa)	13905	13945	
ESPAÑA (peseta)	\$776	\$896	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	124885	126885	
(notas de 5 e 1000)	125835	127835	
FINLÂNDIA (marca)	21885	22845	
FRANÇA (franco)	15845	16815	
HOLANDA (florim)	41895	42395	
INGLATERRA (libra)	185870	189870	
IRLÂNDIA (libra)	146880	150880	
ITALIA (lira)	\$070	\$080	
JAPÃO (yene)	\$505	\$540	
NORUEG. (coroa)	16880	17830	
SUECIA (co. te)	15885	16845	
SUÍÇA (franco)	57885	58895	
VENEZUELA (bolívar)	7370	8890	

Observações:

- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 18 anos
A SERPENTE VERMELHA

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 18 a.
JÚLIA E OS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19.00, 21.30
Para maiores 12 anos
O CÉU NÃO PODE ESPERAR

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
UM CRIME NO EXPRESSO DO ORIENTE
2.ª Semana

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OH, AMIGOS MEUS (PARTE II)

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 21.30 - N. ac. men. 12 a.
A GOLPADA
c/ Robert Redford e Paul Newman
Às 24
A ARMA DA JUSTIÇA

CINE BLOCO 556824

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
DIFAMAÇÃO
Às 24
A CONSPIRAÇÃO DO URÂNIO

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
BIG BOSS, O IMPLACÁVEL

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
2.ª Semana

2000 2100055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30, 21.30
Int. men. 13 anos
OS TRÊS DIAS DO CONDOR

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
65.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
PAI DE 13 ANOS

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
O SEGREDO DO AMOR

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Para Todos
O REGRESSO DE JEDI
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEIJA-ME... E ADEUS
2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 13 a.
A FÚRIA DE VENCER
Às 24
O ATRUSCO VOLTA A ATACAR

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15, 21.30
M. 12 anos
LAS VEGAS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 24
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Com Richard Gere e Desha Winger
Um filme de Taylor Hackford

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30 h
- Maiores 18 anos -
AS DEPORTADAS NO CAMPO NAZI

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
OS GUERREIROS DE CHINA-TOWN

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
ESQUECI-ME DE VIVER



Uma cena do filme português «FIM DE ESTAÇÃO» realizado por Jaime Silva, em exibição no Quarteto.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16, 18, 20 e 22
M. 12 anos
FIM DE ESTAÇÃO
Às 23.30
M.A.S.H.

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
QUERELLE
Às 23.30
O HOMEM QUE VEIO DO ESPAÇO

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.00
A NOITE DE S. LOURENÇO
Às 23.30
BLOW-OUT (A EXPLOSAO)

SALA 4

Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
N. ac. men. 13 anos
OH, AMIGOS MEUS... (PARTE II)
Às 23.30
O CASAMENTO DE MARIA BRAUN

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
McQUADE, O LOBO SOLITÁRIO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
UM PAI DE 13 ANOS

REFORÇO

ALVALADE: Brasília, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); ALTO DE SANTO AMARO: Santo Amaro, R. Filinto Elisio, 29-A-B (T. 637070); AVE- NIDAS NOVAS: Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 783107); BAIRO AZUL: Sítio, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); BAIXA: Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (T. 873875); CALHARIZ DE BENFICA: Rebocho, R. Tenente Coronel Ribeiro Reis, 12-A (T. 743871); CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA: Serra, R. Luis Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2 de Chelas (T. 853720); RADIODIFUSÃO - EX-EMISORA NACIONAL: S. Nunes Simões, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); LUMIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 79 0942); MERCADO DO CILIE: Corvo, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); XABREGAS - MADRE DE DEUS: Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); BRANDOIA - COLINA DO SOL: Vidal Reis, Quinta da Correia, célula G, lote 35, Urbanização Alto-melos (T. 996540); BURACA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); PRIOR VELHO: Matos, T. Prioras (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Silva Júnior, Av. 25 de Abril, 9-2 (T. 2768030). Até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Cerqueira Afonso, L. 5 de Outubro, 18 (T.

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h
- Maiores 12 anos -
HEAT AND DUST (Verão Indiano)
Com Julie Christie
12.ª Semana

SALA 3

Às 14.30, 18.15 e 21.15 h
- Maiores 12 anos -
SOPHIE'S CHOICE
9.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Int. men. 13 anos -
QUATRO AMIGOS
6.ª semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17.00, 19.10, 21.30, 24.00
- M. 12 a.
OCTOPUSSY, 007 OPERAÇÃO TENTÁCULO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
UM DIFÍCIL ADEUS

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15.15, 17.20, 19.30, 21.30 e 23.30
CORRIDA DE LOUCOS
c/ Michael Sarrazin e Norman Burton

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Não acons. men. 18 anos -
OFICIAL E CAVALHEIRO
Um filme de Taylor Hackford
5.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
OH, AMIGOS MEUS (PARTE II)

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
TERROR NO HOSPITAL

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Juventude sem Freio», às 21.30 (18 anos)
ALFA-2 - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (13 anos)
ALFA-3 - «Oficial e Cavaleiro», às 21.45 (18 anos)
QUINTETO - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
RESTELO - «Uma Ilha no Tecto do Mundo», às 21.30 (6 anos)
CITY-CINE - «O Regresso de Jedi», às 21.30 (6 anos)
CAPITÓLIO - «A Virgem Insaciável», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «The Magnificent Ambersons», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA - «Adeus Gringo», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 - «Quatro Amigos», às 21.30 (13 anos)
MUNDIAL - «McQuade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)
OLIMPIA - «Sonhos Selvagens», sessões permanentes (18 anos)
ESTÚDIO ACS - «O Pequeno Lord», às 21.15 (13 anos)
ROYAL - «Forte Apache», às 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA - Academia - «A Mulher à Janela», às 21.15 (13 anos)
TRAFARIA - Pavilhão Jardim - «Um Homem», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - Júpiter - «007, Operação Tentáculo», às 21.15 (12 anos)
ALMADA - Cine-Estúdio - «Bad Boys», às 21.30 (18 anos)
COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Carmen Jones», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «Blade Runner», às 21.30 (13 anos)
PAREDE - Royal-Cine - «Momentos Íntimos», às 21.30 (18 anos)
PAÇO DE ARCOS - Chaplin - «Fanny Hill... a Sueca Endiabrada», às 21.15 (18 anos)
OEIRAS - Oeiras-Cine - «Gandi», às 21.15 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Dois Amigos em Apuros», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «Perigo no Espaço», às 21.15 (12 anos)
CASCAIS - Oxford - «Iniciação Carnal», às 21.30 (16 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - «A Perseguição do Anjo de Fogo», às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - «Os Aventureiros do fim do Mundo», às 21.30 (6 anos)
AMADORA - Cinestúdio - «Flash Gordon», às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «A Maldição do Vale dos Faraós», às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - «O Círculo da Mentira», às 21.30 (13 anos)
ERICEIRA - Cinestúdio - «O Polício 777», às 21.15 (6 anos)
MEM MARTINS - Cine-Chaby - «Vivo para a Tua Morte», às 21.30 (13 anos)

Porto

SAO JOÃO - «Oficial e Cavaleiro», às 21.30 (18 anos)
PASSOS MANUEL - «A Escolha de Sofia», às 21.15 (12 anos)
VALE FORMOSO - «Acaba com Eles e Volta Só», às 21.30 (12 anos)
BATALHA - «Duas Horas Menos um Quarto Antes de Cristo», às 21.30 (12 anos)
FOCO - «Os Ladrões do Tempo», às 21.30 (13 anos)
ÁGUA - «Os Cavalos de Valdez», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Mc Quade, o Lobo Solitário», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-A - «Violência e Paixão», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L - «Iniciação Carnal», às 21.45 (16 anos)
PEDRO CEM - «Zeppelin», às 21.30 (12 anos)
RIVOLI - «O Homem do Rio Nevado», às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - «Octopussy», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Palma, Av. Duque d'Ávila, 29-33 (T. 547088); BAIRO ALTO - LORETO: Barreto, R. do Loreto, 30 (T. 327284); BELÉM: Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro, R. Campo d'Ourique, 135 (T. 686840); CAMPO-LIDE - SETE RIOS: Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: Avis, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); LARGO DA LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ: Géry, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 780342); OLIVAIS SUL: Fernandes Borges, R. D. Aleixo Corte

teatros

Lisboa

CASA DA COMÉDIA - «Zigue Zague», às 22.00 (13 anos)
VARIEDADES - «Um Fantasma Chamado Isabel», às 21.30 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - «Quem Acaba o Resto», às 21.30 e 22.45 (18 anos)
TEATRO ABERTO - «Comédia à Moda Antiga», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA I - Sala Experimental - «Play» e «Eu Não», às 22.00 (13 anos)
D. MARIA II - «Auto de Santo António» e «Auto de São Vicente», às 21.30 (13 anos)
ABC - «Todos Tesos», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
MARIA MATOS - «Annie», às 21.00 (6 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE - Seiva Trupe - «Um Cálculo de Porto», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Florânia ou a Perfeita Felicidade», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 932210). Permanente; Melo, P. D. João V. 9-B (T. 932756). Até às 22 horas; DAMAIA: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; QUELUZ: André, Av. Elias Garcia, 151 (T. 950043). Até às 22 horas; CAMARATE: Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251972). Até às 19 horas; CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693). Permanente; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103). Permanente; MERCES: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; RIO DE MOURO: Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (T. 2518520). Até às 22 horas; COLARES: Abreja (T. 9290088); SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim (T. 980456). Permanente.

SACAVÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2818151). Permanente; LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
GARANTIA: R. Fernandes Tomás, 696; POMBEIRO, Campo Mártires da Pátria, 152; GUERRA, R. Costa Cabral, 43; INVICTA, R. do Bonfim, 330; ALVES DA SILVA, Av. da Boavista, 1016.

PERMANENTE

FORTE DA MOIRA, R. de Tânger, 1463; SERPA PINTO, R. Serpa Pinto, 645; ANTAS, Av. Fernão de Magalhães, 1076; SANIL, R. do Paraíso, 214; SARABANDO, L. dos Lóios, 36.

Coimbra

ADRIANA, P. da República, 20-22 (T. 23609); ESTÁDIO, R. do Brasil, 348, r/c (T. 72710).

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASÇENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21):
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
1.34 4,1 m 7.17 1,0 m
13.51 4,3 m 19.42 0,8 m
Dia 4
2.17 4,2 m 7.58 0,9 m
14.35 4,3 m 20.21 0,8 m

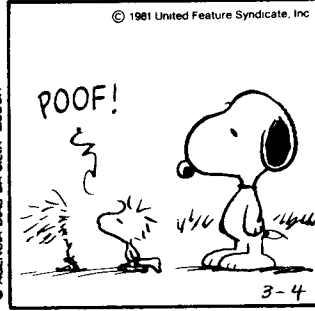
TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	15°
BRAGANÇA	7°
VILA REAL	11°
PORTO	14°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	—
PORTALEGRE	13°
LISBOA	14°
ÉVORA	15°
BEJA	15°
FARO	17°
SAGRES	—
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	18°

tempo

PREVISÃO DE TEMPO
PARA AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado,
vento fraco ou moderado, de qua-
drante sul. Período de chuva ou
aguaceiros. Nebulinas e nevoeiros
durante a madrugada e princípio da
manhã.



**CINCO INDIVÍDUOS ARMA-
DOS** e encapuçados assaltaram
hoje, ao fim da manhã, a depen-
dência da União de Bancos Por-
tugueses (UBP) em Fão, Espo-
sente - informou a Polícia.

**ATIRADA PARA FORA DO AU-
TOMÓVEL** uma jovem que fre-
quenta à noite a zona do Conde
Redondo em Lisboa pelo indivi-
duo que a convidara para um
passo em 29 de Setembro úl-
timo, teve agora a satisfação de
saber que a 6.ª Secção da PJ
identificou e deteve o autor da
proeza.

PRIMEIRO TEM DE LAVAR-SE
disse a jovem ao cinquentão a
quem convidara para o acompa-
nhar ao seu apartamento na Re-
boleira, esta madrugada pelas 2
horas. Só que, quando saiu da
casa de banho e se preparava
para o acto amoroso, já não viu a
parceira num a carteira com 27
contos, que deixara no casaco.
Pouco depois a Polícia da Ama-
dora conseguiu deixar a mão à
jovem Maria Rosa Vaz, de 22
anos, quando tomava um táxi. Já
só tinha 15 contos.

Maputo: reunião de Informação

Terminou hoje no Maputo,
tendo começado no passado dia
28 de Outubro, uma reunião de
directores de Informação dos
seis países da Linha da Frente.
Esta foi a primeira reunião do
género após a reunião ministre-
rial em Kadoma, no Zimbábwe,
em Julho deste ano.

O objectivo central do encon-
tro de Maputo foi lançar a coope-
ração bilateral e multilateral
entre os órgãos de Informação
dos países da Linha da Frente, a
partir dos níveis de cooperação
já existentes.

No dia do nascimento de Luther King

Feriado nacional homenageia dirigente negro assassinado

O presidente norte-americano
assinou quarta-feira o decreto
que institui feriado nacional a ter-
ceira segunda-feira de Janeiro,
em homenagem ao líder negro
assassinado e Nobel da Paz,
Martin Luther King.

O feriado começará a celebrar-
se a partir de 1986 e a data foi es-
colhida para assinalar o nasci-
mento de King, a 15 de Janeiro de
1929.

Esta homenagem a Luther King
há muito que era reivindicada
pela comunidade negra norte-
americana. Até há pouco o presi-
dente norte-americano opunha-
se à sua realização, tendo susci-
tado um incidente que o levou a
pedir desculpas à viúva de King.
Na origem do caso esteve a ac-
tuação do senador ultraconserva-
dor Jesse Helms, que durante a
discussão do projecto de lei do fe-
riado nacional em homenagem a
King no Senado, em Outubro, re-
correu a várias táticas para fazer
prevalecer a sua posição, incluín-
do a difusão dos ficheiros do FBI
sobre o dirigente negro. A divul-
gação deste material visava de-
monstrar que Luther King fora
simpatizante comunista.

A cerimónia de assinatura do
decreto pelo presidente norte-
americano, no jardim das rosas
da Casa Branca, assistiram cerca
de 200 pessoas, entre as quais a
viúva de Luther King, Coretta, e
vários dirigentes negros.

Presentes, ainda, o senador
democrata Edward Kennedy e o
dirigente negro Jesse Jackson,
que hoje deverá anunciar a sua
candidatura à nomeação para as
eleições presidenciais pelo Parti-
do Democrático.

Após a assinatura do decreto,
os participantes cantaram o hino
da campanha do reverendo King
pela igualdade de direitos nos Es-
tados Unidos.

Ronald Reagan declarou de-
pois da cerimónia que Luther King
tinha «comovido a nação no mais
profundo da sua alma» e previu
que o «sonho» de igualdade de
que o dirigente negro falou no seu
célebre discurso de 1963 se tor-
nará realidade, embora reconhe-
cendo que no país ainda existem
«restos de fanatismo».

Coretta King destacou que o
seu marido «simbolizou o mais
nobre e o melhor dos Estados
Unidos» e Edward Kennedy ma-
nifestou esperança em que a ad-
ministração Reagan se comprometa
agora a cumprir os «direitos
básicos e fundamentais das pes-
soas na nossa sociedade».

A candidatura de Jackson

O anúncio da candidatura de
Jesse Jackson, o dirigente negro,
à investidura democrata para a
eleição presidencial de 1984, po-
derá ter grandes influências sobre
o escrutínio.

Jackson, de 41 anos, indi-
cou no domingo, à noite, que
seria candidato à investidura
democrata durante uma emi-
são da televisão CBS, preci-
sando que o anúncio oficial
seria hoje feito em Washing-
ton. Jackson não surpreendeu
ninguém. O tribuna negro já
tinha avançado de mais com
fórmulas tais como «se não se
concorrer tem-se a certeza de



Martin Luther King

perder», tornando-se assim
obrigado a concorrer para não
perder a credibilidade junto
dos seus apoiantes.

Jesse Jackson apresentou
um certo número de argumen-
tos que justificam a sua candi-

datura. Em primeiro lugar,
fazer ouvir a voz dos negros e
dar a conhecer a sua situação
e reivindicações. Em seguida, e
sobretudo, fazer tomar consi-
dência aos seus irmãos de
raça de que a política é um

domínio que também lhes diz
respeito e no qual devem in-
gressar a todos os níveis, a
começar pela sua inscrição
como eleitores.

Finalmente, Jackson quer
ser o candidato de todas as
minorias e para tal quase que
se comprometeu a escolher
uma mulher como candidata à
vice-presidência. O seu ob-
jectivo é ter atrás de si uma
massa de apoio variada, se
bem que se dirija sobretudo
aos negros.

E 1972 o reverendo Jesse
Jackson lançou um movi-
mento chamado «Push»
(Povo Unido pra Servir a hu-
manidade), cujo objectivo prin-
cipal era persuadir os negros a
votarem. Fenómeno histórico
ou sucesso do movimento, 37
por cento dos eleitores poten-
ciais negros votaram em 1978
e 43 por cento quatro anos
depois, ou seja um aumento
duplo daquele que a popula-
ção branca conheceu. Além
disso, segundo uma sonda-
gem recente, parece que os
negros se interessam mais do
que os brancos à próxima
eleição presidencial.

Esse interesse, segundo a
mesma sondagem, é moti-
vado essencialmente pela sua
reação negativa à política
seguida pelo Presidente Ro-
nald Reagan. A propósito
Jesse Jackson considerou
que se a participação dos ne-
gros aumentasse 25 por
cento, Ronald Reagan perde-
ria oito estados que conquistou
em 1980.

“A taxa de fronteira é nefasta para o sector turístico” — admitiu o secretário de Estado

O secretário de Estado do Tu-
rismo considerou nefasta para o
sector a taxa de saída de fron-
teira, embora tenha admitido que
ela só vigorará até ao fim do ano.

Ferreira do Amaral falava na
sessão inaugural do nono Con-
gresso das Agências de Viagens
e Turismo, que principiou, on-
tem, em Viana do Castelo, e for-
mulou o plano dos seus objec-
tivos para o sector turístico nos
próximos anos. Confirmou no-
meadamente a necessidade de
rever a legislação sobre utilidade
turística e apontou o papel que
continuará a ser atribuído ao tu-
rismo como factor de desenvol-
vimento regional.

Foi anunciado que a Secreta-
ria de Estado entregou a um
grupo de técnicos o estudo do pro-
jecto do Plano Nacional de Tu-

rismo. Nele participarão repre-
sentantes de todos os organis-
mos do sector. «O projecto só
será transformado em Plano —
garantiu Ferreira do Amaral —
depois, de merecer a aceitação
dos interessados, isto, é, depois
do diálogo apertado que se vai
estabelecer».

O presidente da Associação
das Agências de Viagens, Jo-
aquim Pinto da Silva, disse em
resposta que a APAVT soube
sempre manter um «diálogo as-
síduo e construtivo com o Go-
verno», que nem sempre deu
resposta adequada, e referiu a
larga contestação nacional e in-
ternacional à recente imposição
da taxa de saída.

Referiu alguns resultados ve-
rificados dizendo:
«Os operadores turísticos in-
glesses deram ordem para que os

seus agentes em Portugal pa-
gassem a referida taxa de saída
não onerando os clientes e pe-
dindo para serem posterior-
mente debitados. Os operadores
alemães ameaçam anular todas
as operações de Inverno. Na
Madeira, o dr. Alberto João Jar-
dim resolveu o problema à moda
dele, pagando o Governo Regio-
nal a taxa de cada turista. Creio
que teremos durante este Con-
gresso muitas ocasiões de deba-
ter este e outros problemas do
celerado pacote turístico».

Sobre acções que possam vir
a ter contra o Governo, o presi-
dente da APAVT referiu que es-
tamos num país democrático e
que tudo se resolverá através do
diálogo.

O Congresso terminará no
próximo domingo e conta com
600 participantes.

O inimigo passou em Portugal

Manobras hispano-americanas começaram ontem

Forças aeronavais e anfíbias
espanholas e norte-americanas
iniciaram ontem uma espectacular
exercício de desembarque no
Sudeste de Espanha, no quadro
das manobras bi-angulares conjun-
tas «Crisex», informa a IPS.

O exercício «Crisex 83», desti-
nado a ser o maior dos realizados
até agora, viu-se no entanto afec-
tado pela ausência da maior parte
do contingente anfíbio norte-ame-
ricano, de cerca de 9000 homens,
que se encontram retidos nou-
tras paragens em consequência
da crise libanesa e da invasão de
Granada.

Ontem de manhã pára-quedistas
espanhóis foram lançados na
zona do Parque Nacional de
Dona Ana, enquanto forças an-
fíbias desembarcavam na conti-

gua praia de Castilla, na agreste
região de mar mui tumultuoso que
se estende entre a desemboca-
dura do rio Guadalquivir e Huelva,
no golfo de Cadiz.

Esta fase dos exercícios com a
participação de 10 000 efectivos
espanhóis e também por apenas
3000 americanos, foi presenciar-
da pelo rei Juan Carlos que se
deslocou para a zona.

Actuam nestas manobras uni-
dades anfíbias, pára-quedistas e
helicópteros, além de várias
dezenas de navios de ambos os
países e de aviões da Força Aé-
rea espanhola, e simulam um de-
sembarque na rectaguarda de
uma hipotética força inimiga que
teria invadido a Espanha após ter
invadido Portugal.

BRASIL



Viagem especial do
FUNCHAL
para RIO DE JANEIRO
SANTOS ou RECIFE
(só ida ou ida e volta)

Partida: 5/Dez./83

Preços
excepcionais
desde

64.500s

Bagagem grátis: 200 Kilos
Grandes descontos para
emigrantes, casais,
famílias, jovens e idosos.
EXCELENTE OPORTUNIDADE

ORGANIZADO POR

abreu

LISBOA - Av. Liberdade, 140 - Telef. 371341
PORTO - Av. Allenas, 207 - Telef. 317921
BRAGA - Av. Central, 171 - Telef. 71623
COIMBRA - Rua da Sé, 2 - Telef. 27011/2
FARO - Av. República, 124 - Telef. 25035/6
FUNCHAL - Rua do Gorgulho, 1 - Telef. 31077/8
CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Frédéric Tristan
Mistificador e místico

Frédéric Tristan é um dos escritores franceses mais curiosos — em todos os sentidos da palavra. O seu gosto pelos saberes exóticos e mesmo esotéricos dá-lhe uma vasta erudição muito particular. É versado nas mitologias, na alquimia, nas sociedades secretas; tem familiaridade com Mircea Eliade, historiador das religiões. Atraído pelo mistério, gosta, ainda por cima, de levantar a ponta do véu. As fantasmagorias do imaginário agradam-lhe por si próprias, pois ele deleita-se com o maravilhoso; mas empresta-lhes e procura-lhes um sentido. É um espírito religioso, mais inclinado para a mística que para os dogmas ou para as igrejas constituídas — embora não esconda que pertence à confissão ortodoxa, cujos ritos aprecia. Este espiritualista denuncia o mercantilismo da civilização ocidental, que se entregou a absurdo e perdeu o sentido da vida; mas não desespera de a salvar.

Hermes, deus dos ladrões e dos iniciados, é o seu grande patrono — talvez por brincadeira. Brinca muito, este homem a quem poderíamos chamar «sério e engraçado» — para usar um dos seus títulos. Frédéric Tristan não se coíbe de apanhar a sua presa onde quer que a encontre. Por outro lado, dirige os graves «Cahiers de l'hermétisme», que já nos deram estudos sobre Jacob Böhme, Paracelso, etc. Há pouco tempo, fez passar as obras-primas da pintura ocidental sob o olhar desse Hermes para elucidar-lhe os símbolos por meio da psicanálise (1).

A sua obra de ficção, inaugurada em 1959 com *Le Dieu des mouches* (Bourgeois), e na qual se conta já uma dezena de títulos, não cessa de surpreender-nos, não somente em comparação com a literatura actual, da qual parece desfasada pelo estilo e pelas formas, mas também em comparação consigo própria. O volumoso romance que publicou agora, *Les Égarés*, faz uma grande diferença da sua anterior produção.

Aparte o seu segundo livro, *Naissance d'un spectre* (2) (1969), que refazia o itinerário de um nazi através da Alemanha do princípio do século, o autor tinha alimentado as suas ficções, principalmente, com fábulas perdidas de empréstimo a diversas tradições: cristã, judaica, árabe, etc. Extremo Oriente... *Le Singe au ciel* (1972) acimatava à arca do clássico chinês do «macaco peregrino». *Géants et géaux de Flandre* recordava as lendas da sua terra natal, as Ardenas. *Les tribulations héroïques de Balthazar Kober* arrastava-nos para a Alemanha do Renascimento e para os arcanos da Confraria dos Galopins. O seu outro romance, *La Cendre et la foudre*, fazia reviver uma sociedade secreta da China do século XVII, a Grande Triade, cujos abencerragens teriam auxiliado Mao Tse-Tung durante a Longa Marcha.

Quando nos parecia, principalmente, um contador a situar na órbita do fantástico, Frédéric Tristan irrompe no romanesco, apodera-se da história contemporânea e regressa aos nossos territórios. *Les Égarés* passa-se durante os dez anos que prece-

deram a última guerra mundial, nos anos 1930-1938. Atravessamos a Inglaterra, com os seus velhos castelos, a Alemanha, onde já começam as perseguições nazis, os Estados Unidos, com o seu furor publicitário e industrial, a França, sempre glutona e galante, Veneza, com as suas casas fechadas e os seus esplêndidos palácios em degradação, imagem da podridão do Ocidente, e por fim a Espanha, com a sua guerra civil.

O proscénio é ocupado por dois homens estranhos que vêm renovar o tema das relações entre o escritor e o seu duplo. Em geral, este último — principalmente no romantismo — figurava como secreto inspirador da obra. Em *Les Égarés*, pelo contrário, vem, brilhantemente, valorizá-la. Esta inversão da função do «negro» literário põe com ironia o problema dos valores literários e Frédéric Tristan não anda longe de o resolver como num ensaio recente o fez um discípulo de Bourdieu (3).

Um jovem inglês de apelido ridículo — Cyril Pumpmaker — escreveu o seu primeiro romance, intitulado *Betzebú*. Tencionava publicá-lo sob pseudónimo e escolheu o de Gilbert Keith Chesterton, no qual ecoa o grande nome de Gilbert Keith Chesterton. Mas ainda não encontrou editor. Uma noite, num pitoresco albergue da Cornualha que o tempo e a crise despojaram dos seus fastos de antanho, conhece um extravagante «dandy» da mesma idade que ele e que se oferece para tratar dos destinos do livro. Como Chesterton não existe, será ele, Jonathan Absalon Varlet, quem o incarnará aos olhos de todos. Desse modo, Cyril poderá conti-

nua a escrever na sombra e em paz. Quanto a Jonathan, que fora encontrado, recolhido e educado por um «lord» riquíssimo e venerável mas que, ao morrer, não pudera transmitir-lhe a herança, ganhará com esse pacto uma identidade que lhe falta.

Tal é a situação em que o livro assenta. É mais divertida que verosímil. Mas Frédéric Tristan, mesmo quando desce dos mundos sonhados para o mundo real, não se sacrifica ao naturalismo.

Dotado de todos os poderes de sedução, de todas as manhas, de todas as audácias — neste ponto parece que estamos a lidar com o diabo —, Jonathan faz de *Betzebú* um triunfo. Para garantir a sua publicação por um grande editor, seduz-lhe a filha; e depois organiza sapientemente um grande mistério em volta do autor. Graças a tão hábil estratégia, a primeira edição de *Betzebú* esgota-se num só dia e os direitos de tradução são disputados no estrangeiro. Nos Estados Unidos, o teatro e o cinema apoderam-se da obra; e a seguir é a vez da indústria, que fabrica bonecas semelhantes às suas personagens. Enfim, este tal Chesterfield, que não existe, passa a ser um homem célebre, poderoso e imensamente rico. Ao mesmo tempo, Cyril vai-lhe acrescentando a obra, nos calmos campos da província inglesa, com mais quatro romances que, se nos não enganamos, se parecem com os de Frédéric Tristan. Complica-se o jogo dos duplos e das figuras.

Nesse ponto, o romance sofre uma viragem. Até aqui, pitoresco, movimentado, brilhante, parecia estar a fazer a crítica dos

costumes, especialmente dos costumes literários. Mas agora revela-se uma outra dimensão, metafísica: como é que um maneirismo pode chegar verdadeiramente a sê-lo numa civilização baseada apenas nas aparências?

Jonathan experimenta a filantropia e utiliza as riquezas de que dispõe para fundar uma leprosaria em África. A iniciativa provoca tumultos sangrentos e represões desumanas. Em seguida serve-se da sua celebridade para lançar uma cruzada anti-racista. Jonathan, que já tinha visto o nazismo em acção, pretendia advertir o mundo do perigo que o ameaçava; mas ninguém lhe deu ouvidos e uns adversários anónimos raptaram-lhe a mataram-lhe o filho. Para sobre este incidente a sombra de Lindbergh. A esposa, diminuída por um acidente sofrido em tempos, e que tinha corrido perigo de vida para lhe dar esse filho, afunda-se numa loucura mansa e morre.

Jonathan alista-se então nas Brigadas Internacionais. Traz de Barcelona a experiência decepçante de George Orwell — e Frédéric Tristan empresta-lhe de passagem aventuras deste. O prémio Nobel da literatura vem coroar o militante e o cruzado. Chesterfield tenta, mais uma vez em vão, prevenir dessa tribuna a opinião pública mundial. Depois renuncia a tudo, volta a Espanha e morre, não como combatente mas como santo, na maior pobreza, depois de descobrir, ao fim de demorada investigação a seu respeito e do seu benfeitor, que era judeu. O lítere cujos cordelinhos foram todos voluntariamente cortados transforma-se numa figura crística.

Rico de peripécias — umas cómicas e outras trágicas —, de combinações, maquinações, golpes teatrais, personagens que se transformam e passam do branco ao negro ou inversamente e que pertencem, quase todas, a seitas populares, sapientes ou maléficas, *Les Égarés* termina numa exaltação do judaísmo, destinada a salvar o Ocidente porque garante ao homem que Deus fez com ele uma aliança para todo o sempre.

Não faltam, pois, o alcance e a elevação; mas a meu ver, o abuso das ideias, dos discursos, a sobrecarga romanesca e o excessivo das intenções estragam este livro, especialmente na segunda parte. Clássico pelo estilo, que poderia ser mais trabalhado, o livro pertence à estética barroca, cujas receitas utiliza sem perder uma só: as paródias do romance negro inglês, os jogos, as máscaras, os reflexos, a reutilização cifrada de acontecimentos e personagens históricas... Sempre de duplo sentido e sempre com fundo duplo, esta criação simultaneamente ingênua e astuciosa traz-nos uma curiosa mistura de folhetim à maneira de Dumas e de epopeia metafísica.

JACQUELINE PIATIER

(1) *L'Oeil d'Hermès*, Arthaud, obra ilustrada, 1982.

(2) Recentemente reeditado pela Balland.

(3) *La valeur littéraire*, Fayard, 1983. Ver «Le Monde des livres», 2.IX.83.

LES ÉGARÉS, por Frédéric Tristan, Balland, 439 p., 95f.



Roman Jakobson em Novembro de 1972 na Faculdade de Letras de Lisboa

O que fazem
os poetas
com
as palavras

Roman Jakobson

A poesia é um facto inelutável. Dizem os antropólogos que não há um só grupo étnico desprovido de poesia, mesmo nas sociedades denominadas «primitivas». Trata-se, pois, de um fenómeno universal, exactamente como a linguagem. Em certos grupos étnicos apenas existe, a par da quotidiana, a linguagem poética; desconhecem-se, porém, sociedades em que, além da linguagem corrente, se cultive exclusivamente a prosa artística. Esta é uma superestrutura, algo já de mais complicado, a meio caminho entre a poesia, que é um dos pólos, e a linguagem de todos os dias, que é o outro. Note-se, por outro lado, que em certas sociedades só existe poesia sob a forma de poesia cantada: é o sincretismo primitivo da palavra poética e da música. Mais: em certas tribos que não possuem música instrumental opõem-se o conjunto poesia-música de um lado e a linguagem corrente do outro. Nas tribos que possuem música vocal e música instrumental observa-se, por via de regra, uma estreita ligação entre a música instrumental e a dança. Logo, dois sincretismos: música instrumental-dança e música vocal-poesia. Se considerarmos os movimentos do corpo, o fenómeno ganha maior complexidade: as funções semióticas desses movimentos são duplas: signos da dança que acompanham a música ou por ela são acompanhados — e mímica, gestos que acompanham ou substituem a linguagem. É interessante registar que, em princípio (pomos de remissão não poucos factos intermédios), são os movimentos da parte inferior do corpo que mais se ligam à música, e os da cabeça e dos braços que se associam à linguagem.

Seja-me permitido passar agora ao problema essencial da poesia. Como se sabe, a palavra *poesia*, que é de origem grega, prende-se a um verbo que significa «criar», e, na verdade, a poesia, não sendo o único aspecto criador, é o domínio mais criador da linguagem. Quanto à palavra *verso*, tem a mesma raiz que *prosa*, visto que *prosa* deriva de *provorsa*, *proversa*; oratio *proversa* é aquela que caminha resolutamente em frente, com uma direcção estrita. Além disso, *versus* quer dizer «retorno», um discurso que comporta regressos — e penso ser este um fenómeno fundamental, de que podemos tirar grande número de ilações.

Aqui, ao falar de poesia, refiro-me à poesia em verso, não me ocupo de formas transitivas, é sempre preferível começar pelos pólos. Ora bem: que há no verso que não se observe na linguagem quotidiana? No verso temos unidades linguísticas de toda a espécie, mas, enquanto na linguagem corrente o seu regresso não conta, abstraímos da repetição dessas unidades, no verso a repetição desempenha um papel de que estamos conscientes. Projecta-se na linguagem poética o princípio da equivalência na sequência; as sílabas, os acentos, tornam-se unidades equivalentes. No verso livre não são os acentos, não são as sílabas, mas é a entoação da frase que se repete, formando por essa reiteração regular a própria base do verso. Onde vem a importância da repetição? Cumprir não esquecer que as frases são feitas de palavras e grupos de palavras, e se, por assim dizer, «vivemos» a repetição das sílabas, dos acentos, das entoações, as palavras que se correspondem pela sua posição avaliamos-las subconscientemente do ponto de vista da equivalência. Vejamos que se passa com a rima: o que importa não é só a repetição de um grupo de fonemas, em finais de verso, importam,

Continua na pág. 2



(Desenho de Cagnat)

O que fazem os poetas com as palavras

Continuação da pág. 1

sim, as palavras a que esses fonemas pertencem. As palavras que rimam podem ser substantivos com o mesmo sufixo (**revolução, renovação, etc.**), mas podem ser termos de categoria gramatical diferente que nada tenham que ver uns com os outros. Há poetas, escolas, que se orientam para as rimas gramaticais, e poetas, escolas, que visam antes as rimas agramaticais, ou, mais exactamente, antigramaticais. A questão fundamental reside, em poesia, nas relações entre som e sentido. Age a cada momento, estabelecendo entre as palavras novos nexos, metafóricos ou metonímicos. Se atentarmos, por exemplo, em Fernando Pessoa, veremos que a rima é uma das coisas fundamentais na sua poesia, uma das razões da sua grandeza, pelo poder de suscitar inesperadas alianças de termos, de sentidos, que aceitamos como novos valores. Fala-se de estruturas rítmicas, fala-se de aliteração ou de rima: são, sem dúvida, realidades, mas não se trata só de música, está sempre em jogo a relação entre som e sentido: tudo na linguagem é, nos seus diversos níveis, significativo.

Um problema que me impressionou é o papel da gramática na poesia. Quando estudante li nos manuais que existem poemas (de Puskine, por exemplo) sem imagens, sem tropos, cuja força única reside na força da ideia e do sentimento. Na altura acreditei, depois tornei-me céptico. Mas acreditei, devo dizer, com certa surpresa. A profundidade das ideias Mas não são textos magníficos, cheios de ideias profundas, a **Declaração dos Direitos do Homem** ou a **Teoria da Relatividade** de Einstein? E alguém os classificará de textos poéticos? Logo, para haver poesia parece necessário algo mais. Li, por outro lado, comoventes cartas de amor ou lancinantes cartas de despedida de pessoas que iam matar-se. Pois bem: eram textos repassados de sentimento, não eram poemas! E não se trata apenas da organização rítmica: toda a organização interna está em causa.

Voltei a pensar no assunto quando tive de organizar alguns volumes de traduções de Puskine em checo. Os melhores poetas checos puseram mãos à obra. Quanto entre as línguas russa e checa existam grandes semelhanças, comecei a observar certas falhas de correspondência. Alguns poemas foram traduzidos com perfeita exactidão no concernente à estrutura dos versos, à estrutura das rimas, à escolha das imagens, etc. E, de repente, percebi que a tradução não estava bem: manquejava aqui ou ali. A razão estava nas diferenças de estrutura gramatical entre as línguas eslavas.

Em certos casos, impõe-se uma grande atenção ao papel das categorias gramaticais. Cito um exemplo, entre tantos que poderia aduzir. Uma tradução do russo, não já em checo, mas noutra língua eslava, o polaco: a tradução dum poema de Puskine feita por um grande poeta polaco, J. Tuwim, excelente conhecedor do russo e dotado de singular sensibilidade linguística. O poema, «Amei», é daqueles que se costuma considerar desprovidos de tropos e figuras. Pois bem: a versão em polaco falhou completamente. Porquê? Por não se prestar a necessária atenção a uma diferença que existe entre o russo e o polaco; em russo os pronomes pessoais acompanham normalmente, como sucede em francês, as formas verbais; a omissão dos pronomes pode ocorrer, mas tem uma função enfática, denuncia uma forte emoção; em polaco dá-se justamente o contrário: normalmente não se empregam os pronomes, as desinências bastam para indicar as pessoas, e usar os pronomes provoca uma impressão afectiva, envolve um tom retórico. Dostoiévski compôs uma breve narrativa onde diz, trocando dum publicista russo: «Fizera-se tão vaidoso que omitia sempre o pronome da primeira pessoa». Ora no poema de Puskine, onde dialogam um herói e uma heroína, há um jogo fundamental entre os pronomes **eu** e **vós**; conservando, na tradução, o pronome da 1.ª pessoa, dá-se ao texto um carácter excessivamente retórico.

Se surgem complicações com a 1.ª pessoa, o mesmo sucede com a 2.ª, porquanto em russo, como em francês, há duas possibilidades; **tu** e **vós**. **Tu**, no poema de Puskine, seria, em polaco, demasiado íntimo; quanto a **vós**, não existe em polaco: ou se emprega **tu** ou sentão a 3.ª pessoa. Assim, Tuwim encontrou-se perante um dilema; ou usar um modo de tratamento íntimo de mais, que o poema não permite, ou a 3.ª pessoa, tratamento tão cerimonioso, tão «oficial», que destruiria o texto. Aqui está, bem evidente, a importância das categorias em poesia.

Dediquei-me ao estudo dos problemas de paralelismo, já detidamente analisados na China do séc. IX com a penetração que se diria dum linguista do nosso tempo. Gerard Manley Hopkins, grande poeta inglês do séc. XIX, incompreendido em vida mas considerado hoje um clássico, e também excelente teórico da poesia, fez, ainda estudante, observações muito agudas sobre o paralelismo, indicando



Roman Jakobson

a repetição de sons, a repetição de categorias gramaticais, a repetição de categorias gramaticais, a repetição de construções frásicas, fenómenos que é fácil descobrir na Bíblia mas que — acentuava Hopkins — se multiplicam também na poesia contemporânea, apenas a um nível de maior complexidade. E é exactamente assim. Nos manuais (nunca se deve acreditar nos manuais) lê-se que o paralelismo canónico é monótono, outras vezes que, bruscamente, é desrespeitado. Mas não se vê que, por exemplo, no fragmento mais antigo do **Cântico dos Cânticos**, nos versos «Vem do Líbano, minha noiva, / Vem do Líbano, vem», o paralelismo não foi quebrado, já que o imperativo (**vem**) e o cativo (**minha noiva**) se correspondem na função conativa; a poesia do **Cântico dos Cânticos** é mais subtil que os manuais... Observamos aqui formas diferentes com idêntico valor, a combinação da identidade com a diferença que, como já notava Edgar Allan Poe, gera a poesia.

Encaremos o problema dos géneros gramaticais. Aparentemente não tem qualquer importância, mas a verdade é que nós repartimos todas as coisas, não só os seres animados como os inanimados, pelas categorias do masculino e do feminino, dividimos o mundo segundo esta perspectiva. Quando, na infância, li os contos de Grimm, onde a morte assume a figura dum velho, protestei junto da minha mãe: «Mas a Morte é uma mulher». Só depois aprendi que a palavra **Morte** (**der Tod**) é masculina em alemão. Mais tarde deparou-se-me o caso duma tradução dos poemas de Pasternak em checo. O livro, em russo, intitula-se **Sestra moja zhizn'** («Minha irmã, a Vida»). Mas em checo o vocábulo que significa «vida» é masculino; e era impossível traduzir **Minha irmã**, mas igualmente impensável **Meu irmão**, a **Vida**. O tradutor, Josef Hora, poeta de elevada craveira, ia dando em doido... Um último exemplo: o poema de Heine (**Ein Fichtenbaum steht einsam (...)** **Er träumt von einer Palme...**) em que duas árvores isoladas — um pinheiro, no Norte, rodeado de neve, e uma palmeira, no Sul, envolvida no calor meridional — sonham uma com a outra, exprimem um amor que a distância não permite saciar. Pois bem: traduzido em russo o poema fica adocicado de mais, um pouco perverso até, porque as palavras que, em russo, designam as duas árvores são ambas femininas; na versão francesa o efeito não é menos estranho, visto que as duas árvores (**un pin solitaire; un beau palmier**) têm nomes masculinos; sempre que li esta versão francesa sem explicação prévia, os ouvintes acharam-na grotesca...

As considerações que estou a fazer levantam o problema das relações entre linguística e Poética. Dizia Santo Agostinho que um homem que não tem em conta a poesia e não compreende a poesia não pode arrogar-se a qualidade de gramático. Estou inteiramente de acordo com esta grande autoridade. Para ser gramático — hoje dizemos linguística — é preciso conhecer a língua em todas as suas funções, e a função poética é universal, coexiste sempre. Comparece na poesia onde organiza todas as restantes funções (não as elimina: organiza-as), e na prosa, na linguagem corrente, onde se torna subalterna. Em Santo Agostinho não está expressa mas parece implícita uma verdade complementar: não nos podemos ocupar de poesia sem ter em conta a ciência da linguagem. Decerto, há linguistas que, escravos da maré verbal, não se mostram sensíveis ao valor estético. **Esses, porém, são os maus linguistas.** Adoptando uma atitude mecanicista, escapa-lhes a extraordinária ductilidade da linguagem, a grande variedade das funções que esta desempenha. Claro é necessário ter o sentido da poesia, saber distinguir na descrição linguística do texto o que é pertinente e o que não é pertinente do ponto de vista poético.

Por outro lado, há críticos ou historiadores da literatura que, indiferentes à arte verbal, apenas se interessam pela mensagem em si própria, pelo que as palavras significam. Mas esses são críticos defeituosos. Como no século XVI ponderava Sir Philip Sidney, um poeta não pode mentir; com efeito, só mente quem faz asserções, e um poeta não faz asserções. O que dá valor a um poema, convém insistir, é a relação entre sons e sentidos, é a estrutura dos significados — problema semântico, problema linguístico no sentido mais amplo do termo.

(Este texto é a condensação de uma conferência que, em Novembro de 1972, Jakobson pronunciou na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. — «Cadernos da Colóquio/Letras»/«Teoria da Literatura e da Crítica»).

Alejo Carpentier e o seu tempo

Enrique Soldevilla

Por ocasião do trigésimo aniversário da publicação dos seus livros perdidos, realizou-se o terceiro ciclo internacional de estudos em homenagem aos auspícios do «Centro de Promoción Cultural Alejo Carpentier» que participaram estudiosos da Venezuela, Colômbia, Peru, Guatemala e Cuba.

ALEJO CARPENTIER E O SEU TEMPO
Por Enrique Soldevilla*

ALEJO Carpentier Valmont publicou nove romances, sete contos, quatro livros de ensaios, três libretos para ballet, uma ópera-bufo, vários poemas e cerca de seis mil peças jornalísticas.

A sua carreira literária, indissolúvelmente ligada à sua projecção na vida política e social, ode ser dividida em duas fases fundamentais: uma de **formação** e outra de **consolidação**. A primeira vai de 1921 a 1949, desde a sua iniciação no jornalismo e na literatura até à publicação de **El reino de este mundo**, cujo prólogo anuncia em teoria a prática do «real-maravilhoso» americano. Ou seja: quando nele se formou uma consciência estética propriamente latino-americana. A segunda decorre de 1949 a 1980 e caracteriza-se pela ininterrupta reelaboração e prática da escrita — vem completar e consolidar a aprendizagem inicial.

Um breve relance ao segmento da vida do escritor passado em Cuba de 1921 a 1928 permite-nos compreender que o jovem Carpentier se formou ao calor de uma intensidade política de indiscutível significado para a configuração da sua consciência social. Foi durante esses anos que ele conheceu Julio Antonio Mella, Rubén Martínez Villena e Juan Marinello, entre outras figuras revolucionárias de vanguarda da nova geração. Participou no «Movimiento de Veteranos y Patriotas», ingressa no grupo «Minorista» e assina o seu histórico Manifesto, num de cujos parágrafos mais definidores da sua projecção social se declara:

«Pela revisão dos valores falsos e já gastos. Pela arte vernacular e, em geral, pela arte nova nas suas diversas manifestações. Pela reforma da instrução pública. Pela independência económica de Cuba e contra o imperialismo yankee. Contra as ditaduras unipessoais no mundo, na América, em Cuba. Pela cordialidade e união latino-americanas».

Era a época da «vanguarda», dos «ismos» da literatura e da arte europeias: o novo opunha-se ao velho; sopravam ventos de renovação à escala mundial. Mas a época iniciara-se, antes do mesmo, com a Grande Revolução de Outubro e com a fundação do primeiro Estado socialista do globo. O pensamento marxista-leninista chegava à América Latina, onde na década de 20 — e depois, na de 30 — foram fundados numerosos partidos comunistas. Os ensaios do peruano José Carlos Mariátegui abriam novas perspectivas à criação e à análise da literatura como também ao conhecimento profundo dos problemas latino-americanos. A realidade da história ia definindo lenta mas seguramente os contrários.

Do ponto de vista da cultura, aquela época apresenta, na América Latina, um denominador comum: a revalorização das raízes culturais dos nossos povos, as suas vertentes, o seu cadinho étnico. Toda uma literatura — em poesia como em prosa — testemunha esse traço revelador da formação de uma consciência histórica dos fenómenos culturais. Os poemas do porto-riquenho Luis Palés Matos, a narrativa de Jorge Icaza e os próprios ensaios de Mariátegui constituem uma sua amostra representativa.

Produz-se aqui, deste lado do Atlântico, o primeiro grande movimento pictórico autóctone, plasmado nos comoventes murais de José Clemente Orozco e de Diego Rivera, nos quais pela primeira vez irrompem com uma força milenária as massas populares mexicanas.

Em Cuba estava então a desenvolver-se a investigação sociológica e histórica das raízes culturais, acalentada pelos estudos de Fernando Ortiz e de Emilio Roig de Leusdenring, que pertenciam também ao movimento «Minorista». A poesia «negrista» de Emilio Ballagas e de Nicolás Guillén, a música de Amadeo Roldán e de García Caturia e a

primeira novela de os seus liberto pa de revalorização cul dade, na medida e história e em que g raízes, ia estabelec do presente nas do económico Por do Manifesto os «M deu início aotham tas», no qual Alejo C partido do proletaria de prisão, juntamen



Carpentier seu tempo

publicação da novela Los pasos
onal de conferencias sob os
Alejo Carpentier», no qual
mbia, Peru, Chile, Roménia,

novela de Alejo Carpentier, assim como
libertos para ballet, exprimem a corrente
prização cultural nacional. E a intelectuali-
medida em que procurava resgatar a
e em que ganhava consciência das suas
estabelecendo um compromisso com o
ente — nas esferas do político, do social e
mico. Por isso, logo depois da assinatura
esto dos «Minoristas», o ditador Machado
o ao chamado «processo dos comunis-
qual Alejo Carpentier — que não militava no
proletariado — foi condenado a uma pena
o, juntamente com outros revolucionários,



Alejo Carpentier

em 1927. O contexto em que se opera a formação
deste escritor marca a rota da sua trajetória de
intelectual comprometido com a causa dos que
fazem a história.

Durante a sua permanência em Paris, de 1928 a
1939, estabeleceu relações com os membros do
movimento surrealista, e especialmente com Ro-
bert Desnos e Paul Eluard, figuras de reconhecido
prestígio revolucionário. Deslocou-se a Espanha
em 1937 juntamente com Juan Marinello, Nicolás
Guillén e Félix Pita Rodríguez a fim de participar no
Segundo Congresso Internacional de Escritores
para a Defesa da Cultura. As suas experiências na
frente republicana foram publicadas nesse mesmo
ano na revista **Carteles**, da qual ele era correspon-
dente na capital francesa. Além disso, foi também
então que Carpentier começou a estudar a história,
a economia e a cultura latino-americanas — árdua
empresa que, conforme ele próprio viria a explicar,
lhe ocupou perto de oito anos de trabalho. Depois
de regressar a Cuba em 1939, deu início, na esta-
ção de rádio CMQ, ao programa Los dramas de la
guerra», que foi uma tribuna de denúncia do na-
zismo hitleriano.

Seria na sua viagem ao Haiti em 1943, que se lhe
revelariam a realidade americana e as suas po-
tencialidades de criação literária. Dessa experiên-
cia vital nasceriam **El reino de este mundo** e o
«real maravilhoso». Quando essa novela foi publi-
cada, em 1949, já Alejo Carpentier era um homem
maduro, conhecedor do seu tempo e da sua arte.

Carpentier viveu na Venezuela durante catorze
anos e regressou a Havana nos primeiros meses
de 1959. Citaremos apenas o testemunho de um
seu contemporâneo, Héctor Mujica, que, falando
da sua atitude em Caracas, escreve:

«Quem disser que Alejo foi indiferente à situação
que a sua pátria sofreu entre 1948 e 1958, ou pura
e simplesmente o não conheceu, nem leu o que ele
escreveu na Venezuela, ou então é um beócio de
maus figados. Alejo estava tão possuído das nos-
sas coisas que — apenas por motivos que só nós,
comunistas, podemos entender e devido a situa-
ções que ainda não podem ser reveladas — um seu
compatriota, comunista, o informava periodicamente
do curso da situação política nacional. E eu
próprio recebi dele donativos para o partido na
clandestinidade».

II

Alejo Carpentier foi um escritor, um artista, politi-
zado. A sua trincheira é a sua obra; o seu modo de
agir, a palavra impressa.

As suas novelas, de filiação realista, brotam do
conhecimento da história, da própria vida e da
profundidade do ser latino-americano porque con-
têm em si aquilo que ele universalizou como o «real
maravilhoso» americano. Quer dizer: a irrupção
das pegadas da história na vida quotidiana dos
nossos povos.

Uma tal concepção estética, em minha opinião,
não teria podido formar-se sem o conhecimento
das leis que regem a evolução social — leis que,
com a passagem do tempo, deram o rosto da nossa
América. E os seus fundamentos gnoseológicos
residem na concepção materialista da história, que
lhe permite, como já Marta Aguirre adiantou, plas-
mar a realidade das coisas e não simplesmente as
coisas da realidade. Baste-nos o exemplo do conto
Semejante a la noche, em cujo final um velho
soldado recorda as verdadeiras causas da guerra
contra Tróia nos seguintes termos:

«Na realidade, por trás daquela empresa, que
com tão elevados propósitos se escudava, havia
muitos negócios que nenhum benefício trariam aos
combatentes de maior ou menor graduação. O que
acima de tudo importava — afirmava o velho sol-
dado — era vender mais olaria, mais vasos com
cenas de corridas de carros, e abrir caminho para
as gentes asiáticas, amigas de trocas, acabando
de vez com a concorrência troiana».

Se algo existe que distinga toda a obra de Alejo
Carpentier, esse algo é o seu carácter incendiário,
o seu desafio à ignorância e à vacilação perante a
história e perante a vida.

Para lá do fogo apaixonado que emana das suas
páginas pervive, como condição essencial, a natu-
reza transformadora do homem e o seu constante
afã de melhorar o que existe, de a si próprio umpor
tarefas no reino deste mundo.

* Enrique Soldevilla é um especialista em estudos
sobre cultura do «Centro de Promoción Cultural
Alejo Carpentier» de Havana.



Enguerrand Quarton (1453)

ALGUNS PROBLEMAS DA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NA PINTURA

I — A ocupação do espaço

Fernando Guerreiro

SE pensarmos
numa tela típica-
mente medieval
reparamos que,
para que se pro-
duza sentido (isto
é, para que ela seja
lida, compreendi-

da), não importa muito uma dis-
posição espacial ou figurativa ra-
cionalizada (de acordo com os
nossos hábitos de percepção do
espaço e das coisas) ou imitativa
(«realista»). A efemeridade dos
atributos do signo (figurativos) é
superada pela transcendentali-
dade da relação de significação
(simbólica — em que o signo não
é uma «cópia» mas um índice de
um valor que nos catapulta desde
logo para outro plano — não di-
recto, imediato, contíguo — de in-
terpretação das coisas) que, por
assim dizer, **pré-existe e institui**
tanto o sistema dos signos como
a sua leitura (ou seja, as relações/
sistema de significação e o siste-
ma de decifração das coisas).

No entanto, se pensarmos
numa tela ligeiramente posterior
(dos séculos XIV ou XV), damos
conta que a **racionalização** da
(re-)apresentação do assunto
(por exemplo, uma Paixão de
Cristo com um fundo de paisa-
gem ao fundo — a «Pieta d' Avi-
gnon», cerca de 1460) ou o carac-
ter mais «realista» (imitativo) das
figuras, contribuem já para dar
um **acréscimo** de sentido às coi-
sas: a racionalidade do mundo e a
possibilidade de a tornar visível
constituem, assim, **atributos**
dessa transcendência (marcas
encarnadas, materialmente rea-
lizadas, do que anteriormente era
um puro plano de instangibilidade
do sentido).

O exemplo que demos tem a
generalidade de um traço de civi-
lização ou de cultura: ou seja, o
que referimos a propósito dos si-

gnos iconográficos aponta para
um sistema mais geral tanto de in-
terpretação das obras como do
pensamento — e, portanto, de um
sistema de **Representação** das
coisas (sinais) e do mundo.

Podemos, assim, identificar ti-
pos de **relação de significação**
(no quadro de uma Civilização)
que permitem uma interpretação
(relativamente universal) das
obras e dos factos — ou seja,
uma **relação de reconhecimento**
e de **identificação imaginária**
(dentro de uma dada continua-
de e homogeneidade simbólica)
dos homens nas obras, nos fac-
tos e no mundo.

Simplificando, e do nosso estrito
ponto de vista, podemos referir
duas relações desse tipo: se na
Idade Média (da qual a unidade
de significação e de representa-
ção seria o **Símbolo**) existia uma
relação única e imediata, totaliza-
dora e estável, fechada e inques-
tionável, entre as obras, as mar-
cas materiais (coisas, sinais ico-
nográficos, acontecimentos ou
palavras) e o plano do Significado
— uma **relação de transcendên-
cia** que servia de suporte de ga-
rantia à operacionalidade e efica-
cia de todo o processo de leitura e
de significação das obras —, na
nova Civilização emergente com
o Renascimento, a do **Signo**
(uma unidade convencional e re-
lacional de outro tipo), como essa
anterior relação de transcendên-
cia acabara por perder a sua an-
terior homogeneidade e evidên-
cia (o seu carácter de autoridade),
tiveram de se organizar no-
vas formas de Representação e
de (re)conhecimento (de identi-
ficação imaginária): ou seja, uma
relação mais complexa, **estrutu-
ral** (entre estruturas) assente ou
determinada pelo princípio orga-
nizador (especular) da **mimese**
(imitação «realista», antropomor-

fismo) ou da **analogia** (1).

A passagem do Uno ao Múltiplo — ou a transição da Civilização do Símbolo (Medieval) para a do Signo (Renascimento)

Com o desenvolvimento de no-
vas práticas (e elementos, facto-
res de conhecimento), o pensa-
mento deixa, progressivamente,
de conseguir (re)cobrir tudo aquilo
que lhe vem do mundo: deste
modo, o desenvolvimento técni-
co, a primeira revolução industrial
dos séculos 12/13, o desenvolvi-
mento do comércio, das trocas,
dos contactos, das cidades, das
posses e das riquezas, mudam as
próprias relações dos homens
com as coisas e entre si (2).

A uma prática tão implícita e
explicitamente fechada como a
medieval (do Símbolo) sucedem
outras que, sem nunca a contestar
nos seus fundamentos, como a sua
**pluralidade indife-
renciada** (em que as diferenças
já existem mas ainda não se tor-
naram claras — ainda não foram,
enquanto tais, nas suas novas
exigências, interpretadas), sepa-
ram o sentido das formas (as pa-
lavras, das coisas), assim como o
Sujeito do próprio momento da re-
produção ou recondução (idênti-
cas) de um sentido — e, desse
modo, criam um espaço cada vez
maior de **ambiguidade** possível.

Este movimento é contempo-
ráneo da própria **diversidade**,
cada vez mais diferenciada, das
outras práticas (nos campos do

Continua na pág. 4

Transflex

Carlos Leite



1.

Um relâmpago estende-se até à ruptura, da luz fica o som e os olhos neutros, brancos, suores frios; o vômito amplia ainda imagens, intensas, imagens de efeito, gritantes como capas de revista. Fico com o que fica, tenso, do que se partiu.

2.

Subliminar, som subliminar: o resíduo sonoro pressionado sobre a película cinematográfica muda, colo-me a ele, sou esse som. Tenho passado em todas as salas escuras algo, alguém. A morte mostra, eu vejo.

3.

A primeira audição disto toca. a segunda fala-nos. Depois falam os homens e as mulheres com isto, disto, feminizam-se por dentro e por fora, abrem-se a todas as penetrações, dão tudo à luz, falam com a vida e com a morte.

Eu falo com a morte e com a vida e isto fala em mim e através de mim, com tudo, algures entre, entrevejo-me agora, emerge (STÉREO, ETÉREO) então a voz de entre mim mesmo e mim. Finalmente o canto encanto, disto, livre.

I-A ocupação do espaço

Continuação da pág. 3

conhecimento, da cultura e da sociedade). Há, assim, um ponto em que o desenvolvimento relativamente autónomo do empírico — as práticas técnicas e empíricas — torna insustentável um determinado estágio (fase) da prática ideológica e a desequilíbrio, refundindo-a no movimento — que ganha um carácter cada vez mais teórico — dessas novas práticas.

Como no pensamento medieval (do Símbolo) tudo se encontrava em ligação com tudo, as mais pequenas diferenças emergentes têm uma repercussão em cadeia, pondo em causa o dogma da universalidade e os suportes de todo o sistema. Assim, ao mesmo tempo que se tornam mais lússas (e menos evidentes, necessárias) as relações centrípetas que ligavam os Símbolos aos seus sentidos (ou único sentido: tanto as coisas como os sinais eram considerados momentos segundos, traços/marcas, e feitos desse único sentido), ganha corpo (acentua-se) a própria noção de real como diversidade (é o estilizar do movimento centrífugo) e passa-se a ter noção dos aspectos mais particulares, concretos e diferenciados de cada coisa e da prática (enquanto produtividade e eficácia), trata-se da passagem do Uno ao Múltiplo em que os sentidos se produzem (3).

Na transição de um tipo de Civilização (sistema de interpretação, cultura) para outro, podemos definir como particularmente importantes três factores ou operações constituintes: a) a quantificação das qualidades (que aponta para uma medição e mediação do sentido); b) a concretização diferenciante (a passagem do uno ao múltiplo e do geral e esquemático ao particular — com diferenciação dos sentidos); c) a da pluralidade (das práticas, dos Sujeitos e dos sentidos).

Através da tendência progressiva para a quantificação das qualidades, a relação entre o transcendente e o nomeável passa a ser mediada (por um saber e uma prática) e medível. Passa-se, assim, do plano do transcendente para o dos significados: o sentido já não é uno (e intangível) mas uma estrutura (o sentido místico de cada coisa é trocado por uma relação de multiplicidade de sentidos: passa-se do sentido único ao sentido mais justo) (4).

A tendência para a concretização diferenciante (a passagem da rocha simbólica puramente notacional, simplificada e abstracta — à multiplicidade e materialidade das rochas) produz tanto um espaço de não correspondência entre as coisas e os seus sentidos (antigos) — um espaço de ambiguidade em que a ambiguidade semântica se torna um valor produtivo e positivo de sentido — como cria as condições para um novo sistema de significação (um novo sistema de relações entre as coisas e as palavras) que, no essencial, vai ser o do Signo (5).

Por seu turno, a multiplicidade do real (que assim se vai produzindo...) traduz-se também numa multiplicidade de práticas e na valorização dos conceitos (novos) de erro e de experiência que estão na base de uma nova concepção (mais optimista, positiva) do Sujeito e do Indivíduo (e que terá a sua melhor formulação no modelo do filósofo-artista ou do gênio renascentista — com Leo-

nardo, Giordano Bruno. Cf. Jean-Nôel Vuarnet, *Le Philosophe-artiste*, U.G.E., 10/18).

Sintetizando, podemos dizer que da conjugação destes factores (de transformação, mudança e re-orientação do sentido) resultam novos traços estruturais que se irão precisando nas obras (artefactos, coisas, produtos) deste período (s. XIV e XV): a) a progressiva autonomização do elemento material (ou formal, significante); b) a criação de um espaço de ambiguidade, produtivo de um Sujeito e de um sentido (a zona em que as novas relações de dominância e de estrutura se jogam e se cruzam); c) a individualização de um Sujeito como Sujeito de uma prática e a sua separação (e a da sua prática) do movimento (até então exclusivo) da reprodução de um sentido.

Em todo este processo (complexo, lento, difícil) é sempre a insistência do/e no Significante (como «real» ou diferença esquisita) que cria espaço para a separação (o carácter binário) da unidade do Signo (divide-o em Significado e Significante, que se articulam): deixando linguagem e real de se equivalerem, abre-se assim um espaço vago, uma produtividade, que é a produtividade (ou a nova prática) do Signo (espaço e produtividade que, de um modo um tanto lato, o Renascimento, enquanto Civilização, institui e formula).

Diferentes tipos e momentos das práticas de transição ou de compromisso

Neste complexo movimento de transição — e ainda de indecisão dos sentidos — podemos encontrar inter cruzadas práticas de três grandes tipos (que correspondem a outros tantos momentos — mais modelares, técnicos, do que necessariamente sucessivos): a) exemplos de saturação significativa dentro da própria prática simbólica (a escolástica, o gótico); b) práticas de sutura e de compromisso (em que os elementos novos ainda são absorvidos num sistema-outro que os estrutura — ou seja, que em última análise os normaliza do ponto de vista da leitura); c) o desenvolvimento de práticas novas (que, de início, se colocam antes de mais no plano técnico e empírico: só depois se dará a reformulação do teórico e do ideológico, com o estabelecimento de um novo plano de interpretação e de estrutura).

Se a arte românica, como Gilbert Durand refere, é uma «arte indirecta», de «evocação simbólica» («o que transparece na encarnação escultural do símbolo românico é glória de Deus e a sua sobre-humana vitória sobre a morte» — e daí a sua geometria ritual e depuração), a arte gótica, segundo o mesmo autor, acompanha por um lado o «deslizar para o mundo do realismo perceptivo» («do expressionismo e mesmo do sensualismo: de cordo como naturalismo do aristotelismo o «sensível deixa de ser um mundo de intercessão ontológica no qual que se epifaniza um mistério» e o mundo material passa a ter um lugar próprio, um domínio que é estudado pela Física).

Conclui no próximo Suplemento

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA

IV Encontro sobre literatura para crianças



N OS dias 7, 8 e 9 de Novembro, na Fundação Calouste Gulbenkian, ocorre o IV

Encontro sobre Literatura para Crianças, sob o tema central «A imagem do mundo nos livros para crianças — Evocação de António Sérgio».

O programa de trabalhos é o seguinte:

Dia 7, Auditório 2

Às 10 horas, abertura do Encontro com evocação de António Sérgio pela dr.^a Maria José Rau «António Sérgio, autor de livros para crianças»; e às 15 horas, pela dr.^a Natércia Rocha, «A imagem da escola nos livros para crianças».

Dia 8

Às 10 horas, «A imagem da família nos livros para crianças», pela dr.^a Ivone Mendes Leal; e às 15 horas, «A imagem do trabalho nos livros para crianças», comunicação da dr.^a Alice Vieira.

Dia 9

Às 10 horas, «A imagem da natureza nos livros para crianças», pelo dr. José de Almeida Fernandes; e às 15 horas, «A imagem do mundo futuro nos livros para crianças», comunicação do dr. Carlos Correia.

«CALÇADA DO SOL», agora lançado pela Moraes, é o último título das obras completas de José Gomes Ferreira. O grande poeta desenvolve o título com as seguintes palavras: «diário desganhado de um homem qualquer nascido no princípio do século XX». Trata-se da infância, mas com o sabor de quem já viveu muitas e muitas décadas... De quatro partes se compõe o livro: «Calçada do Sol», «Liceu», «Papéis soltos» e «O faminto astral». Um livro de ficção que se desfolha, se lê, se lamenta ter acabado. Mesmo bom para se oferecer aos amigos no Natal que se aproxima. Ah, grande Zé Gomes!

«VÉRTICE» acaba de lançar mais uma edição da sua colecção «Cancioneiro Vértice», com o título «Poemas do tempo incerto», da autoria de Luís Serrano. Atenção: dois desenhos originais de José Rodrigues. Ao acaso, um pequeno poema de Luís Serrano: «Monsanto lagarta/de luz e pedra/sobre a colina/artéria deslumbrada/ silêncio coalhado /que se ilumina...»

«RIO ESPERANÇA», de A. Vicente Campinas, é, como diz o autor, um livro de crónicas. Subtitulado «Guadiana, meu amigo», o presente livro do autor apoia-se no seguinte juízo de Panait Istrati: «É preciso conhecer o passado e o presente para se saber o que desejar no futuro.» Em breve introdução, diz A. Vicente Campinas: «Assim como há escritores e poetas que cantam o campo e as ceifas, a planície e a montanha, a semente e a flor, há os que se entregam à alegria da tarefa do diálogo com o mar, a descrição da vida diária dos pescadores e outros marinheiros no seu contacto visual e corporal com o gigante azul-marinho. (...)» Campinas, aliás, abre o presente livro com a crónica intitulada «Quem nasce à beira-de-água. Um estilo muito simples (o que revela muito trabalho de escrita), imagens que ficam nos olhos da memória, uma visão da vida que a torna digna de ser vivida. Um livro, enfim, a ler. — Edição do «Jornal do Algarve».

